









# ESTUDO ACERCA DA IMPRENSA PERIÓDICA PORTUGUESA A PARTIR DE UM LEVANTAMENTO HISTÓRICO

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

# ESTUDO ACERCA DA IMPRENSA PERIÓDICA PORTUGUESA A PARTIR DE UM LEVANTAMENTO HISTÓRICO





# Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista - Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa) Virgínia Camilotti (UNIMEP)

# Francisco das Neves Alves

# ESTUDO ACERCA DA IMPRENSA PERIÓDICA PORTUGUESA A PARTIR DE UM LEVANTAMENTO HISTÓRICO



- 118 -











Lisboa / Rio Grande 2026 Ficha Técnica

Título: Estudo acerca da imprensa periódica portuguesa a partir de um levantamento histórico

Coleção Documentos, 118

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O impacto dos jornais em meio às pessoas nas ruas (CHARIVARI. Porto, 20 jun. 1891)

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa Biblioteca Rio-Grandense Lisboa / Rio Grande, Fevereiro de 2026

ISBN - 978-65-5306-062-3

# O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

# ÍNDICE

Um levantamento de periódicos portugueses editados ao final do século XIX / 9

A crítica política na imprensa ilustrada e satírico-humorística portuguesa: breve estudo sobre *A Corja |* 189

# UM LEVANTAMENTO DE PERIÓDICOS PORTUGUESES EDITADOS AO FINAL DO SÉCULO XIX

Apesar da crise geral que atingia a sociedade portuguesa ao final do século XIX, o jornalismo luso passava por uma etapa de evolução quantitativa e qualitativa. A busca por informações, a intenção de veicular opiniões dos vários grupos então atuantes nos campos político-ideológicos, socioeconômicos e culturais, ou mesmo o gosto pela leitura e a procura por entretenimento, foram fatores que estimularam a edição de periódicos, que se espalharam pelo reino, concentrados em Lisboa, cidade secundada pelo Porto, mas que também atingindo variadas localidades lusitanas. Eram noticiosos, político-partidários, ilustrados, satírico-humorísticos, representantes de determinados segmentos da sociedade, entre tantos outros gêneros, que proliferam em meio ao público leitor¹. Este trabalho busca apresentar um levantamento acerca de alguns dos títulos de periódicos que circularam em Portugal ao longo do último decênio do

-

¹ Sobre a imprensa portuguesa nessa época, ver: TENGARRINHA, José M. História da imprensa periódica portuguesa. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.; TENGARRINHA, José M. Imprensa. In: SERRÃO, Joel (dir.). Dicionário de História de Portugal. Porto: Figueirinhas, 2000. v. 3.; RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). História da imprensa. Lisboa: Planeta Editora, 1996.; CUNHA, Alfredo da. Periódicos e relações, periodistas e noticiaristas. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.; MANSO, Joaquim. O jornalismo. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942.; ARANHA, Pedro W. de Brito. Mouvement de la presse périodique em Portugal de 1894 a 1899. Lisboa: Imprimerie Nationale, 1900.; ARANHA, Pedro W. de Brito. Rapport de la Section Portugaise – 1er. Congrès International de la Presse (1894 – Anvers). Lisboa: Imprimerie Universelle, 1894.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. O jornalismo português: resenha cronológica. Lisboa: Tip. Soares, 1895.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva, 1897.; e PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. Movimento evolutivo do jornalismo político em Portugal no século XIX. In: Revista de Sciencias Lettras e Artes. Lisboa, 1(2) jul. 1901, p. 52-57; 1(3).

século XIX², levando em conta aqueles que foram criados entre 1885 e 1890³. Não se trata de um arrolamento completo dos jornais existentes então no contexto lusitano, um sim uma amostragem que permite o reconhecimento de algumas das publicações então editadas no âmbito luso.

Um significativamente longevo diário editado em Lisboa foi o *Novidades* publicado de 7 de janeiro de 1885 a 30 de setembro de 1964<sup>4</sup> e que ocuparia um dos primeiros lugares entre os periódicos de sua época<sup>5</sup>. Era um vespertino

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Adaptado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Visões espelhadas d'além mar: a primeira década da república brasileira sob o prisma da imprensa portuguesa*. Rio Grande: Editora da FURG, 2017, v.1, p. 100-128.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Tal breve histórico foi realizado a partir do estudo dos programas normalmente expedidos pelos periódicos em suas edições iniciais e/ou a partir de números alusivos aos seus aniversários, notadamente na ausência da edição original e/ou quando esta era muito remota em relação ao período abordado, dependendo sempre da disponibilidade e do acesso às fontes. Nem sempre os jornais promoviam a publicação de seus programas e, por vezes, o faziam à parte, em números especiais que antecipavam a primeira edição, os quais, em muitos casos, ficaram perdidos, não constando nos acervos das hemerotecas. Havia também o caso das publicações que não demarcavam suas datas de aniversário, virando o ano sem tecer comentários a respeito da efeméride. Além disso, dentre os exemplares remanescentes nem sempre foram encontrados ou não houve acesso aos números referentes aos programas ou aniversários das folhas, o que dificultou a identificação de suas propostas editoriais. A inclusão de uma imagem de cada um dos periódicos visa a sua melhor identificação, buscando demarcar uma identidade visual, mas, também por questões de acesso - muitas vezes restrito apenas à leitura –, não foi possível obter tal versão de todos eles, bem como, em alguns casos, tendo em vista a prestação do serviço de cópias, a qualidade ficou prejudicada. Conteúdos bibliográficos, rarefeitos e em pequena quantidade, também foram utilizados para a busca de informações.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX.* Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, v. 2. p. 130.

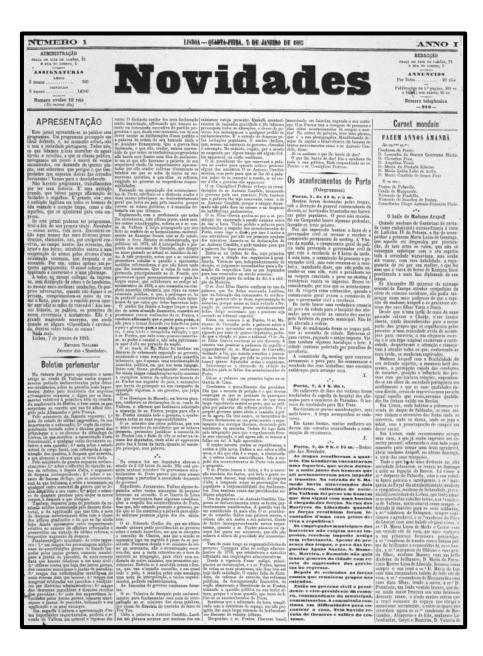
<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> TENGARRINHA, 1989. p. 220.

monárquico<sup>6</sup>, que, em seu número de estreia, trazia uma breve "Apresentação", na qual dizia chegar ao público sem um programa, uma vez que o mesmo pressupunha "um ideal definido", o que, naquele momento, não o possuía a sociedade portuguesa. Nessa linha, explicava que todos que lidavam naquele "marulhar de águas turvas e revoltas", chamado política, navegavam "um pouco à mercê dos ventos encontrados, em demanda de ignotas plagas", sem saber "que perigos e que tempestades" esperavam por "detrás dos cerrados horizontes", em um quadro pelo qual todos iam em direção ao desconhecido. Segundo a folha, ao não fazer programa, trabalharia para "ter uma história", o que seria "a ambição legítima de todos os homens de boa vontade e coração limpo", como os que se juntaram para formar aquela empresa jornalística. Em síntese, afirmava que, se pudesse ter um programa, o tiraria do seu próprio título, como sinônimo de "coisas novas ou de vida nova"<sup>7</sup>.

.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> LEMOS, Mário Matos e. *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário.* Coimbra: Ariadne Editora; CEIS20, 2006. p. 467.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> NOVIDADES. Lisboa, 7 jan. 1885. A. 1. N. 1. p. 1.



No contexto portuense circulou *O Correio do Porto*, editado entre 9 de março de 1885 e 6 de maio de 1895<sup>8</sup>, semanário que colocava ao lado do caráter noticioso, uma proposta editorial bastante combativa no âmbito dos embates partidários lusos. Ainda que garantisse que podia existir "com a cabeça levantada, sem a menor dependência de partido algum", dizia também que estava "filiado ao Partido Regenerador", seguindo-o passo a passo, por considerar que ali estavam agrupados os "poucos homens de bem". Explicava que enfrentara várias lutas, todas carregadas de "muitos desgostos e muitas contrariedades", mas destacava que não desistiria, mantendo sua pauta e suas práticas editoriais embasadas em uma "consciência limpa". Declarava estar pronto a batalhar "contra o vício e os tratantes"; a "indagar os vícios da sociedade", expondo-os "à irrisão pública"; a procurar "os criminosos para entregá-los aos tribunais" e para julgá-los "perante o venerando tribunal da opinião pública"; e a denunciar "os ratoneiros, os fajardos" e "todos os patifes" que roubavam "a nação e a sociedade"<sup>9</sup>.

-

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX.* Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 210.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> O CORREIO DO PORTO. Porto, 4 mar. 1889. A. 5. N. 1. p.1.

# O Correio do Porto

sea o ar. Přijipe Moreira da Cruz, rua do Confe da Boà Vista, 87,

APMINISTRAÇÃO E ERRACÇÃO, POR DA PICIPIA, 15 Segunda-feira 4 de março de 1889

Xmen t

Trivagum 1.000 extrapl.

This 2 is trap in 1839

O Correio do Porto do Porto do Novembre 1.000 extrapo de 1839

O Correio do Porto do Novembre 1.000 extrapo de 1839

A responsable de la composition de la compos

Lousã, no distrito de Coimbra, contou com o Jornal da Lousã editado de 1º de maio de 1885 a 11 de dezembro de 1898<sup>10</sup> e que chegou a ostentar no seu cabeçalho o dístico "semanário independente". Levando em conta os intentos do jornalismo regional, o periódico se dizia "sinceramente devotado aos interesses" de sua "localidade e seu concelho", buscando combater "tenazmente pelo seu progresso e desenvolvimento". No que tange à política, declarava ser "inteiramente livre nas suas opiniões, não recebendo o santo e a senha de nenhum corrilho político", diante do que "o aplauso da opinião pública" vinha lhe fazendo "sempre justiça". Garantia que prosseguiria em tal caminho, "de cabeça erquida, combatendo pelo progresso" da sua "terra, tão esquecida" daqueles que teriam "o dever de velar pelos seus interesses"11.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 21.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> JORNAL DA LOUSÃ. Lousã, 6 maio 1893. A. 9. N. 413. p. 1.

23 DE NOVEMBRO DE 1889 Jornal da Louzan

# PUBLICA-SE AOS SABBADOS

# A revolução no Brazil

sido o centro ande se planeou o notadas. movimento, mandou um dos seus facil calcular que a Europa só tem recebido até hoje aquellas inforque já se sabe está apurado que o pessoal do periodico anda todo empregado na faina da governação publica. Entre nós, mesmo, é o correspondente d'aquelle jornal quem revoluccionariamente tambem, parece ter substituido o retante do Brazil. A elle se tem dirigido o governo provisorio para que desminto certos bostos, ou affirme algumas das suas intenches. Assim como antes lhe telegraphavam para que mandas-se, com urgencia, informações so-bre o carregamento que levava para os portos do imperio o Aomtelegraphavam para que mandaspara os portos do imperio o Acon-cagua ou o Surata, da Pacific m Navigation Company, assim agora lhe requerem, com diligen-cia, que de noticia das opinióes do governo e do modo como correram os acontecimentos no im-

EGRHERIM

Não querem estas observações i não tinha chegado ao conhecimen- mais modistas, pasteleiros, phopôr em duvida os meritos do di-plomata especial, nem criticar que "A conspiração que este notavel revolução do Rio de Janeiro foi parcialidade provavel dos inforapoderarem se do telegrapho. A mes recebidos, e a mostrar a ra- nato transmitira reducção do Paiz, que parece ter são das deficiencias geralmente

Toda a imprensa europea, sem redactores tomar a direcção das preoccupações partidarias, tem communicações electricas,—e é prevenido os seus leitores para as mações que ao Pais convem fa- tas republicanos não só accentuam zer conhecidas aqui. Do pouco a sua desconfiança a respeito da sinheiros. inteira exactidão de muitas noticias recebidas, como censuram resolutamente a revolução repu- nenhuma parte são mais numeblicana.

Para elles a republica brazileira, ao parecer amparada e estabelecida pelos contrarios á abolição da escravatura, não tem laços de solidariedade com o seu ideal politico. Charles Leser, por exemplo, termina assim o seu artigo:

Esperando esclarecimentos mais

As noticias, que conseguem passar por New-York, mostram, de resto, que o Prizsó parcamen-te tem informado o seu correspondente entre nós. A prisão de Josê do Patrocinio, que é um facto de altissima importancia, ainda-

Como se sabe foi proclamada o jornal duplique assim os servi-a republica no Brazil, e um dos cos da redacção. Visam só, mui-ca, é outro aconteca entre que a primeiros actos dos authores da to naturalmente, a accentuar a importante folha do Rio, sinda agua é Stockolmo, mais café Sanão transmittira ao seu represen-

ESTATITISCA CURIOSA

>>>

Londres possue, relativamente surprezas possiveis. Em França, teem ido mais longe até. Jornalis-ro de engenheiros, alugadores de trens, impressores, livreiros e co-

Os usurarios, os colleccionadores, e os amadores de quadros, em. resos do que em Amsterdam.

S. Petersburg leve a palma nos cocheiros.

E' em Bruxellas que se encontram mais garolos que fumam; em Napoles mais vadios e cicero-nes; em Madrid mais ladrões; em Berlim mais bebedores de cerveja; em Florença mais ramalheteiras; em Dublin mais ratoneiros; em Genova mais relojoeiros; em Roma mais mendigos (não admira, porque é a terra dos padres); em New-York mais mecanicos; e em Lisboa, diz um jornal que o que se encontra mais são officiaes de justiça!

de justiça!

Mas, é em Puris, que se encontrum mais cabelleireiros, mais homens de fettras, mais alfaiates, e exigindo que a camara ao reagousabilita.

dalgos em varias orasidos a virem me-titar debatio de unas bandeiras, para que em tum glorosa guerra accumaiss-sam novos (ymbros de sas hours, pois se anima quando cosa preparasse lebroycos se conserva por ser a ocinci-dado e Sarcolma que a destavata, a el pelidos que en la compara de la compara de la compara de sendo tantos es que, obragados de seu valor, vienna il Bespanha, foram os estado com asis bem afortemadas, ycumo des que hora por la compara de la comparación de la compara de la compara de la comparación de la comparació dagos em varias consides a virem meliar debaito de unas handeiras, para
que em tam glorias a genera accumales
sem neves (ymbres é sua hours, pais
ase naves (ymbres é sua hours, pais
ase principem da terra Sunta
principes estrangeirov que ver
ran a Haspanda servir na guerra courbre os muorros quema for
ram, e algumas da emusicas agés
que obvarcava.

No tunspo em que sembreava a diespanha e incite rey D. Alfoese 6.º er
atim grande a fam de suas composta que la
median malarias cumbos que no basimator do la tisuba que que fariam, que sinha da partes mais remaios esperavm an antidias, com
que «mporchados em adinaramo
dos trealités, se resolveram ministes de
con que «mporchados em adinaramo
dos trealités, se resolveram ministes fibronica de Castalla, 6.º susbor da silvates que de con trealment de cumbrante de
con trealités, se resolveram ministes ficon que «mporchados em adinaramo
dos trealités, se resolveram ministes filos de Castalla, 6.º susbor da silvatrealités, se resolveram ministes com la como consideration de
de porte de teripo distribue de l'espenta por control de cumption de
se parte se de mottedan de l'algume
de porte de teripo distribue de l'espenta por control de control de l'espenda por authoridat
de pous de motters seu grande vajor en
depos de motters seu grande vajor en
de service de matrimos com de
de service de matrimos com de
de service de matrimos com de
de service de matrimos

tographos e advogados. No mundo a cidade que mais

came e mais cerveja consome e Londres. A que consume mais myra, mais cigarros Madrid, e mais absintho Paris.

Custa a acreditar, - Paris tem 20:000 professores de piano.

Suppondo cinco discipulos a cada um, temos que só em Paris aprendem piano 100:000 pessoas!

CAMARA MUNICIPAL

Sessão de 20 de Novembro de 4889

Presidencia -- João Pedes Fernandes Thomaz Pippa-vereadores pre-Umbelino Benriques Lopes, Gezar Al bana Baeta,

Organa

Um do presidente da commissão dis-trictal de Colmbra, partecpando que a mesma commissão alo suspenden a de-interação d'esta camara de 7 de actiona-bro fundo, referente às cource essões feitos a Antonio Jenezu e Emilio Bou-sard,

sund. -Outro circular da mesma auctori-—Outre circular da mesma pactori-dade puticipando que se acian esta es-mara debitada com a quanta de 183410 ris pasa-quamento da publa que per-tenor a este concelho na publa que per-tenor a este concelho na pobreza real-da Universidade de Colmina. Interirada e delibertou que su indeixas-no orçamento ordinario do pruzimo naca.

Affonso G.º rey de Leam e Castella, e de

De cunho religioso, foi editado em Lisboa, entre 8 de maio de 1885 e 15 de fevereiro de 189212, O Clero Português, que se apresentava como "publicação" semanal ilustrada", e "revista de todas as questões eclesiásticas". Afirmava que sua linha editorial se ocupava "especialmente do padre e dos assuntos" que deveriam constituir "o objeto habitual de sua leitura e reflexão", e "consagrando particular cuidado e desvelo às missões ultramarinas". Manifestando um espírito antirrepublicano, dizia que não lhe faltaria "a coragem de combater os inimigos da cruz, do Cristo e da fé cristã", buscando levantar "do abatimento em que prostraram a Igreja e a sociedade os revolucionários da ideia nova". Em resumo, enfatizava que os leitores deveriam sempre crer na sua "dedicação em servir a causa sacrossanta da Igreja e do Estado"13.

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 166.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> O CLERO PORTUGUÊS. Lisboa, 17 fev. 1890. A. 6. N. 138. p. 1.

# CLERO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO SEMANAL, ILLUSTRADA

Directores: Antonio José Boavida, Manuel Damaso Antunes e Arthur d'Almeida Brandão

Preço da assignatura (adeantado)

Preço da assignatura (adeantado)

Lidos e Provincia, semestre 45300 Annuncios des ser constante de la constanta de la constanta

VI ANNO

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1890

N.º 138

### SUMMARIO

dade -- III. Chronica da semana -- IV. Missões portuguezas - V. Marinha portugueza no seculo xvi -VI. Congregações romanas — VII. Missões ultramarinas - VIII. Noticias diversas - IX. Annuncios.

### AOS NOSSOS ASSIGNANTES

E já bastante conhecido o titulo do nosso jornal e o fim que nos propomos.

O Clero Portuguez vae no sexto anno da sua publicação, e, desde o seu apparecimento até hoje, tem-o bafejado o favor publico, merecendo-lhe particular predilecção. Tem-se occupado especialmente do padre e dos assumptos que devem ser o objecto habitual de sua leitura e reflexão, e consagrando particular cuidado e desvelo às nossas missões ultramarinas, muitos dos seus leitores e assignantes lhe teem dispensado os mais immerecidos louvores.

Desde que creámos este jernal, com orgulho o dizemos, poderão ter-nos faltado as fórças para trabalho tão arduo e espinhoso, nunca, porém, a coragem de combater os inimigos da Cruz, do Christo e da Fé Christà, e de levantarmos do abatimento em que prostraram a Egreja e a sociedade os revolucionarios da idéa nova. Mais uma vez o repetimos: no incessante perpassar de tantas cousas graves e importantes, saudadas pelo affecto ou apupadas pelo odio, no meio d'este caminhar irrequieto de uma geração que devora o futuro ou o transforma, nunca perdemos o norte dos melhores mestres da doutrina, dos primeiros genios e dos maiores talentos, entre os quaes avulta o nome de Leão XIII.

Quem nos tiver lido, não poderá desmentir os nossos mais levantados intuitos e os bons serviços prestados à Egreja e à sociedade.

Vamos hoje entrar em um novo periodo de pros-

tuguez a Companhia Nacional Editora, com quem I. Aos nossos assignantes — II. Fé, esperança e cari. contratámos a sua publicação. As gravuras, o papel, o typo, tudo melhorou, sem augmentarmos um real aos nossos assignantes, e podemos jactarnos desde já de ter dado tão grande impulso aos nossos trabalhos e emprehendimentos. A regularidade da publicação está sufficientemente garantida por esta casa Editora, a mais importante do nosso paiz e uma das mais antigas.

> Pela nossa parte redobraremos de esforços para melhorar a parte scientifica e moral, pedindo aos nossos assignantes que nos não embaracem com a falta de pagamento das suas assignaturas, e que creiam sempre na nossa dedicação em servir a causa sacrosanta da Egreja e do Estado.

> > A REDACÇÃO.

# -30/OC-FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

A nossa gravura representa estas tres excelsas virtudes. Acompanhal-a-hemos do bellissimo artigo, que sobre ellas escreveu M. de Chateaubriand.

"Que virtudes eram essas tão recommendadas pelos sabios da Grecia? Fôrça, temperança e prudencia. Só Jesus Christo podia ensinar ao mundo que a fé, a esperança e a caridade são virtudes que mais se adaptam assim á ignorancia como á miseria do homem.

Prodigio de razão é sem duvida aquella, que nos mostrou na fé a origem das virtudes. A fôrça só a dá a convicção. Não é forte o raciocinio, não é divino o poema, não é bella a pintura, se o ôlho ou o espirito que julga estas cousas, não está convencido de uma certa verdade, occulta n'esse raciocinio, n'esse poema, n'esse quadro. Poucos soldados, convencidos da habilidade do seu general, podem fazer milagres. Trinta e cinco mil Gregos vão com Alexandre conquistar o mundo; Lacedemonia confia-se de Lycurgo, e Lacedemonia prima em sabedoría entre as cidades. Babylonia presume-se fadada para as grandezas, e as grandezas se prostituem á sua fé mundana; um oraculo dá o orbe aos Romanos, e os Romanos senhoream o orbe; Colombo peridade material, passando a editar o Clero Por- | é o unico homem obstinado em erer a existencia do

Folha de inspiração regional e partidária, *A Província* circulou diariamente no Porto, no período de 25 de maio de 1885 a 8 de julho de 1904<sup>14</sup>. Era um vespertino, de tendência monárquica e progressista, tanto que, "no artigo de fundo", publicado em seu primeiro número, declarava que era "progressista e provinciano" e pedia a "moralização e a melhoria da administração pública, a ordem, o equilíbrio e a remodelação do orçamento do Estado" e ainda "a defesa do trabalho nacional, a restauração da indústria e a proteção às classes desvalidas". Considerava que esse seria o seu programa, de acordo com "o pensamento da antiga democracia patuleia rejuvenescido à luz das ideias modernas", como uma das vias que surgia dentre os progressistas, "não como uma renegação do passado, mas como uma afirmação positiva das suas tradições mais nobres"<sup>15</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 208-209.

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> LEMOS, 2006. p. 519-520.



No distrito de Viseu, em Lamego, circulou o semanário *O Progresso* que se intitulava "jornal político e noticioso" e foi editado entre 19 de junho de 1885 e 29 de maio de 1920<sup>16</sup>. De inspiração regionalista, o periódico enfatizava que era encorajado e incitado na "árdua faina jornalística, independente de tudo", pela "aspiração viva e ardente de prestar qualquer ordem de serviços sempre" que se tratasse "de engrandecer a terra querida", pela qual professava "verdadeiro culto de afeições puras e sinceras". Nesse sentido, confirmava que a norma que o aconselhava era o estudo que fazia do meio em que vivia<sup>17</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 203.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> O PROGRESSO. Lamego, 1º jun. 1895. A. 11. N. 521. p. 1.



Vila Verde, no distrito de Braga, região do Cávado também esteve entre as localidades na qual foi praticado o regionalismo jornalístico, através da Folha de Vila Verde, longevo periódico que circulou semanalmente de 21 de junho de 1885 a 9 de novembro de 1948<sup>18</sup>. Além do aspecto regional, era de forte influência religiosa, como esclarecia em seu programa que buscaria trazer "por divisa na bandeira" que lhe serviria "de guia três palavras sublimes e portentosas, símbolo de tudo" o que havia de "mais puro e santo – Deus, pátria e liberdade". Pretendia "pugnar pelos interesses e engrandecimentos de Vila Verde", além de "tomar desassombradamente a defesa" daqueles que pediam e reclamavam a justiça que lhes era devida e ainda "acusar as faltas e bendizer as virtudes", constituindo tais metas o resumo de seu conteúdo programático. No que tange à política, afirmava que apenas conheceria a liberal, "mas quando as necessidades locais, por qualquer circunstância" viessem "a ser menosprezadas pelos altos poderes governativos", a folha, "abraçada sempre à sua bandeira", entraria "nas pugnas políticas" e colocaria "os seus modestíssimos recursos ao lado do grupo ou grupos que mais dignamente" soubessem "representar a moralidade" 19.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 336.

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> FOLHA DE VILA VERDE. Vila Verde, 21 jun. 1885. A. 1. N. 1. p. 1.



ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS—Anne 1890 reis.—Sanontes 800 reis.—Azonelos Édia di reis, seças actos de publicação de principa azonezado, comenciondo 30 reis a Nicha.
Tello a cocaspordameia dove ser dirigida à reduccio de s'orda de Villa Ventes—VILla VERDE.

VILLA VERDE—[50]

VILLA VERDE—[50]

A agencia Mense catala de control de la control de l'accompany de la control de l'accompany de l'accompan

De inspiração republicana, circulou na localidade de Beja, no distrito homônimo, região do Alentejo, o semanário *Nove de Julho* que iniciou com o dístico "folha política, literária e noticiosa", modificando-o para "folha de combate". Foi editado entre 9 de julho de 1885 e 5 de março de 1910<sup>20</sup> e considerava sua jornada como uma "luta aberta e desinteressada contra todos os elementos perigosos para a causa da liberdade popular". Em tal papel combativo, dizia que não esmoreceria e continuaria "a lutar até morrer", pois esse seria "o condão dos que não" almejavam "senão a felicidade da sua pátria"<sup>21</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 129.

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> NOVE DE JULHO. Beja, 10 jul. 1895. A. 11. N. 524. p. 2.



O semanário *Gil Fernandes* foi editado na região alentejana, distrito de Portalegre e cidade de Elvas, entre 15 de agosto de 1885 e 25 de fevereiro de 1893<sup>22</sup>. Seu título aludia a um personagem luso do século XIV, que lutara em nome de Portugal contra Castela pela posse de Elvas. Definindo sua opção partidária, chegou a apresentar-se como "folha progressista" e batia-se pelos interesses de sua região. Conforme suas próprias palavras, manteria, sem fraquejar "um momento apenas, o entusiasmo da luta pelo engrandecimento" do "seu ideal – a grandeza e felicidade da nobre terra" que lhe servira de "berço e o engrandecimento do glorioso Partido Progressista em que voluntariamente" se alistara. Enfatizava o seu embate por "melhoramentos importantes para sua terra", pela qual lutaria até que lhe restasse "o débil sopro da vitalidade". Em síntese, declarava que pugnaria "sem descanso pelo engrandecimento do país, da nobre e valente cidade de Elvas e do honrado Partido Progressista" ao qual estava "livremente filiado"<sup>23</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 382-383.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> GIL FERNANDES. Elvas, 17 ago. 1889. A. 5. N. 185. p. 1.

PRECO DA ASSIGNATURA no, sem estampilha. mestre, sem estampilha. mo, com estampilha. Proprietario e 6.º ANNO selitor

vel-C. Braga. ELVAS, 24 DE NOVEMBRO DE 1891 mestre Escola, se N.º 239

Redacção e admi !

provas porque, bajamos de posguridas. A questão da Companios de rero
do nortie e leste não foi aleidade de commentor de leste não foi aces de sensiblemente, o describa se aces de commente de les que a proventos; e. e assir 16r. fa
de a sensiblemente, o describa de les de commentor de les que a proventos; e. e assir 16r. fa
de a commente de les des de les de les

radas, apesar da baixa geral de ----

so desantino.

Os que sinda confavam as regeorerção financeira do poir te
nham os olhos postos as silanclo economica do Brazil, e eperavam que e-devação cambial
comitias a remessa de inosis sue eperavam que e-devação cambial
comitias a remessa de inosis sue eperavam que e-devação cambial
comitias a remessa de inosis sue eperavam que e-devação cambial
comitias a remessa de inosis control de grad que de la mellora so ser Lopo Vaz I
mun grama de poeira exis
mun de ver logar na quinte-feira,
mun grama de poeira exis
com muntos outros que seria
melloras do ser Lopo Vaz I
mun grama de poeira exis
melloras do ser Lopo Vaz I
mun grama de poeira exis
melloras do ser Lopo Vaz I
mun grama de poeira exis
melloras do ser Lopo Vaz I
mun grama de poeira exis
melloras do ser Lopo Vaz I
mun grama de poeira exis
melloras do ser como de como como como que seria
melloras do ser Lopo Vaz I
mun grama de poeira exis
melloras do ser Lopo Vaz I
mun grama de poeira exis
melloras do ser Lopo Vaz I
mun grama de poeira exis
melloras do ser Lopo Vaz I
na discussiva da familia do fimado tevé logar na quinte-feira,
melloras do ser Lopo Vaz I
melloras do ser Lopo Vaz I
melloras do ser Lopo Vaz I
na discussiva da familia do fimado tevé logar na quinte-feira,
melloras do ser Lopo Vaz I
na discussiva da familia do finado tevé logar na quinte-feira,
na melloras do ser Lopo Vaz I
na discussiva da familia do finado tevé logar na quinte-feira,
na melloras do ser Lopo Vaz I
na discussiva da familia do finado tevé logar na quinte-feira,
na melloras do ser Lopo Vaz I
na discussiva da familia do finado tevé logar na quinte-feira,
na melloras do ser Lopo Vaz I
na discussiva da familia do finado tevé logar na quinte-feira,
na melloras do ser Lopo Vaz I
na discussiva da familia do finado tevé logar na quinte-feira,
na melloras da familia do finado tevé logar na quinte-feira,
na melloras da familia do finado tevé logar na quinte-feira,
na melloras da familia do finado tevé logar na quinte-feira,
na melloras da familia do fi-

mentado, alo la infortunio que los no tenha castigado.

As taxas cambiase com a França e com a Inginierra continuam que lagas—A reclame—è tudo.

B.\*—Dá muita publicidade ao que lagas—A reclame—è tudo.

D rei nos actos publicos de semuno acces d'illigidaldes.

D rei nos despresa carcicio magestatico tem semuno per a corda ao lado, sobre a al
ligio manuro.

D rei nos despresa carcicio magestatico tem semuno per a corda ao lado, sobre a al
ligio manuro.

D rei nos despresa carcicio magestatico tem semuno per a corda ao lado, sobre a al
ligio manuro. nossas difficuldades.

E' preciso que nos prepare-E' preciso que nos preparemus ser namino acreno para todas as desventuras, encarando
supranamerario of sur [Josquim e dedicado amigo. C. B

freguezi de Fanhões, está vaga
dos Santos e Silva, d'esta cidade.

tigo mesmo. -

radas, apesar da baixa geral de todos os titulos das jourtas na la illustrada camara municipal hoje temos pela sua memoria, na collecam-nos n'uma situa d'esta cidade deliberon na ana que foram os misioss, serviços, trai à Associação dos artistas ches a collectam-nos n'una situaclo realmente embaraçosa.

E por isso que muitos pensan na posisibilista de quas sesso del ro nomo un
utima sesso de ro nomo un
utima sesso der 1 % 7, de carta
un sesso de ro nomo un
utima sesso de rou nomo un
utima sesso on utima sesso un
utima sesso on utim

Paz á alma d'aquelle que em julia se chamou adolpho Agus-iro lo Galleira, é hi nosa agus-tiro lo Galleira, é hi nosa agus-

As nossas coisas financeiras percueno, sejam quese forem as puradas A, questo de caminhos de ferro do norte e lesta não de seta colo norte e lesta não de caminhos de ferro do norte e lesta não esta colo norte e lesta não de caminhos de ferro de cargo de caminhos de ferro do norte e lesta não de seta colo norte e lesta não de seta n

inns, que se levação cambial permitiais expensas de importante de la composição de se desconde de se quelle de la composição de se desconde de reputido de la composição de se desconde de reputido de resultar expensa de la composição de se desconde de reputido de resultar expensa de la composição de se desconde de reputido de resultar expensa de la composição de se desconde de reputido de resultar expensa de la composição de se desconde de reputido de resultar expensa de la composição de se desconde de reputido de resultar expensa de la composição de se desconde de reputido de resultar expensa de la composição de se desconde de reputido de resultar expensa de la composição de se desconde de reputido de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa com la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de resultar expensa de la composição de se desconde de la composi

Uma folha de proposta literária e que também abriria amplo espaço para as práticas satírico-humorísticas foi *O Recreio*, que circulou na capital do reino entre 29 de outubro de 1885 e 25 de dezembro de 189924 e se identificava como "publicação semanal, literária e charadística". Em sua apresentação, explicava que os tempos não corriam prósperos "para empresas do seu gênero", mas não abundavam entre os lusitanos "as publicações literárias de resumido preço" e a intenção de "atender muito particularmente a esta condição tão ponderosa" animava "a boa vontade de dar ao jornal uma feição que sobremaneira" o tornaria "interessante e popular". Explicitava que o motivo da sua criação era fornecer um meio para que se revelassem os "muitos desconhecidos" e as "muitas vocações sublimes" que existiam em Portugal, de maneira que suas colunas ficariam à disposição "de todos, conhecidos ou desconhecidos" que desejassem publicar os seus escritos. Em resumo, demarcava que fora "criado para difundir a instrução das letras", bem como, para referendar o seu título, no sentido de "recrear moços e velhos, para cultivar a poesia e a prosa, a história e a lenda, a charada e o enigma"<sup>25</sup>, e estas últimas características que acabariam por levar O Recreio de forma mais intensa ao estilo humorístico.

DAEAEL O CAND

 $<sup>^{24}</sup>$  RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 223-224.

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> O RECREIO. Lisboa, 29 out. 1885. A. 1. N. 1. p. 1.

# PUBLICAÇÃO SEMANAL, LITTERARIA E CHARADIS

ASSIGNATURAS

Lisboa — Cada n.º 10 rs. (pago no acto da entrega). Provincias — Semestre (26 n.ºs) 330. Trimestre (12 n.ºs.)

N.º 1 29 de Outubro de 1885 ANNO

VENDA AVULSO Cada numero

A correspondencia deve ser dirigida a L. M. Moreira, T. da Palma, 6, 2.9 — Lisboa.

# APRESENTAÇÃO

runda-se na benevolencia do publico e runda-se na benevolencia do publico e runda proposito de bem lhe satisfazer os seus desejos e as suas exigencias, o apparecimento d'este jornal. Decididamente os tempos não correm

prosperos para emprezas d'este genero, mas o certo é que não abundam entre nós as publicações litterarias de resumido preas publicações litterarias de resumido preço, e que sendo tenção nossa attender
muito particularmente a esta condição,
tão ponderosa que ella é, para que mais
nos anime a boa vontade de dar a este
jornal uma feição que sobremaneira o formará intercesante e popular.
Explicaremos sem mais preambulos a
ldeia on de las que presidiram à presente
contaira das ouses demos vaca refe-

tentativa e das quaes demos vaga reflexão nos dois periodos anteriores.

Incontestavelmente ha por esse mundo de Deus muitos talentos desconhecidos e muitas vocações sublimes. Com certeza existem, mas em consequencia das difficultades que naturalmente se oppõem à prova das suas aptidões, são obscuros aquelles, e ignoradas estas! Pois bem; es-te semanario e creado em primeiro logar no intento de lhes fornecer meio de se revelarem. As columnas d'elle estardo sempre ao dispôr de todos, conhecidos on desconhecidos nossos, que nos enviem os seus escriptos, submettendo os alias ao criterio do seu redactor. E, em segundo logar e em resumo, é creado para diffundir a instrucção das letras, para recreiar mocos e velhos, para cultivar a poesia e a prosa, a historia e a lenda, a charada e o enigma.

Eis o nosso programma, a nossa promessa, o nosso fim.

Interesseira não é por certo a empreza; interessante havemos de deligenciar que ella o seja sempre, para honra nessa e para proveito das pessoas que nos obre quiarem com a sua assignatura.

### A VENTRILOQUIA

A ventriloquia é a faculdade de fazer ouvir sons particulares, que parecem emittidos à distancias mais ou menos affastadas e que se modificam segundo as necessidades da

A ventriloquia é de uso muito antigo. Platão e S. Chrysostomo fallam d'ella.

No seculo xvi houve ventriloquos celebres; Luiz Brabaut, aio de Francisco i, achou meio de extorquir dez mil escudos a um financeiro muito avarento, mas credulo, fazendo-lhe ouvir uma voz que se assimilhava a de seu pae, morto havia muito tempo.

O celebre Comte, foi um notavel prestidigitador e ventriloquo, e tem na sua vida muitos episodios engracadissimos.

Cita-se sobretudo uma scena passada na diligencia entre Chalon e Macou, que ficou celebre, A carroagem estava cheia de passageiros, entre os quaes Comte. Pelo meio da noite uma voz se fez ouvir fóra: —Párem, e déem para cá o seu di-nheiro e as suas joias, ou morrem.

Todos se apressam em executar esta ordem, e Comte recebe os diversos objectos e finge entregal os a uma pessoa que está fora.

Na açoriana Ilha Terceira, em Angra do Heroísmo, circulou entre 3 de dezembro de 1885 e 22 de julho de 1896<sup>26</sup>, *A Evolução*, cuja inscrição em seu frontispício, "órgão do Partido Republicano Terceirense", já bem demarcava suas cores político-ideológicas. Em seu programa, o semanário se propunha a ser uma folha doutrinária e combativa, exclamando que considerava como um "dever da sua consciência concorrer para que o advento das ideias democráticas" se fizesse "pacificamente e pela simples força da razão e da justiça". Afirmava que, por outro lado, também poderia "preparar o espírito público para que, no momento da crise, e quando a razão e a justiça" tivessem "de se impor pela força", não houvesse "hesitações, nem preconceitos, nem caprichos, e sim a convicção radicada de que as instituições condenadas" tinham de cair e de quais seriam "as instituições viáveis" que haveriam "de substituir aquelas". Em resumo, anunciava que seria um periódico "pela razão e pela justiça, em nome da democracia"<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 311.

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> A EVOLUÇÃO. Angra do Heroísmo, 3 dez. 1885. A. 1. N. 1. p. 1.



"Folha da tarde" era como se apresentava o diário lisbonense O Imparcial. Não teve uma longeva duração, pois só circulou de 1º de janeiro de 1886 a 8 de abril de 1890<sup>28</sup>. Na sua primeira edição, declarava que o título escolhido resumia "em si todo o programa", uma vez que não se alistaria "em partido algum", porque descrera daqueles que se diziam "militar na política portuguesa". Afirmava que era "novo na idade" e nutria "sinceras aspirações liberais e democráticas" mas não revolucionárias, esclarecendo que não tinha "saudades do Antigo Regime, cujo despotismo" feria "a dignidade humana". Dizia ainda, estar " bem convencido que a legitimidade" só residia "no país e nos representantes escolhidos livremente", diante do que rejeitava "os meios revolucionários para implantar exagerados arrojos democráticos e de liberdade". Assim, acreditava "que pela evolução", poderiam ser aperfeiçoadas "as instituições governativas, evitando-se os perigos resultantes da alteração da ordem pública". Ainda em seu programa, fazia uma análise crítica acerca dos partidos atuantes na conjuntura lusa, mormente quanto a regeneradores e progressistas e, sob tal perspectiva, evidenciava que seria, "fora da ação dos agrupamentos militantes, censor" do que lhe parecesse "prejudicial e defensor do que fosse justo". Finalmente, anunciava que, "com a sua liberdade de apreciação", forcejaria por mostrar que só o animava "o amor da pátria, da liberdade e da democracia" buscando "concorrer dentro das suas limitadas forças para o bem geral", que seria "a sua única aspiração<sup>29</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 408.

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> O IMPARCIAL. Lisboa, 1° jan. 1886. A. 1. N. 1. p. 1.



A localidade portuguesa de Alenquer, no distrito de Lisboa, região da Estremadura, contou com o semanário *Damião de Góis*, editado de 3 de janeiro de 1886 a 20 de novembro de 1925<sup>30</sup>. Seu título era uma referência a um pensador lusitano, nascido naquele local e com intensa atuação no renascentismo luso do século XVI. Dizia ter um "ideal político" que defenderia "com o desassombro, a independência e a energia", demarcando que nascera republicano e assim haveria de morrer. Na sua concepção, a monarquia estava "condenada e dentro dela" não haveria "solução possível para os males" que afligiam a nação, de modo que a república impunha-se "como única salvação" e por ela o periódico combateria "intransigentemente, com a consciência de quem" julgava "cumprir um dever patriótico"<sup>31</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 233.

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> DAMIÃO DE GÓIS. Alenguer, 6 jan. 1895. A. 10. N. 471. p. 1.



No distrito de Viana do Castelo, em Arcos de Valdevez, entre 20 de março de 1886 e 27 de dezembro de 190832, circulou O Arcoense que se intitulava "semanário literário, agrícola, político e noticioso". Em seu programa se apresentava como um "obreiro nas lides do progresso", bem como "um soldado nas falanges da civilização", ou ainda um atleta "na arena escabrosa da imprensa em defesa do direito e da justiça". Dizia que "o bem geral" constituía "o seu principal escopo", de modo que entraria "livre e desafrontado em todas as questões" que pudessem "se relacionar com o seu objetivo", mas prometendo fazê-lo "sempre com a dignidade e a devoção" de quem presava "os princípios, sem nunca rastejar pelo tremedal das paixões". Almejava abordar assuntos como "religião, política e todas as grandes manifestações da atividade intelectual" que ofereciam "um campo vastíssimo às investigações do espírito humano". Propunha-se também a apreciar "devidamente todas as questões que de qualquer forma" se ligassem "aos interesses da vila e concelho" e, nesse campo, seria "intransigente, propugnando sempre e com energia pelo desenvolvimento e progresso, tanto moral como material da terra" que lhe servira de berço<sup>33</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 66.

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> O ARCOENSE. Arcos de Valdevez, 20 mar. 1886. A. 1. N. 1. p. 1.



Entrará livre « desafrontado em tobis se questies, que possam relacionar-su em o se nújeráros; mas fol-o-ha sempre cesa a dignidade o leveção de apuen preso as principias, sem ma-ca restejar pelo treunedal dos paíxees.

Quer o progresso, mas com ordense; assa a libertado, mas com acacteridade.

E, tomando estes dois pontos, como pulso da sas derrota, não utrapassará mues o largo estadio que por elles file o limitado.

Religião, política, todas sa grandes manifestigas da articidade intellectual, diferevem hoju um campo tratissimo ás investigações do espério humano.

Penetraremos n'esse campa com a humilda-de que nos permittir a exiguidade de nossas for-

### FOLHETIM

A MÁE E A FILHA

(Traducção da redacção)

Al una solie inversea. O vealo segrera em faça so exerier da rasse, ruju tecas eran nelecta de inse.
Sol una d'esse testas, n'un pequenta
quaris, advana-se assemistas, trabalande,
una suller ji idosa o una dancila al verier dua seriera
ferazionale sa docurrenta mise.

Bora las a esta pobre morado uma alampada de ro, cujos raios ism em parto cair solire uma imogem da Virgem, dependurada na parede.

A donzella, levantando es ollos, fixou-as silenciosa.

for alguns instantes, na arcil, dirigitale-se-ine on se-guida com una inexprimitel depara e suscidado de vez, n estes termos : «O minha más! por certo que nom cottes bermon : «10 minha mate! por cerio que nom culpre vos tintes a'esta pobrese; se que a sacia rei-sino, caiu de juellos diante de sus nace, perso-du-

persten : «Minha fillen, Deus é o Senfor; o que elle for each bern feito e

sens mutuess deveros, um jornal è como que uma sentinela postado á porta dos direitos individuaes, e conseguintemente, um apoio certo da ordem, e

Pretentes ar auto-mao es espantos e cossi-bores que nos aguardam porcentara. Comindo procurarrosos desempenhar-nos com houra da in-gloria tarefa que nos proponos. Não tentamos encarecer as vantagens que

And formation conserver as valuescers que de mun publicação periodica, d'esta indole, adven-sempre para a localistade. De sobejo é conhecida de todos a grande inlhencia que exerco na sociedade moderna este gigante de Guttemberg, chamada impresea. Adrogande a canas dos poderesos e dos lu-mildes, relembrando aos grandes, e poquenos os

Anahando de profesie estas palaveza, rales se por Aughardo de proteire curias patesvas, estas se por algun sespo, passodo o qual entimant : Quando per-di un poe senti uma der tal que julguei não haver esmoleção para ello; e con tudo restreza-me tu; mas uma sé coixa sentia então. Depais pensei, que se elle esse d'este catado de nolireza, sua alma estalaria de flor; reconlexi enths que Beus fira hom para com elle.»

A dergella min responden; mas boixando a caleça,

algunas lagrimas que se esforçara por occultar, cuirem solot o hordado, que tinha entre salos. A mir continuen depois :

A new communes acquires .

Deus que foi hem para cere elle, tambem o tem sirla para commence. Que nos falta a não em quanto que tantos cutros carreres de tudo? E verdade que se que fantes correctes de lutter la versais que un sus tursus recusais inhálitamente a viver ente puero u case pares gandiel-s á custa da mese trabalher mas não se chega ello per vestuita? Deunis mão feram teobre conformation a viver do seu trichtile? Deus deunos a pão de cada dir, e quaistre un inte tent? I conceder-ser un sintigo; e quartes são subem oude recober-sea? an altigo e quartes são subem oude recober-sea? La companya de la conceder-tar an sintigo; e quartes são subem oude recober-sea? La La collection. Deur bermitteres passairles a la, in milita ass un autor, e quatro allo sobre notal reconcedence? I.

Alem d'asso, Deus permittenne passair e a tir, minha
filliar, que motivos de queixa posso ez pais apresentar?

Tan tempos em que sa constitueções impor-taciam uma pequena souma, notirea tobrar-se-menos esermado no desempenho deste serviço-menos esermado no desempenho deste serviço-senterem ja uma verbu filo avultado nos encargos, do cidados, qualquer destiva ou desenido pido representer um prejuizo importantissimo para os contribuiros. contribuintes.

rentribuintes.

Poscos são os indicidose que se não queixam de designablado, ás vezes bem sensivei, no lasquamento tributario.

Esta designablade que já se nota de conserba para concelho, mais se agrava ninda com a que lhe serviser de individuo para individuo, na mosta bendida. mesma localidade.

Pois tudo isso procede do modo virioso e in-teiramente anachosuseo pelo qual se ocham orde-nadas as matrixes existentes.

As contribuições, já pesadas em si, mais se

das mãos, cobrindo-filios de brijas e reclinou em sou A mile, estingando-se por continuar ainda com a

nolavra, prosveniu assim :

a f-ficultate, mas sim no esperar e amar muito. Nossa reporança mão rastoja par este mundo, nem movo amor tão peure; on aç o amor, où se escentro não é acudo fugitivo e passagrim. Depois de Beus, és tu tedo o nem cabro na tida: mas a tida covac-se, remo un senho, e é par isso dre o amar que la cemação, se eleva a um autro mundo que não ceto.

etera a un aufre munia que aja este, Quando te tenzia em nimba centrados, esci un dia cea mais ferce a Vagora, o Eli no apparece, cium serio, figurando-sem vela, con un serios ses beliss, aperantis-ta um menino. Peguel a visco menino e quando e dinha em men bregas, a visco presenta en un cardo de reasa incaran, per un un cardo de reasa incaran, perconeren devale asserba to a deba state. Pencos manes densis, nestias tu, o a dece visio

conservava-se sompre a mens olhos, s Ao profetir estas palevras, a anció estremecon o merten a filha contra sea cortella.

Algum tempo depois, uma alma piedora viu sulir-para o cru duoi Sirmas ligninasse. Acomparhava-sa uma mulidão d'anjor, e o ar retesia com seus cantos d'alegria.

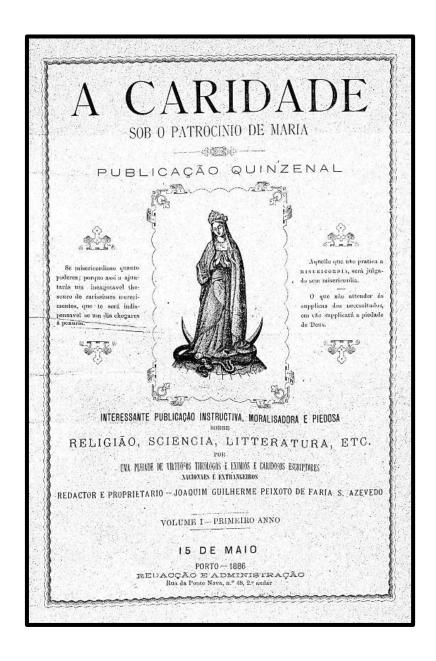
(La Mennis)

Uma publicação quinzenal vinculada à imprensa religiosa, denominada *A Caridade* circulou na cidade do Porto desde 15 de maio de 1886 até o ano de 1890<sup>34</sup>. Tal folha se anunciava como "sob o patrocínio de Maria" e, ao longo de suas edições, apresentou-se como "interessante publicação instrutiva moralizadora e piedosa sobre religião, ciência, literatura, etc", ou ainda na condição de "jornal católico ilustrado" e, no programa, se definia como um "modesto periódico", que, "na sua essência" era "católico apostólico romano". Nesse sentido, anunciava que seus escritos seriam "tendentes a avivar a crença católica e a afervorar o culto da Virgem", bem como a "destruir preconceitos do século a respeito das verdades religiosas, despertar nas almas a caridade bem entendida", ou seja, aquela que era "a síntese de todas as virtudes cristãs". Pretendia ainda derramar os "ensinamentos da crença divina de vida, paz, luz e amor"<sup>35</sup>.

. . -

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 146.

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> A CARIDADE. Porto, 15 maio 1886. A. 1. Caderneta 1. p. 2.



Ao norte do reino, no distrito de Viana do Castelo, em Ponte de Lima, no período de 4 de agosto de 1886 a 28 de outubro de 1892<sup>36</sup>, no sentido de dar palavras às instâncias regionais, circulou A Voz do Lima. Era como "semanário político, literário e noticioso" que se apresentava no frontispício e demonstrou afinidade de natureza partidária, afirmando que era um "progressista crente e convicto", defendendo "com toda a energia e coragem" de que era capaz, "os interesses da bandeira a cuja sombra" se acolhera. De acordo com tal conviçção, buscaria "sempre firme" no seu posto e "na vanguarda desta fileira extensa", não o aterrando "o esfuziar medonho da calúnia, nem a metralhadora do doesto". Levando em frente as propostas locais, intentava manter a "austeridade e firmeza" de seus princípios e, apesar de uma constante luta "com muitas dificuldades", enfatizava a intenção de "envidar todos os esforços" e "empregar todos os meios para ser correto no cumprimento" do seu dever<sup>37</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 338.

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> A VOZ DO LIMA. Ponte de Lima, 6 ago. 1890. A. 5. N. 208. p. 1.

5. ANNO

SEMANARIO-POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

PRECO DA ASIGNATURA

QUARTA-FEIRA 6 DE AGOSTO DE 1890

PREÇO DO ANNUNCIO

VILLA, none 18500 rile. PROVINCIAS: none 1850o rile. Proprietate a efictor responsavel Autoric Jonetian Ferrei Stransform of the PROVINCIAS: none 1850o rile. Proprietate a efictor responsavel Autoric Jonetian Ferrei Stransform of the PROVINCIAS: none 1850o rile. Provincia variable 30 rile. Proprietate a efictor responsavel Autoric Jonetian Ferrei Stransform of the PROVINCIAS: none 1850o rile. Provincia variable 30 rile. Proprietate a efictor responsavel Autoric Jonetian Ferrei Stransform of the PROVINCIAS: none 1850o rile. Provincia variable 30 rile. Proprietate a efictor responsavel Autoric Jonetia Francisco (Proprietate a efictor res

PORTE DO LINA

A VOX DO ILMA

A VOX DO ILMA

A Transport of the province of th

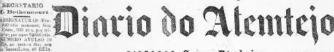
FOLHETING

In starting particular and the starting particular and particular and

Outro dos periódicos de edição diária que circulou no âmbito provincial foi o *Diário do Alentejo*, publicado na região homônima, no distrito e cidade de Évora, entre 1º de outubro de 1886 e 27 de maio de 1898³8. Sua proposta editorial era essencialmente noticiosa e voltada à defesa dos anseios regionais. Segundo a sua concepção, "chegava a ser urgente a iniciativa de fundar em Évora um diário noticioso", pela importância dessa terra, que faria jus a tal melhoramento e "sentia necessidade dele". Na mesma linha, reforçava a perspectiva de que "os habitantes da capital do Alentejo tinham direito a andar a par dos acontecimentos, recebendo por uma publicação imparcial e circunspecta as notícias cotidianas". Esclarecia ainda que, "independente dos partidos, nunca atrelado a conveniências de qualquer igrejinha política", se dedicaria "ao distrito e à cidade, sua capital, tratando vigorosamente dos seus interesses, não descurando, igualmente, os de toda a província"<sup>39</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 253.

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> DIÁRIO DO ALENTEJO. Évora, 1º out. 1886. A. 1. N. 1. p. 1.; e 2 out. 1894. A. 9. N. 2.374. p. 1.



DIRECTOR-Gomes Percheiro

ADMINISTR DOR

2:374-9. ANNO -1894

# Anniversario

duo trabalho e do suxilio xilio,

E dizemos isto com a miniemos avante pela mes- York, com uma povoação direburgo, Glisagow e De- lás as reputações embreras e describacio bem trajoração la vere espinhoso, sem medo lobica pós perolizos Brook exervicos ao publico, in- exervicos ao fuera de jorges pelo só tem 46 jorges de todas de logo a dominio de exervicos ao publico, in- exervicos ao fuera de jorges de todas de moda n'este aquelles que, que exerciam os marmares que gran milidos de exemplares,—quasi em seguida o poder que director de costume por proclamaco algun pos seguinte exultam por regue com que a britán de moda de costume por logos com que a fuera de costumente por los describas de costumente por logos com que a fuera de costumente por logos com que exerciam por logos

Como o Diaria do Allem-tos de 6 6000 jornaes. Vem 340,000 a almas, ten 7 100-1 a retainado de polos a Ernara com 3270 de su stentado o nicamem-tos polos a Ernara com 3270 de su de manos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras convencidos ; 100 se publicam em Para menos de veras conventados em Para menos de veras conventados em

Indicações uteis vezes prevocupa a impren- do publicam 3:500 jornáes, mil almas, tem uma circula- imperio, nem o ouro, nem a su demerçinas, mais dada a o que e menos que a terçor cão de 355:000 exemplaires, espada, que serviram de aguastões partidarias, atro- parte do numero das foljas Manchester, com 435.000 guilhõe e aspora a esta mitimatora do se unidado e comico.

Anniversario

Anniversario

publico, não tem mada Avigorados, pois, com tão o seus 2,000000 de habipublico, não tem mada siguificativa approvação, casignificativa approvação, casignificativa approvação, casignificativa approvação, caminhemes avaite pela mesVork, com unga puvoação dimburgo, Glasgow e Do-

Em Setúbal, na região da Estremadura, circulou *O Distrito* que iniciou como bissemanal, passando depois a semanário e circulou entre 3 de outubro de 1886 e 27 de dezembro de 1908<sup>40</sup>. Em seu número inaugural, declarava que estava disposto "a uma cruzada santa, patriótica, humanitária, para a qual, em verdade", contava "vencer a indiferença dos governos, e a dos habitantes das povoações" as quais tentava "representar e fazer progredir" Conclamava todos a cooperarem, apostando que contava "com uma grande força" política e religiosa, compreendidas "no vasto ideal da palavra verdade"<sup>41</sup>.

<sup>40</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 262.

<sup>41</sup> O DISTRITO Cottibal 2 out 1996 A 1 N

 $<sup>^{\</sup>rm 41}$  O DISTRITO. Setúbal, 3 out. 1886. A. 1. N. 1. p. 1.



Outra folha da porção extremo-setentrional lusa foi o Jornal de Viana, publicado em Viana do Castelo, sede do distrito homônimo, localizado na região do Minho. Começou a circular duas vezes por semana e, posteriormente, passou a sair semanalmente, tendo sido editado de 17 de outubro de 1886 a 4 de outubro de 1917<sup>42</sup>. Em essência, dedicava-se às lides partidárias, explanando que, "filiado em um partido distinto", no caso o dos regeneradores, buscara trabalhar "pela prosperidade e engrandecimento do país", esforçando-se "por manter vívida a firme crença nos princípios partidários" e propugnando "pela maior coesão da agremiação, única forma de bem desempenhar os deveres" aos quais estava incumbida. Na mesma linha, declarava que, no seio do partido, devotava "igual consideração aos mais valiosos" e, identicamente àqueles que não poderiam "representar tão avultada influência", desde que fossem "iguais e irrefragáveis as suas dedicações" e "sincero, verdadeiro e leal o seu esforço". Pretendia ser intemerato, podendo "criticar ou aplaudir", sem que suas palavras fossem mal interpretadas, além de desempenhar a sua "missão política pela forma" que considerasse "ser a mais digna e a mais útil". Dizia que, como partidário, seguia "com a sua bandeira, sem nada pedir ou solicitar", estando "sempre pronto a dar o seu auxílio" pouco válido, "mas sincero, a tudo" o que fosse harmônico com os seus "princípios e acomodado à utilidade geral partidária<sup>43</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 38.

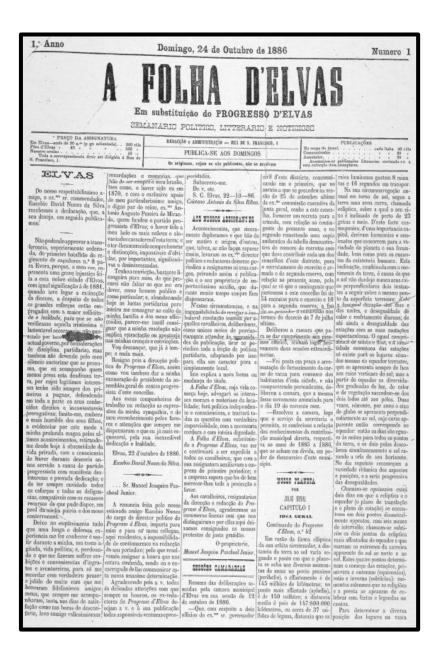
<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> JORNAL DE VIANA. Viana do Castelo, 20 out. 1887. A. 2. N. 104. p. 1.



Publicada no Alentejo, no distrito de Portalegre, *A Folha de Elvas* foi editada na cidade homônima, entre 24 de outubro de 1886 e 22 de dezembro de 1889<sup>44</sup>. No seu primeiro número informava que substituiria o *Progresso de Elvas*, nome inspirado em uma filiação partidária, a qual seria abandonada dali em diante, ostentando o dístico "semanário, político, literário e noticioso". Em tal edição, informava que deliberara, "como único meio de provisoriamente atender às necessidades da publicação", retirar "toda a feição de política partidária", adotando "um caráter pura e simplesmente local", advogando "os interesses morais e materiais da localidade", fazendo "política independente e conscienciosa", e tratando "todas as questões com verdadeira imparcialidade, com a necessária cordura e com inteira dignidade"<sup>45</sup>. Mais tarde, retomaria o viés partidarista, assumindo-se como "órgão do Partido Progressista".

<sup>44</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 334.

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> A FOLHA DE ELVAS. Elvas, 24 out. 1886. A. 1. N. 1. p. 1.



Na localidade e distrito de Bragança, região de Trás-os-Montes, circulou *O Brigantino*, semanário que se intitulava "político, literário e noticioso" e que foi editado de 26 de outubro de 1886 a 12 de dezembro de 1889<sup>46</sup>. Sua proposta era combater "ao lado do Partido Progressista" e "chamar o público do distrito para ideias de outra ordem", e a "um vasto pensamento econômico-administrativo, inteiramente novo", bem como pugnar "por tudo quanto dizia respeito ao concelho, ao distrito e à província", buscando especialmente "os melhoramentos materiais e morais de Bragança"<sup>47</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 131.

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> O BRIGANTINO. Bragança, 26 out. 1886. A. 1. N. 1. p. 1.; e 7 nov. 1888. A. 3. N. 1. p. 1.



Na região litorânea do Douro, em Penafiel, distrito do Porto, circulou entre 29 de outubro de 1886 e 25 de junho de 1964<sup>48</sup>, o *Jornal de Penafiel* que anunciava no cabeçalho que era um bissemanal "político, literário, noticioso e agrícola". Afirmava pertencer "à escola liberal", desejando "a realização da democracia dentro do regime monárquico-representativo" e defendendo "a bandeira das reformas administrativas, econômicas e financeiras". Considerava que o partido mais próximo de tais propostas seria o dos progressistas e por isso a ele se aliava, dizendo manter certa independência, pois seria "político, mas não partidário" necessariamente, pois colocaria a pátria acima de qualquer interesse<sup>49</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 36.

 $<sup>^{\</sup>rm 49}$  JORNAL DE PENAFIEL. Penafiel, 31 out. 1890. A. 5. N. 1. p. 1.



Era como "órgão da agricultura portuguesa" que se apresentava *A Época*, diário editado em Lisboa de 8 de novembro de 1886 a 30 de abril de 1892<sup>50</sup>. A folha se dizia "sem espírito político nem fins secretos" e que seu "programa econômico" se fundava "em fazer convergir os esforços públicos e particulares" para que o país restaurasse "as forças perdidas". Manifestava que seus interesses recaíam sobre a agricultura e a riqueza nacional e as suas ligações com a economia internacional<sup>51</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 293.

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> A ÉPOCA. Lisboa, 8 nov. 1886. A. 1. N. 1. p. 1.



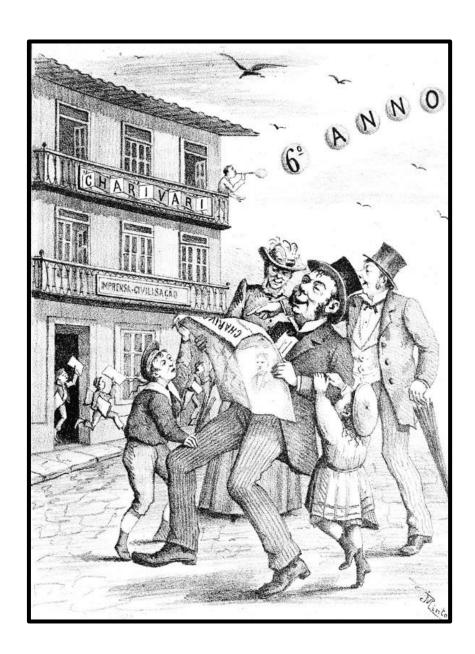
Charivari era o nome de um hebdomadário caricato que circulou na cidade do Porto entre 13 de novembro de 1886 e 29 de abril de 189952, vindo a constituir "uma peça importante" na história da caricatura lusa. Adotando "o nome de um célebre jornal humorístico francês", procuraria "entrar na política nacional com o mesmo impacto" dos semanários lisboetas de igual gênero<sup>53</sup>. Em sua apresentação, o humor também estava presente, estabelecendo uma espécie de conversa direta com os leitores, na qual afirmava que fazer rir naqueles frios de inverno que principiavam a entorpecer os nervos faciais, dando "aos rostos o aspecto de republicanos austeros", não seria tarefa fácil. Mas, mesmo diante de tal dificuldade, dizia que iria fazer "das tripas coração" para cumprir seu intento. Invocando figuras míticas e históricas de todos os tempos, como faunos da antiguidade, bobos da corte medievais e arlequins coetâneos, bem como vários nomes de exponenciais artistas da caricatura, pedia que tais "reis do riso" viessem em seu auxílio, trazendo-lhe "a ciência dos seus luminosos espíritos" para orientar-lhe em sua missão<sup>54</sup>. Assim, a folha, de acordo com seu espírito crítico, faria jus a seu título, que se referia "a berrarias, tumultos, conflitos e confusões"55.

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 154.

<sup>&</sup>lt;sup>53</sup> SOUSA, s/data. v. 1. p. 266 e 276.

<sup>&</sup>lt;sup>54</sup> CHARIVARI. Porto, 13 nov. 1886. A. 1. N. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> ALVES, Francisco das Neves. Um *Charivari* na república: representações da nova forma de governo brasileira nas páginas de uma folha humorística lusa. In: *Revista Historiae*. Rio Grande: Editora da FURG, 2010. v. 1. n. 2. p. 62.



Em Chaves, no distrito de Vila Real, região de Trás-os-Montes, circulou duas vezes por semana o Comércio de Chaves, no período de 14 de janeiro de 1887 a 31 de janeiro de 1891<sup>56</sup>. No frontispício estampava "jornal político, de instrução pública e noticioso", mas revelava uma filiação partidária, declarando que fora "soldado franco e leal do Partido Progressista" e "escravo de uma lealdade" que poderia "prejudicar pecuniariamente", mas que engrandecia e elevava o homem que preservava a sua dignidade e dava honra a todo indivíduo que prestava "culto à firmeza do caráter". No início de 1891, o jornal anunciava uma mudança de rumos, dando maior ênfase à questão da instrução pública, alocada em seu cabeçalho. Nesse sentido, afirmava que atuaria com independência, "reiterando o seu interesse pelos negócios da instrução primária e pelo seu professorado", assim como não hesitaria em "pugnar pelo engrandecimento do concelho em especial e do país em geral". Explicava que entraria "em nova fase de melhoramentos, tanto de ordem moral como material", através de uma série de medidas de aprimoramento técnico e tipográfico e no elenco de redatores e colaboradores, manifestando a esperança de que viesse a ser um "dos primeiros jornais da província"<sup>57</sup>.

As transformações do *Comércio de Chaves* acabariam resultando na sua substituição por um novo título, a *Gazeta do Norte* que manteve a circulação bissemanal em Chaves e passava a se apresentar como "órgão do professorado transmontano – jornal político, de instrução pública, literário e noticioso" e foi

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 176.

<sup>&</sup>lt;sup>57</sup> COMÉRCIO DE CHAVES. Chaves, 15 jan. 1890. A. 4. N. 1. p. 1.; e 14 jan. 1891. A. 5. N. 1. p. 1.

editado de 25 de fevereiro a 6 de dezembro de 189158. Mantendo a perspectiva anunciada na "nova fase" do periódico que substituiu, a folha recém-criada demarcava que deveria ficar "bem acentuada a sua divisa", que se encerrava "em duas palavras – política e instrução pública –", de modo que procuraria "desenvolver as ramificações" que derivavam de tal "lema, esforçando-se por bem informar os leitores" a fim de continuar "a merecer a sua estima e denodado auxílio"59. Ainda no mesmo, ano, antes que completasse doze meses de existência, a *Gazeta do Norte* cederia seu lugar para *O Correio de Chaves*, que manteve as mesmas características formais e de localização, tendo circulado entre 10 de dezembro de 1891 e 13 de outubro de 1900<sup>60</sup>. O novo periódico mantinha o dístico "jornal político, de instrução pública, literário e noticioso", mas passava a demarcar uma revisão e sua orientação partidária, apresentando-se como "órgão do Partido Regenerador". De acordo com tal convicção, enfatizava que militaria "franca e denodadamente nas fileiras do partido", do qual era órgão no concelho, combatendo "com inexcedível coragem em prol da causa" de tal agremiação. Além disso, dizia que trataria "de preferência de tudo" que concorresse "para o engrandecimento material de Chaves e seu concelho"61.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>58</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 369.

<sup>&</sup>lt;sup>59</sup> GAZETA DO NORTE, Chaves, 25 fev. 1891, A. 1, N. 1, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>60</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 201-202.

<sup>&</sup>lt;sup>61</sup> O CORREIO DE CHAVES. Chaves, 10 dez. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.







Em Torres Vedras, no distrito de Lisboa, na Estremadura circulou *A Semana*, que estampava no cabeçalho "periódico de Torres Vedras – dedicado à defesa dos interesses agrícolas de toda a região Torreana". Era um semanário que foi editado entre 24 de fevereiro de 1887 e 5 de janeiro de 1896<sup>62</sup>. Em seu programa explicava que o caminho de ferro proporcionara "um traço de união" entre aquele "opulento centro agrícola e a capital do reino", de modo que era necessário também alargar-se "a difusão da luz" e levar "a ilustração profícua" para a população o que poderia ser feito por meio da imprensa. Declarava que procuraria "reunir quantos elementos" pudessem ser úteis "à prática rural e ao comércio vinícola, a par do desenvolvimento de teorias interessantes para o espírito do cultivador". No que tange à política, considerava-a como "uma medonha tempestade, em que as paixões" se desencadeavam e espedaçavam, diante do que só poderia "ser observada a coberto de perigo, derivando as correntes com o para-raios da imparcialidade"<sup>63</sup>.

<sup>62</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 274.

<sup>63</sup> A SEMANA. Torres Vedras, 24 fev. 1887. A. 1. N. 1. p. 1.

# PERIODICO DE TORRES VEDRAS

DEDICADO À DEFEZA DOS INTERESSES AGRICOLAS DE TOD. A REGIÃO TORREANA

ASSIGNATURAS

Num. 1 Quinta-feira 24 de fevereiro de 1887

ANNUNCIOS

Amuncios, cada linha, 40 réis Repetidos, abatimento de 25 v. c.

e criterio a sua tareta, sendo trutamente co-nodo como e laver publico.

Hoje que o caminho de ferero por um traço de Majos entre este opuliento centro vinicola e a ca-pital do reino, nia de de mais que se ultargue a diffussio da laz que ha de sugara a aflança de trabalho hourado com a filastração protecus.

E este um vasto campo onde todor cabenos

Mas um periodico que tende a exercer influencia no meio onde se diffunde, não pode alheiarse, por mera convenção, dos assumptos politicas
que são as manifestações da vida constitucional,
por fos occupar-nos-hemo d'esses acomprecom a maior independencia;—e quando resea acompremos de manifestar as nosses a opiniose, lab-shemos de modo que a dignidade d'esta tribuna nada soffia, enanda tambem fiquemos a dever à nospa consciencia.

Revista da política interna

Pouco tem para dizer quem não quier embrename manterise com a guerra interna con que a figurada o assolara, tendo por competidor o seu 
maior rinca da sandipatas que o seu orgulho e má
fel ha tem cambo por competidor o seu 
maior rinca as antiputas que o seu orgulho e má
fel ha tem cambo por competidor o seu 
maior rinca as antiputas que o seu orgulho e má
fel ha tem cambo por competidor o seu 
maior rinca da a assolara, tendo por competidor o seu 
maior rinca das que o seu orgulho e má
fel ha tem cambo por competidor o seu 
maior rinca das para o meatro da Justa. O seu logar é rere os actors. E com a guerra interna con 
que rico sactors. E com a guerra interna con 
rea convenção, dos sactors do por competidor o seu 
maior rinca da assolara, tendo por competidor o seu 
maior rinca da assolara, tendo por competidor o seu 
maior rinca da assolara, tendo por competidor o seu 
maior rinca da assolara, tendo por competidor o seu 
maior rinca da assolara, tendo por competidor o seu 
maior rinca da assolara, tendo por competidor o seu 
maior rinca da assolara, tendo por competidor o seu 
maior rinca da assolara, tendo por competidor o seu 
maior rinca da assolara, tendo por com perior de 
rico actors. Estados Americanos. — tendo con 
fel ha tem cam que rico de 
fel ha tem cam que rem 
rico actors. — tendo por competidor o seu 
maior rico actors de 
rico actors de rico actors do 
fel cam da assolara, tend

PROGRAMMA
Como usam fazer os recem-chegados, que são cortezes,—saudamos os nossos collegas da imprensa em geral.

Sempre que circumstracias de utilidade publica ca motivem decendenció, dos poderes centraes no divoque de esa cuas com a madidas governativas. O publico lê uns e outros cou locas, serensos o advoqued de esa cuas com a madidas governativas, o publico lê uns e outros com a sua agical indifferença, e as medidas, boas ou más, vão passando .

De reatos ca una discussão esteril, que por veze se torna tambem nocisa, quando os conten-

O desenvolvimento que a imprensa tem tornado em Portugal, n'esta segunda metade do seculo desanove, tem ramificado o lornalismo a rodos
se centros de propulação ande a nivel moral, e a
propria dignidade, instigam a entrar n'esta cracrada civilisación o movimento cultural das letrars,
com a acceitação d'um periodico, o Jornal de
Terrer Vedras já sentiu dentre em si esse impulso, iniciando o movimento cultural das letrars,
com a acceitação d'um periodico, o Jornal de
Terrer Vedra, que desempenho com elevação
e értierio a sua tarefa, sendo brillamemente coado com elevaçõe de consenta de composições de composições de consenta de composições de consenta de composições de composições

A SEARAN é uma revista hebdomadaria de acontecimentos que possam dispertar a attenção de leitor.

A SEARAN é uma revista hebdomadaria de acontecimentos que possam dispertar a attenção de leitor.

Publicando-se n'uma registo agricola, como e a regimento vinciona, portante resultir quanto e contrato de leitor.

Publicando-se n'uma registo agricola, como e de a regimento vinciona, portante resultir quanto e contrato de leitor.

Publicando-se n'uma registo agricola, como e de a regimento vinciona, portante resultir quanto e contrato de leitor.

Publicando-se n'uma registo agricola, como e de a regimento de calibrator.

Publicando-se n'uma registo agricola, como e de a regimento de calibrator.

Publicando-se n'uma registo agricola, como e de a regimento de calibrator.

Publicando-se n'uma registo agricola, como e de a regimento de calibrator.

Publicando-se n'uma registo agricola, como e de a regimento de calibrator.

Publicando-se n'uma registo agricola, como e de a regimento de calibrator.

Publicando-se n'uma registo agricola, como e de a regimento de calibrator.

Publicando-se n'uma registo agricola, como e de calibrator.

Publicando-se n'uma registor agricola, como e de calibrator.

Publicando-se n'uma registor agricola, como e de calibrator.

Publicando-se n'uma registor agricola, como e contrator agricola, como e contrator agricola, como e calibrator.

Publicando-se n'uma registor agricola, como e contrator agricola, como e contrat

em os seus deveres por cumprir.

Em tal caso poderemos ser impertinentes mas dores se desmandam, jogando os ultimos impro-

pendencia dos pretensos representantes do povo, porque ainda ha muitos homens intelligentes que acceitariam um mandato independente; mas o que e infeirmente certo, e que rariemno scircu-los que o offereçam n'essas condições. Está quaaso —sera a nossa univa.

as que o oriección ressas composes risu-qui si todo o paíz adjudicado a um conversionalismo de que os governos guardam a chave; o que fe um riste documento da independencia do visió.

No Cávado, distrito de Braga, na localidade de Esposende, foi publicado um "semanário político, literário e noticioso", intitulado O Esposendense que circulou entre 22 de março de 1887 e 6 de dezembro de 189164. Buscava manter uma linha editorial de predomínio informativo, destacando que não seria de "modo algum órgão de nenhum partido político" e sim uma folha "independente, livre de quaisquer compromissos", só tendo "por fito e por supremo objetivo advogar os interesses e melhoramentos do concelho". Defendia a prática de um jornalismo embasado na "nobre e altiva independência", que pudesse "aquilatar o valor de sua aleventada missão", não devendo ser colocada "a pena e a consciência em almoeda, a troca de umas 'tombas'". Bem calcado no regionalismo, dizia que só tinha "em vista a pugna dos direitos e interesses do concelho", garantindo que assim procederia "sem receios pueris" e "sem empalidecer ante os ataques e as injúrias dos fariseus que, em satisfação aos seus caprichos condenáveis e ambições ridículas juraram a perda do concelho." Prometia não abandonar o seu posto, "continuando a erguer bem alta a bandeira" que tinha "por lema: tudo pelo concelho e pelos seus benfeitores"65.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>64</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 304.

<sup>65</sup> O ESPOSENDENSE. Esposende, 7 dez. 1890. A. 4. N. 195. p. 1.; e 22 mar. 1891. A. 5. N. 208. p. 1.



annda sube, numa hora de gmanisar a memoria do inmobre - e altiva indopendom, signe orador romano ebcia, aquilatar o valor de 
iscur traiçoeiramente a dumator per a sua plevantada missão, que 
não põe a sua penna e a 
lileiros d'aqui. Como so os sors. M. Vilas Bierus 
sua consciencia em almosditos de mequetrefe podessem ser altendidos Nuxhass; é dever da imprenquam ronorrom criedantam.

Silvaria internation, a historico servicio del sociedado e controlar de la sociedad de la composição de la c

Em Estremoz, localidade lusitana no distrito de Évora, região do Alentejo, foi criado *O Jornal de Estremoz*, que teve significativa longevidade, tendo circulado no período de 26 de março de 1887 até 22 de junho de 1922<sup>66</sup>. Em seu cabeçalho, ostentava o dístico "semanário político, literário e noticioso". De acordo com tal enunciado, intentou adotar uma prática editorial mais voltada à informação e de valorização e defesa dos interesses alentejanos e estremocenses.

<sup>&</sup>lt;sup>66</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 30.

NONO ANNO SABBADO, II DE MAIO DE 1895 NUMERO 425 SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO PUBLICA-SE AOS SABBADOS REDAGGÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOBICAPHIA

Largo do tenérós Graca. 3 s - Estremay

O POPOSITATANO E LOSTON

ON SECULDADO SECULDADO DE LOSTONO

O SECULDADO SECULDADO

O SECULDADO SECULDADO DE LOSTONO

O SECULDADO S REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA Namero nesta i namero. Namero nesta i ne dia da sua publicação. Para film il Esternata, astrone a perio da carreiro. O pagamento e adjuntolo. Portugal e Brazil

As demonstrações de règnes in contemarios. Post entre de se consentante de la contemario sus companheires, o que in, como diserros, modiendo o creatico de menta de

Ao norte de Portugal, na região do Minho, em Braga, circulou o semanário *Aurora do Minho*, publicado entre 5 de junho de 1887 e 2 de março de 1890<sup>67</sup>. Quanto à sua proposta editorial, a folha declarava que não era unicamente literária, pela carência de público para esse tipo de publicação, de modo que preferira o caminho do ecletismo. No que tange à política, afirmava-se independente, mas dizia ter dela "uma concepção mais elevada, mais nobre e mais moral". Estabelecia críticas ao regime vigente em Portugal, mas garantia que continuaria caminhando "sempre até o último degrau do patíbulo" onde se sacrificava "a ideia nova, para sucumbir com glória, abraçado à sua crença e proclamando a verdade"<sup>68</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>67</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 88.

<sup>&</sup>lt;sup>68</sup> AURORA DO MINHO. Braga, 5 jun. 1887. A. 1. N. 1. p. 1.; e 10 jun. 1888. A. 2. N. 54. p. 1.

III Anno Domingo 24 de Novembro de 1889 Numero 130 urora do l EDACTOR PRINCIPAL - BRAULIO CALDAS Company of the American of the Court of the Cour Nemore aruleo 40 reis. Redacção a administração res Nova de Bousa a.º 96, 1.º audao. Extando em cobrança o 10.1 trimestra de managementa de la compania de la compania

FOLHETIM

# VIZELLA

(A REATED BARBAR)

Son porta per li, oh dose patrisonna, ende sun costur o ann ragor princiro! Em tru selo aprendi, nas auras do salgueiro a casar o mon canto aos reusisoes de vinha.

& Bento (\*) misolve sinda a poetica erandinla-to setinoso vez d'un idar de junero. O ris inda conserva o sussurar façueiro 464 larjo me enicion az breva infancia misha.

(1) A emiss de S. Bendo vaste creeds no sias do monte aleman de contrata, a exvaluire de Nuclia. Observado de la especia com placente, em unicado de Para Civil a presente com placente, com unicado producir a presente de la companio de la especia com placente de la especia de la esp

que leu puro ambiente aroma todo o aron, ou o poba axierado escollor d'estre a areia :

Que formosa não és? Toda É pairagem linda, leas mentos o los rio antos, e anto antos, oh tien attor de sempre ! oh mento texaca alfeia ! 11

Eston para dorar-is, el minho termes alden i Mas 'neste coração, que em terno amor aseria, estiras sempro tinida é saudade dos meus.

You need digns ver, need mat, more goes absorbs percagar acoleracides principeus como tembre sudando um remones paragene, importir mator targo, "onde año riesporta importano cupar que mé atribate dos ca.

preducados de compreha ciente de 20.

preducados de compreha ciquadres e multo acoletiados de cares catefes reluxas, que percorrem a proceção, deste homos deste a terma en estado dose. Deste a terma acon a repeta de perio, que con deste acas um servos, con a perio, over exclujero, que con deste destanças com apenta fermados compreha de cares de condeta de perio de compreha de

Oh que doce viver a paintusia ardenis me está e segradar nysloriosamente / h não ne situto, não. Men coração predic que hai de valtar em loves, e contenio e foig.

que bas de walté en feére, o confecio e folia, van ten ouse accider en moso d'orace faire, procurre condicités à serie d'arme pritas ; accidente rethire rethire e a la accidente rethire rethire e a la de la indire ser a cure poles hosque ficialités de la indire ser a cure poles hosque ficialités de la indire de la cure poles hosque ficialités de la cultura no serie poles hosque ficialités de colorat no serie ante large influidir de colorat no serie au serie politique de gradi-de colorat no serie d'armetic desponde de colorat no serie d'armetic desponde de colorat les colorates de la colorate de colorate de la colorate de colorate la colorate de colorate la colorate de colorate la colorate de colorate la colorate de la colorate la colorate de la colorate la colorate de l

Over c our lives easing smills ! - serounted.

Um diário não muito longevo publicado na capital do reino foi a *Gazeta de Portugal* que durou de 1º de novembro de 1887 a 10 de abril de 1892<sup>69</sup>. Pretendia abordar com preferência as questões econômicas, financeiras, agrícolas, industriais e coloniais. Além disso, destacava que procuraria sustentar uma "política larga, liberal e tolerante", representada pelo Partido Regenerador, através de uma "política prática, de ordem e de progresso, de evolução e de oportunidade". Ainda que "partidário infatigável e convicto", esclarecia que "sempre acima dos interesses do partido" estariam os da pátria<sup>70</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>69</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 366.

<sup>&</sup>lt;sup>70</sup> GAZETA DE PORTUGAL. Lisboa, 1º nov. 1887. A. 1. N. 1. p. 1.



Na localidade litorânea de Leça da Palmeira, no distrito do Porto, na região do Douro, foi editado de 6 de novembro de 1887 a 26 de março de 1927<sup>71</sup> *O Monitor.* Apresentava-se como um "semanário literário, político e noticioso", mudando, depois, para "folha política, noticiosa e de anúncios". Destacava que pretendia realizar um "trabalho consciencioso", com "honrada seriedade", aplaudindo ou censurando, de acordo com a sua consciência. Seguindo a linha do jornalismo regional, afirmava que pugnava pelo bem da sua terra, se empenhando em tal intento, "com todas as forças" dadas pela "convicção de que era um dever sagrado a cumprir"<sup>72</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>71</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 105.

<sup>&</sup>lt;sup>72</sup> O MONITOR. Leça da Palmeira, 6 nov. 1887. A. 1. N. 1. p. 1.; e 3 nov. 1889. A. 3. N. 108. p. 1.

# FOLHA POLITICA, NOTICIOSA E DE ANNUNCIOS

Domingo, 3 de setembro de 1893

Leça da Palmeira des são dignos de nosso recenhed BRAZIL

Folletin do Monitoro

ANNOS DE LAURA

And one post fine particular control and the state of the provided of o

O Repórter foi outro diário noticioso a circular em Lisboa entre 24 de dezembro de 1887 e 8 de fevereiro de 1890<sup>73</sup>. Seu título era inspirado na reportagem, prática jornalística que ganhava preferências "pela sua vivacidade, poder de comunicação e abundância de informações"<sup>74</sup>. Em sua primeira edição<sup>75</sup>, o jornal dedicava várias matérias para apresentar-se ao público. No que tange à política, dizia que constituiria "uma tribuna acessível a todas as convicções e a todas as sinceridades, independente do partido" a que pertencessem. Afirmava que as suas colunas de abririam "a todas as superioridades de inteligência e de caráter", de modo que "no campo neutro de sua crônica" poderiam se fraternizar representantes dos mais variados matizes políticos. Dessa forma, enfatizava que não pertencia "a nenhum partido", o que não o desinteressaria "do curioso espetáculo político", em relação ao qual se propunha a ser "o mais atento observador e o crítico mais benevolente".

Inter-relacionando o título ao seu norte editorial, o periódico afirmava que a escolha do nome recaíra sobre a necessidade de que fosse "rápido, sonoro e que numa palavra só se fizesse ouvir distintamente ao longe", definindo-o em seu "caráter e feitio particular, bem como em sua modernidade e condição social". Nesse sentido, dizia que o jornal seria "um verdadeiro *repórter*", ou seja, "incansável, curioso, levemente indiscreto, bom companheiro de jornada no longo trajeto da vida, tendo sempre uma boa história para os momentos tristes e

<sup>&</sup>lt;sup>73</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 229.

<sup>&</sup>lt;sup>74</sup> TENGARRINHA, 1989. p. 218.

<sup>&</sup>lt;sup>75</sup> O REPÓRTER. Lisboa, 24 dez. 1887. A. 1. N. programa. p. 1.

um bom expediente para as situações difíceis". Conclusivamente, expressava que, tal como o seu título, seria "a síntese do jornal moderno", da maneira como ele deveria "ser concebido e feito", naquele "século do telefone, do telégrafo e do vapor".

O periódico passaria por uma reforma editorial, vindo a denominar-se O *Português* que circulou entre 9 de fevereiro de 1890 e 31 de dezembro de 1891<sup>76</sup>, mantendo um caráter de continuidade, sem mudar a numeração ou apresentar um novo programa. Na mesma época circulava em Lisboa o diário Portugal, editado de 15 de janeiro de 1891 a 30 de dezembro de 189177, que dizia propugnar por "uma política verdadeiramente patriótica e dignamente desinteressada", afirmando que pretendia mandar a público um informativo que se nivelasse "em todos os sentidos com os melhores jornais estrangeiros" 78. O Português e Portugal iriam se fundir numa única publicação, surgindo um novo diário intitulado O Repórter, publicado entre 3 de janeiro de 1892 e 3 de outubro de 1899<sup>79</sup>, que se anunciava como "um jornal político, literário, comercial, e, sobretudo, noticioso", que procuraria "tornar-se digno da estima dos seus leitores pela variedade das suas seções, e pelo cuidado na sua redação". Anunciava que a seção informativa receberia particular atenção, buscando tratar os assuntos "com a máxima imparcialidade e franqueza". Pretendia abordar os "variados e complexos problemas da vida social, política, econômica

<sup>&</sup>lt;sup>76</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 187.

<sup>&</sup>lt;sup>77</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 183.

<sup>&</sup>lt;sup>78</sup> PORTUGAL. Lisboa, 15 jan. 1891. A. 1. N. 1. p. 1.

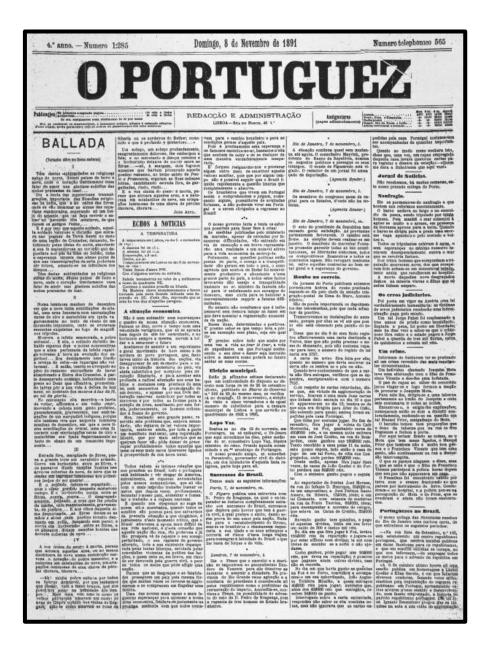
<sup>&</sup>lt;sup>79</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 229.

# IMPRENSA PERIÓDICA PORTUGUESA: UM BREVE LEVANTAMENTO HISTÓRICO

e literária" e, por meio da fusão, proporcionar aos leitores "mais extensa e variada leitura, sem modificação de preços, desenvolvendo e aperfeiçoando a parte taquigráfica das sessões das cortes"80.

<sup>80</sup> O PORTUGUÊS. Lisboa, 30 dez. 1891. A. 4. N. 1.327. p. 1.; PORTUGAL. Lisboa, 30 dez. 1891. A. 2. N. 371. p. 1.; e O REPÓRTER. Lisboa, 3 jan. 1892. A. 1. N. 1. p. 1.





Segnado anno N.º 339 Numero avalao 40 réis Orinta-feira 12 de novembro de 4404 ABEL BOTELHO PORTUGA Sequence as region efficiency and a service of the second of the sequence of t Os acontecimentos do Brazil | NOVIDADES POLÍTICAS | deste de cocenido entral de partido S. CARLOS

Publicamos un ficherim an estado personal de la contra de Carlo, que acuado parten a argumento de operacione de la contra de llecrofesce a anciefade con so con-silitentas micino transmittidas para a ministerto, itos entras-mitinos transmitidas para a melosa godoso.



Em Mafra, no distrito de Lisboa, na região da Estremadura, circulou *O Mafrense*, no período de 25 de dezembro de 1887 até julho de 1894<sup>81</sup>. Típico representante da imprensa regional, estampou no seu cabeçalho "semanário noticioso, literário, agrícola e recreativo" e, "órgão da Comissão promotora dos melhoramentos de Mafra e seu concelho". Destacava que sua proposta editorial era embasada nesse dístico, tendo por ideal os melhoramentos almejados por tal comissão para a sua terra e o seu concelho. Declarava ainda que nada queria "com a política partidária", apenas se limitando, quando julgasse "interessante para os seus leitores, a transcrever ou analisar qualquer artigo de sensação" que aparecesse "em algum dos jornais da política militante"<sup>82</sup>.

<sup>81</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 83.

<sup>82</sup> O MAFRENSE. Mafra, 25 dez. 1887. A. 1. N. 1. p. 1.

ORGÃO DA COMMISSÃ	O PROMOTORA DOS ME	BARIO, AGRICOLA E RECREATIVO L'HORAMENTOS DE MA EZEMBRO DE 1889	FRA E	NUMERO 102
Anno Stocher. Stoc		PUBLICAÇÕES - 40 F. Republica - 40 F. Republica - 40 F. Os ara antigrames som direits, s'ester propot, a um shatmunto de 20 por conte de porte, á administração d'este jornal, em Matra		
EXPEDIENTE  Pedimos aos nossos asalganates, que mudarem de residencia, a fineza de nos prevenirem das suns novas amoradas alim de nio soffrerem inferrupção na remesa do nosso semanarlo.  Fara conhecimento dos Examento, asalganata, asa	Havia todavia mma coisa que fazia empanar o brilho de mma tão bei- liante existencia: — a escravidão / Mai podia comprehender-se como, n'um pata de tantas liberdades, exis- tia ainda o estrama correntado na		e chegon à meia.  A' sahida alem das pur de maissitur de meia	estação de Mafra às 6 la diaqui comparaceras essoas que ja dissemos 1 la diaqui comparaceras essoas que ja dissemos 1 la diagui comparaceras essoas que ja dissemos 1 la diagui dissemos 1 la diagui dissemos 1 la Coelho, esc. esc. accumistrador 4 la coelho esc. esc. accumistrador 4 la coelho esc. esc. accumistrador 4 la coelho esc. esc. esc. esc. accumistrador 4 la coelho esc. esc. esc. accumistrador 4 la coelho esc. esc. esc. esc. accumistrador 4 la coelho esc. esc. esc. esc. esc. esc. esc. esc.

No contexto lisbonense circularia outro periódico diário de razoável duração, intitulado O Dia, que foi editado de 29 de dezembro de 1887 a 1º de setembro de 192683. Era um monárquico de tendência progressista84 que sofreu diversos revezes advindos de repressão governamental, tendo de bater-se pela liberdade de imprensa85. Ao completar seu segundo aniversário, o jornal buscava contradizer "os arúspices que lhe vaticinaram a sua morte ainda antes do nascimento" e agradecia "os auxílios, as simpatias e as confianças que o tinham aviventado". Saudava essencialmente ao público que se dignara a "animar as suas boas intenções e sancionar o programa de independência" que vinha mantendo "com inquebrantável firmeza". Dizia nunca ter desejado outra proteção que não fosse a do público e para merecê-la, muitas vezes tivera de "sacrificar dolorosamente interesses políticos e afeições pessoais ao seu lema de verdade e justiça". Enfatizava ainda que pretendia redobrar seus esforços para corresponder dignamente aos seus leitores, prestando, assim, "algum modesto serviço ao país e à liberdade, tão necessitadas de dedicações desinteressadas e de apostolados convictos"86.

\_

<sup>83</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 245.

<sup>84</sup> LEMOS, 2006. p. 215.

<sup>85</sup> TENGARRINHA, 1989. p. 251, 256 e 258.

<sup>86</sup> O DIA. Lisboa, 29 dez. 1889. A. 3. N. 708. p. 1.



Ao norte de Portugal, no distrito do Porto, região do Douro, em Marco de Canaveses, circulou *O Invencível*. Editado entre 1º de janeiro de 1888 e 28 de janeiro de 1893<sup>87</sup>, apresentava-se como "hebdomadário imparcial, noticioso e literário". Lembrando seu título, dizia que "um *Invencível* não poderia subjugarse facilmente, e por isso, devido a muito trabalho, a alguns sacrifícios e especialmente a muita força de vontade" ele buscaria avançar em sua jornada, rindo de seus perseguidores e mantendo-se à altura" do que impusera a si mesmo. Com base em tais princípios, pretendia ocupar o seu posto, o qual julgava honroso por respeitar princípios, mantendo "a consciência bem tranquila", com a certeza do dever cumprido. Mantinha uma proposta apolítica e de cunho regional, explicando que seguia "impávido e de viseira levantada" o seu caminho de "propugnar pelos interesses" da sua terra, "sempre desligado de qualquer compromisso político" e tendo apenas "em vista ser útil aos seus concidadãos"88.

\_

<sup>87</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 427.

<sup>88</sup> O INVENCÍVEL. Marco de Canaveses, 3 jan. 1891. A. 4. N. 158. p. 1.



Uma folha republicana circularia em Alenquer, distrito de Lisboa na região da Estremadura, era *O Alenquerense*, editado entre 15 de janeiro de 1888 e 25 de dezembro de 1890<sup>89</sup>, como um "semanário político, literário e noticioso". Ao expressar sua "profissão de fé", enaltecia elementos discursivos como liberdade, revolução, civilização, progresso e evolução e propunha seguir "pelas vilas e cidades de Portugal, afirmando os princípios mais democráticos e o patriotismo mais português". Declarava que, em política, era republicano, ou seja, pugnava "pela forma de governo mais justa, moral e progressiva", imputando aos que acreditavam na monarquia o caráter de aproveitadores ou ingênuos. Ainda que predominantemente político, dizia que "nos assuntos locais", era "a favor dos interesses dos seus conterrâneos"90.

<sup>89</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 41.

<sup>&</sup>lt;sup>90</sup> O ALENQUERENSE. Alenguer, 15 jan. 1888. A. 1. N. 1. p. 1.; e 3 jan. 1889. A. 1. N. 52. p. 1.



Em Funchal, na Ilha da Madeira, circulou o *Jornal do Povo*, bissemanal editado de 22 de janeiro de 1888 a 10 de janeiro de 1890<sup>91</sup> e que se intitulava "folha política, noticiosa e literária". Em termos partidários, filiou-se a uma dissidência do Partido Regenerador e, expressando sua "fé política", criticava acidamente os políticos de convicções questionáveis e considerava que a Esquerda Dinástica resumia "todas as aspirações generosas" dos que amavam "verdadeiramente a sua pátria" e queriam "vê-la caminhar com segurança, com desassombro, com glória, na vasta estrada do progresso, da civilização e da felicidade humana"<sup>92</sup>.

<sup>91</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 43.

<sup>92</sup> JORNAL DO POVO. Funchal, 18 fev. 1889. A. 3. N. 78. p. 1.



Também foi editado em Funchal o semanário A Luta que se anunciava como "órgão do Partido Republicano da Madeira" e circulou entre 11 de fevereiro de 1888 e 21 de junho de 189693. Dizia seguir uma "política genuinamente republicana, sem preocupações de escola, nem de transigências vesgas", garantindo "completa independência". Declarava ser mais "afeito a viver entre a classe trabalhadora, onde a fé" era "mais profunda e mais vigorosas as crenças, do que entre a pseudo-aristocracia" que não produzia ou moralizava<sup>94</sup>.

<sup>93</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 76.

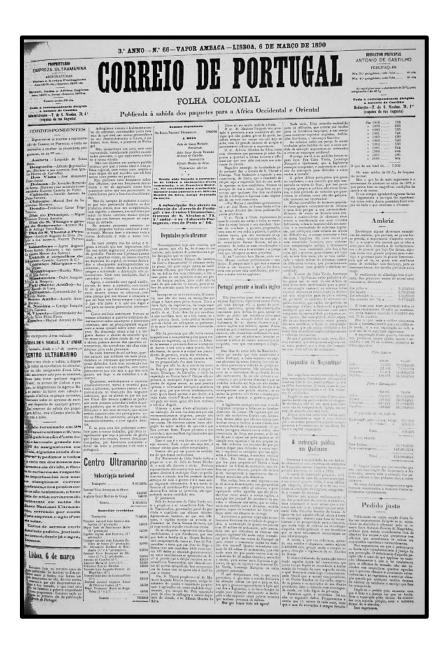
<sup>94</sup> A LUTA. Funchal, 11 fev. 1888. A. 1. N. 1. p. 1.



Voltado às possessões lusas, foi editado duas vezes por semana em Lisboa o Correio de Portugal, publicado de 6 de março de 1888 a 20 de dezembro de 189295. Apresentava-se como "folha colonial publicada à saída dos paquetes para a África Ocidental e Oriental" e dizia advogar "sincera e lealmente a causa do ultramar", acreditando que nas colônias "e no seu desenvolvimento" estavam as melhores expectativas para o país. Destacava também que não se filiava "em nenhum partido político", pois o seu ideal era "o da política colonial, com vistas mais amplas e mais largas", ambicionando "o máximo desenvolvimento moral e material para todo o ultramar"96.

<sup>95</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 206.

<sup>&</sup>lt;sup>96</sup> CORREIO DE PORTUGAL. Lisboa, 6 mar. 1890. A. 3. N. 66. p. 1.



Na alentejana Estremoz, no distrito de Évora, circulou *O Estremocense*, no período de 17 de março de 1888 a 2 de janeiro de 1892<sup>97</sup>. Como divisa adotava "semanário noticioso, político, literário". No que se refere à política, argumentava ser imparcial e, se viesse a ter uma bandeira teria o cuidado "de hastear uma que não estivesse rota e suja da lama do atoleiro imundo" em que chafurdavam "alguns partidos políticos". Declarava que "os assuntos locais" prenderiam "sempre a sua atenção", dando aos "leitores o maior número possível deles" <sup>98</sup>.

-

<sup>97</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 311.

 $<sup>^{\</sup>rm 98}$  O ESTREMOCENSE. Estremoz, 17 mar. 1888. A. 1. N. 1. p. 1.

# ESTREMOCE

I ANNO

Serie de 13 n.º 120 rs. Numoro-events do 1 rs. Aquam se deve dirigir a carresponde, sci. Serção d'amusicis. 20 rs. Aos assignantes que tenha de Publico-es nos Subbados. Aos assignantes que se receis pennetes es receis um se filter cebronca pelo correio.

Sel filter cebronca pelo correio.

Sel fremoz, 26 de Maio de 1888 Obras de que se receba um exemplar gratis.

Nº H

# A ESCRAVATURA

mar mostram no mundo inteiro de corona receptoras em Fortugat; e lunes jezuitas que em lugar de incuos progressos da civilização do seu pais riscando dos seus codigos a infamante palavra escravatava e a substitus por escolas, quando a Republicatus por escolas, quando a Republicata extinoção das praças de touros, riscando de ama nação apello "bribaro
divertimento, Fortugat, que levou os
verno devasare tantas victimas está fae que na nossa familia contamos alguando de suridada de contamos alcultura de contra de primetros progressos civilizadores á zendo! ros, que deixa instalar com todo o des- lhas! cas anendo os cultos peníticos réeste. Ese assim se não fizerem será Por-solo portuines. Abativo o jeznitismo! Abativo o go-a honra e a fortuna de muitas familia algraus annos a maior parte dos nos-verno que não camprindo as leis ainas, está conscritindo que com a velc-sos irmãos d'alem mar! Isto é, não una da não revogadas os consente!

da honra e das consciencias!!!

Triste! muito triste! estampada na sua fronte a Honra, o prir com os nossos deveres religiosos, Dever, Dignidade e que dezejavam o são o bastante as doutrinas pregadas cou o que ahi se vê:

Lôdo, immundicie e podridão!

cidade do raio se façam os caminhos escravos vendidos mas praças publique nos hade conduzir á escravatura cas, mas uns escravos de consciencia, amarrados ao pôtro infamante das vontades d'esses vis sotainas.

Morreram já os homens que tinham Para amarmos, a Deus, para cumdeias e pelas escolas (aonde as ha) en gordo e mais crescido.

pelos sacerdotes verdadeiramente li-No dia 28 do corrente, taz 54 an- beraes, que ainda se encontram, e nos que Joaquim Antonio d'Aguiar, que mais pódem haver, quando expul-QUANDO os nossos irmãos d'alem referendou o decreto para a extinção sem dos legues e seminarios esses in-mar mostram ao mundo inteiro das ordens relegiozas em Portugal; e fames jezuitas que em lugar de incu-

gumas victimas do despotismo; unamo-É urgente, e é precizo que os ver- nos pois, e todos aquellos que não dequellas paragens, Portugal que deixa E urgente, e é precizo que os ver- nos pois, e todos aquellos que não de-techar as escolas e morrer á mingua dadeiros liberaes se mam fórtemente zejam a escravidão dos nossos vindouos professores de instrucção primaria, para combater os abutres da Liberdade, ros e talvez ainda a nossa, destralde-Portugal que se dis, predizado, levanta os consputedores de horne de nosas mos essa saneta bandeira para com-com grande regozijo as praças de tou-familias, e os ladrões das nossas fi-batermos esses vis roupetas que tão infamamente estão conspurcando o

Avante Liberaes!

Hurrah! pelo Brazil!!!

## Expediente

O nosso jernal nasceu com a primabever, Diginande e que desejavam o sao o basisante as acoternas preganas e engrandecimento da sua patrial... pelo Martyr do Golgotha, que es vers; era imposivel logo ao nascer seu morreram e não deixaram substitu- acham publicadassem unilhares de um gigante; mas devido aos cuidados com que the temos amparado os passos na estado. Sumiraño-se e em seu lugar fi- compendios espulhados por essas al-

# FOLHETIM

# Os denunciantes

(Bomance)

a publicar todo quanto escrever.

um não sei quê de falso.

Didas estas explicações vou entrar no assumpto.

Não admirava; a ponça coorivencia d'este ultimo acostumado a olhar para tudo e para todas com indifferença tratando só das suas commodidades, não das cuas commodidades, não do Japão viviam dois rapaces em compa-le tireses provas d'amigo logo que se tranhia de sua familia nm, e o outro era tasso do seu bem estar.

Adrasto Vemar.

Uma das folhas que representaria uma dissidência dentre os regeneradores seria o diário lisboeta Esquerda Dinástica, editado entre 12 de abril de 1888 e 31 de dezembro de 189099. Voltado essencialmente à política partidária, declarava que, "sem deixar de ser um jornal de doutrina", seria principalmente um periódico "de luta pelos princípios" que afirmava. Dizia que era um "monárquico por convicção", e entendia "que todas as liberdades se conciliavam", e que nenhuma era "incompatível com a monarquia representativa". A folha dissidente destacava que defendia um partido novo que se separara dos regeneradores, deixando "à direita" aqueles seus "antigos camaradas" dos quais se apartara. Ao tratar de suas aspirações, reiterava que era órgão de uma nova agremiação partidária, que constituía um "partido essencialmente liberal, sinceramente monárquico, na vanguarda do povo e com as legítimas imunidades do rei". Alocava-se "na esquerda dos partidos monárquicos", ficando "equidistante do altar onde se consagrava a soberania do povo e do trono" e onde se firmava "a soberania do rei". Considerava-se ainda como a voz partidária "de uma legítima e inadiável evolução democrática, exigida pelas aspirações do povo e pela crise dolorosíssima da política portuguesa", de modo que representaria uma oposição que caminhava, acreditava e sentia "palpitar na sua própria alma a alma da pátria gloriosíssima"100.

-

<sup>99</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 305-306.

<sup>100</sup> ESQUERDA DINÁSTICA. Lisboa, 12 abr. 1888. A. 1. N. 1. p. 1.

# Esquerda Dynastica 2.º ANNO-N.º 479 Lindo Anne 1000 sin PROVINCIAR, Ultranz 2 2. FALRIQUE 1. 92 f 3 Provincial: No trays in principal position in 12 pagins 100 sin a links in 29 RANIL position description 100 sin a links in 29 RANIL position description 100 sin a links in 29 RANIL position description 100 sin a links in 29 RANIL position description 100 sin a links in 29 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 100 sin a links in 20 RANIL position description 200 sin a links in 20 RANIL position description 200 sin a links in 20 RANIL position description 200 sin a links in 20 RANIL position description 200 sin a links in 200 RANIL position description 200 sin a links in 200 RANIL position description 200 sin a links in 200 RANIL position description 200 sin a links in 20 RANIL position description 200 sin a links in 200 RANIL position description 200 sin a links in 200 RANIL position description 200 sin a links in 200 RANIL position description 200 sin a links in 200 RANIL position description 200 sin a links in 200 RANIL position description 200 sin a links in 200 RANIL position description 200 sin a links in 200 RANIL position 200 sin a link Temporary 1987 I mignifur a pape alimate No mallix is a fine product control of the product of A assignatura é paga adientada N.º TELEPHOXICO 230 (in artiges, sejam en nie publicades, nie serio restiluiden

Outro diário português, só que de cunho regional, foi publicado na região alentejana, na cidade e distrito de Évora com o título de Correio do Alentejo. A publicação se intitulava em seu cabeçalho, como "folha diária" e circulou entre 1º de maio de 1888 e 20 de abril de 1890<sup>101</sup>. O jornal propunha-se a "combater denodadamente pelos interesses da província transtagana e principalmente da sua primeira indústria, a agricultura". A publicação explicava que tinha a consciência limpa por manter-se fiel à proposta "de empregar os seus modestos esforços em favor do distrito e da província". A folha alentejana também argumentava que, se não dispunha "de elementos poderosos para fazer triunfar grandes alvitres, nem por isso" deixaria "de cooperar com o seu humilde contingente para o bem comum"102.

<sup>&</sup>lt;sup>101</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. V. 1. p. 208.

<sup>&</sup>lt;sup>102</sup> CORREIO DO ALENTEJO. Évora, 1º maio 1889. A. 2. N. 301. p. 1.



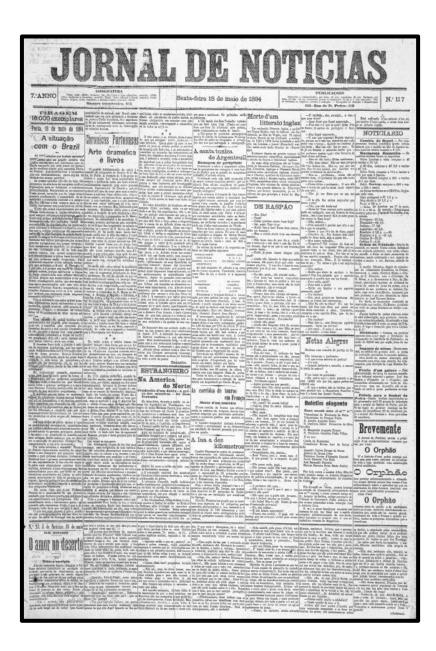
Também diário, foi editado na cidade do Porto, desde 2 de junho de 1888<sup>103</sup>, o *Jornal de Notícias*. Ainda que predominantemente informativo, atuou como um matutino de tendência monárquico-regeneradora<sup>104</sup>, tanto que em seu programa declarava que combateria "nas fileiras do Partido Regenerador". Mas fazia a ressalva de que não representaria individualidades, ainda que elas se impusessem dentro do partido, nem favoreceria "os agrupamentos parciais", por considerar inaceitável "qualquer fragmentação que roubasse a força", que só poderia ser dada pela completa unidade. Dizia ter entrado "na luta política com as suas convicções e com o propósito a que elas o obrigavam"<sup>105</sup>.

-

<sup>&</sup>lt;sup>103</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 35.

<sup>&</sup>lt;sup>104</sup> LEMOS, 2006. p. 390.

<sup>&</sup>lt;sup>105</sup> JORNAL DE NOTÍCIAS. Porto, 2 jun. 1888. A. 1. N. 1. p. 1.



Outro diário lisbonense foi o Correio de Notícias, editado de 2 de julho de 1888 a 16 de fevereiro de 1890<sup>106</sup>. O jornal se apresentava como "folha da tarde" e definia-se como um "amigo sincero e leal" do Partido Progressista, tendo "estado ao seu lado com a independência e isenção dos fortes", que assim o eram por se escudarem "na legítima consciência de pugnar pela verdade e pela iustica". Dizia ainda que era primeiro de tudo pela sua terra, ou seja, representaria os portugueses, como "apóstolo convicto de todos os empreendimentos, e de todos os atos" que pudessem "elevar o nível moral e social do país" que, tantas vezes fora "sacrificado às exigências interessadas de uma política deprimente, e que tanto concorrera para o descrédito nacional". O periódico dizia não pretender se afastar "um ápice da sua linha de conduta", analisando imparcialmente os fatos, e pondo "de parte referências pessoais e menos dignas", de modo a manter o programa a que se propusera<sup>107</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>106</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 205.

<sup>&</sup>lt;sup>107</sup> CORREIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 30 jun. 1889. A. 1. N. 296. p. 1.



Igualmente em Lisboa, circulou o diário republicano Os Debates, publicado entre 1º de agosto de 1888 e 31 de janeiro de 1891<sup>108</sup> e que se constituiu em uma das mais importantes de Lisboa na propagação dos ideais republicanos<sup>109</sup>. Sob o título "O que somos", em sua primeira edição 110, o jornal destacava que "a tradição republicana" de seus redatores, bem como "a firmeza e constância" com que todos se ufanavam "de ter sustentado ao longo de largos anos na tribuna e na imprensa os princípios democráticos", dispensavam-no de formular perante o público um programa de apresentação. Ainda assim explicava que a folha fora fundada para levantar junto ao jornalismo "uma voz a mais a favor dos interesses republicanos", entendidos como aqueles que melhor simbolizavam os do país como um todo. Enfatizava que combateria "sem tréguas pelo aumento das franquias populares", de modo que, onde houvesse "uma conquista democrática a realizar", ali estaria para pedi-la e para defendê-la com a sua pena, bem como, onde ocorresse "um atentado contra a liberdade", ali estaria para denunciá-lo e para puni-lo "perante o tribunal da opinião", importando pouco, "num ou noutro caso", os homens que teriam de ser exaltados ou deprimidos, "porque na sua cruzada" só haveria lugar para "as ideias e os princípios".

Demonstrando forte espírito combativo, o periódico declarava que "era republicano e absolutamente intransigente" pelo que tocava ao seu "credo

<sup>&</sup>lt;sup>108</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 234.

<sup>&</sup>lt;sup>109</sup> TENGARRINHA, José M. *Imprensa e opinião pública em Portugal*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2006. p. 208.

<sup>&</sup>lt;sup>110</sup> OS DEBATES. Lisboa, 1º ago. 1888. A.1. N. 1. p. 1.

fundamental". Ainda assim, afirmava que procuraria "ser imparcial na apreciação das coisas e dos homens", e "transparente e preciso" no que tivesse a dizer, de maneira que seria "inútil que os seus adversários" tentassem ler por entre as linhas do que escrevia. Em síntese, o jornal destacava que todos os seus esforços seriam "empregados para que o Partido Republicano" alargasse "a esfera da sua ação" e conseguisse "pela propaganda de todos os instantes e pela dignidade da sua atitude resoluta, mas prudente e sensata, ver sucessivamente realizados os princípios do seu programa". Nesse contexto, a folha reiterava que estaria segura em prestar "um alto serviço à causa republicana" que defendia e ao país e à liberdade, que seriam "sempre a suprema inspiração do seu procedimento".

Anno II N. 407 LISBOA - Quarta-feira 20 de novembro de 1889 DEBATES A REPUBLICA

BRAZII

To milleramentem sattérieure de millerament sattérieure de millerament de l'according de l Conditions of Andronaters—Contract Unit of Spaces as Africa Conditional, and \$1000 cities consists \$12'00]

Announcing of Andronaters—Contract Unit of Spaces as Africa Conditional and Spaces as Africa Conditional Announcing of Spaces as Africa Conditional Announcing of Spaces as Africa Conditional Annual Annu

Ainda na capital do reino, foi publicado, entre setembro de 1888 e 3 de agosto de 1894<sup>111</sup> a folha mensal intitulada *Boletim Colonial*, que estampava em seu frontispício a inscrição "revista fundada em setembro de 1888 para a defesa dos interesses coloniais". Nesse sentido, o intento básico da publicação estava ligado às possessões lusitanas, esclarecendo que tinha "em mira prestar serviços ao ultramar", empreendendo efetivamente uma ação cujos efeitos se fariam "sentir até em alguns recantos dos mais ocultos da colônia portuguesa". Através de suas páginas, o periódico compreendia que poderia empreender uma "missão civilizadora", pretendendo progredir "com mais vigor no desempenho da sua alta missão", inclusive promovendo melhorias com a ampliação para uma edição bimensal<sup>112</sup>.

<sup>111</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 111.

<sup>&</sup>lt;sup>112</sup> BOLETIM COLONIAL. Lisboa, 3 ago. 1894. A. 6. N. 1. p. 6-7.

LISBOA — 3 DE JUNHO DE 1894

N. 12

REVISTA FUNDADA EM SETEMBRO DE 1888 PARA A DEFESA DOS INTERESSES COLONIAES THE PARTY OF THE

# REDACTOR PRINCIPAL - A. J. SOCRATES DA COSTA

Redacção e administração – Rua da Escola Polytechnica, 108, 2.º – Lisbon

Preço da assignatura (Pagamento adiantado) — Por cada volune de 12 nuneros, 14000 réis. Numero ayutso, 100 réis Preço das publicações (Pagamento adiantado) — Communicados : cada linha, 100 réis. Amuncios : cada linha, 10 réis

# PHILOSOPHIA CHRISTÁ II

A existencia de Deus

Vamos á philosophia. Respondemos um amigo que nos disse não crer em Deus e comparou o christianisme a um qualquer culto gentilico. Provaremos que o nosso amigo lê a historia atravez de um espesso véu que nada lhe deixa comprehender, começando por lhe fazer acreditar que os sete seculos, que nos passámos de independencia feliz e respeitada foram verdadeiros seculos de ruina nacional. Para elle a felicidade encerra-se em pouco mais de meio seculo de vida constitucional que arrastou o paiz ás portas da banca-

E' certo que não o convencemos, porque Jesus bem o declaron-ninguem pode vir a mim sem que o Pac o cacaminhe, - e o nosso amigo pertence ao numero dos cegos; mas acceitamos a discussão no terreno em que pizamos, esperando que venha a publico com as suas theorias.

Os erros dos homens combatem-se pela razão. A logica mostrabá quein tem mais aperfeiçoada essa vista espiritual.

Demasiada cegueira é negar a existencia de Quem fez o ceu e a terra, o sol e as estrellas, o mundo e o homem. Que dirius tu se alguem te mostras-

se um qualquer edificio e te affirmasse que elle se fez por si mesmo? Dirias que essa pessoa encoava comtigo ou que estava doida.

O que mais te incommoda é não veres Deus, pessoalmente, como se fôra um homem egual a ti; mas isso não é razão para não crer. Pensa em Deus e á o vês com a vista espiritual. Com os

pensas quando queres.

Deus é o Grande Espirito creador que occupa todo o espaço. A Sua queixam e todos soffrem. Acreditar, Grandeza não cabe nos sentidos materiaes do nosso corpo, mas comprehende-se bem pelas faculdades da alma, que ditar que Deus era mau, — o que é è tambem um espirito que Deus fez á completo contrasenso. sua imagem.

A natureza é um dos braços do Deus. A producção da ceara vem sempre em harmonia com a fé do scu cultor, o que facilmente se prova no labor dos nossos campos, ende a producção de hoje não equivale a metade da que

recolhiamos ha cem annos. Não venhas dizer-me que os terrenos estão cançados. Os homens arrefeceram na fé e Deus diminuiu a protecção. As novas molestias em tantas arvo-

res e plantas são só castigos de Deus. Quero que acredites que o teu espi-rito é muito mais velho do que o corpo. Deves mesmo crer que a tua alma já foi alma de outros homens, que morreram e que não puderam entrar no ceu. Se conheces as escripturas, como affirmas, não deves ignorar que o espirito do propheta Elias e o de S. João Baptista era um só, embora a encarnação terrena tivesse milhares d'annos de distancia.

 ${\bf A}$ transmigração das almas não é ho je um dogma, mas é uma verdade. Só não transmigram as que adoraram a cruz ou receberam as agoas do baptismo. Aqui ha, finalmente, a salvação ou perdição. Os turcos ou chins não convertidos, morrerão e nascerão segunda vez para alcançarem o ceu. Nem eu mesmo posso dizer-te se tu já foste

turco, men pobre amigo!
Acreditarás ainda que és, em espirito, tão velho como Adão. Deus creou olhos do corpo só o vêem os que são santos ou alcançaram graça para isso.

a terra por causa do homem, porque em 1755, ua epocha em que a u destinou que elle aqui penasse um certuaria minava o templo christão.

Tambem tu não vês o teu pensamen-to, mas sabes que elle existe, porque mettidas antes da nossa existencia humana. Tu podes attestar se ja viste alguera feliz n'este mundo. Todos se pois, que Deus creou o homem só para

A razão de não te salvares nos mil cento e sessenta annos que decorreram antes do diluvio explica-se pela má vida que tiyeste. O ten espírito não alemen o gran de claridade necessaria para habitar a mansão da luz.

O espirito do homem entra verde na terra, tantas vezes quantas encarnar-Desenvolve-se com o tempo e com os ares d'algumas primaveras. O praso da maturação foi-lhe marcado por Deus. Chegando a certa edade manifesta-se o espirito pelas grandezas da sua ori-gem. O homem catão pensa e cria, como pequena imagem de Deus.

Nada d'isto deve admirar-te porqu sabes que os fructos estão na arvoro, mas que só apparecem em tempo com-

Deus tudo destinou assim e só Elle póde apreciar esta grande obra. O homem que se metter a critical a erra forçosamente, porque não tem intelli-

geneia para tanto. A mão de Deus é visivel em toda a obra da creação e producção da na-tareza. Ha premios e ha castigos constantes, embora muitos homens os não sintam. Antes da vinda do Redemptor tornaram-se notaveis es castigos de So doma, Gemorrha, Adam, Saboim Segor, que foram que mados, e no anno 79 da era christà as cidades de Pompéa. Herculanum e Stabia, arrasadas por cin zas e lava do Vezuvio. Em Portugal devemos recordar o castigo de Lisboa ет 1755, на сросћа ст дво а шасе

Do gênero caricato, foi publicada em Lisboa, de 6 de outubro de 1888 a 19 de dezembro de 1889<sup>113</sup>, A Comédia Portuguesa, que se intitulava como "crônica" semanal de costumes, casos, política, artes e letras". Em seu primeiro número, a folha buscava demonstrar que teria um comportamento mais ameno em relação aos seus colegas caricatos, ao informar que seria "crítica, perfeitamente imparcial, sem peias e sem atrevimentos" que melindrassem "a liberdade de cada um, na sua esfera de ação". Sustentava ainda que sua crítica não iria "aspirar à gargalhada ruidosa, nem pela insolência do desenho, nem pelo torpe do assunto, nem pelo desbragado da linguagem", mas constituiria "uma crítica moralizadora e fecunda, não menos cruel, por delicada". Desse modo pretendia criticar todos os assuntos ligados à política, às artes, à ciência e aos costumes da sociedade portuguesa, "não só analisando o seu viver de dia a dia, mas consagrando números especiais, às suas instituições, escolas, museus, teatros, foro, câmaras", bem como às suas coletividades. Assim enunciava o seu programa, garantindo que ele não teria "a graciosa propriedade de ser apenas um amontoado de palavras sem importância, como os programas políticos" da imprensa lusitana<sup>114</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>113</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 172.

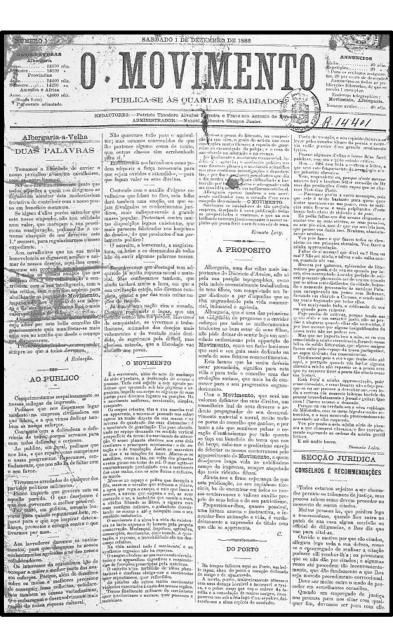
<sup>114</sup> A COMÉDIA PORTUGUESA. Lisboa, 6 out. 1888. A. 1. N. 1. p. 3.



Voltado aos interesses regionais e às atividades primárias, foi editado duas vezes por semana, em Albergaria-a-Velha, localidade no distrito de Aveiro, no período de 1º de dezembro de 1888 a 2 de abril de 1890115, o jornal O Movimento. Em se tratando de política, o periódico garantia que viveria "arredado de qualquer dos partidos políticos militantes", de maneira que pouco importaria se governasse "este ou aquele partido", pois o que desejava era que governassem "o melhor possível". Nessa linha, afirmava que, em política, teria "louvores" para o que reputasse como bom, "reparos" para o que inspirasse "desconfiança", e "protestos e energia" para o que considerasse como mau. Explanava que aos lavradores daria "os ensinamentos, para que chegassem os conhecimentos agrícolas" da própria redação e os dos colaboradores, detalhando que "os interesses da agricultura" iriam "ocupar a maior e melhor parte dos seus esforços", buscando esclarecer "sobre os meios e melhores processos de conseguir boas colheitas" e estudar as causas que embaraçavam "o desenvolvimento mais rápido da riqueza cultural lusa". Além disso, explicitava que a vila e todo o concelho teriam naquele periódico "um valoroso defensor dos seus direitos, um conselheiro leal de seus deveres e ardente propugnador do seu desenvolvimento material e moral"116.

<sup>&</sup>lt;sup>115</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 110.

 $<sup>^{\</sup>rm 116}$ O MOVIMENTO. Albergaria-a-Velha, 1º dez. 1888. A. 1. N. 1. p. 1.



Baseado no humor e na sátira, foi publicado em Lisboa o semanário O *Malcriado*, que circulou de 16 de dezembro de 1888 a 6 de fevereiro de 1897<sup>117</sup>. Seu título bem demarcava suas intenções, ou seja, atuar com malcriadez, não respeitando as regras da educação ou da vida em sociedade. No cabeçalho, especificava que era um "jornal para rir e para chorar" e anunciava que era o periódico "humorístico e satírico de maior formato" até então publicado em Portugal. Destacava que "a malcriação era o 'defeito do século", arrolando uma série de ações malcriadas que imputava à sociedade lusitana. Nesse sentido, agradecia "a indicação de escândalos, torpezas, indignidades e grosserias" cometidas, para que pudesse fustigá-las "com a despiedade própria da malcriação". Com uma linguagem ácida e verrina, dizia que, "longe de esmorecer com a mordedura das tarântulas abjetas" que esmerilhavam e procuravam empeçonhá-lo, ganhava "novas forças, para aparecer "mais audaz". Quanto às políticas repressivas de controle do discurso, o periódico enfatizava ainda que, "isento de compromissos partidários, ora alegre como uma alvorada, ora carrancudo como uma noite de trovões", ele vinha conseguindo "atravessar incólume, por entre uma selva de dificuldades, o matagal aspérrimo da lei das rolhas, sem que a mais leve arranhadura lhe resultasse da sua peregrinação"118.

Ainda que se mostrasse desafiador em relação ao cerceamento à liberdade de expressão, com seu comportamento agressivo e debochado, O

<sup>&</sup>lt;sup>117</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 84.

<sup>&</sup>lt;sup>118</sup> O MALCRIADO. Lisboa, 16 dez. 1888. A. 1. N. 1. p. 1.; 1° set. 1889. Suplemento ao número 37. p. 1.; e 6 jan. 1892. A. 5. N. 158. p. 1.

Malcriado sofreria com as perseguições e coerções, tendo de suspender sua edição. Mas, enquanto esteve com a circulação interrompida, foi substituído por outro semanário que mantinha as mesmas características. Era o Mal Amanhado, editado entre 1º de setembro de 1889 e 4 de maio de 1890119, que, satiricamente. apresentava como "periódico tétrico e se ratazana". acrescentando depois o termo "independente" a tais expressões. De acordo com suas propostas, seu nome aludia a algo desarrumado, desarranjado e desajeitado e, ao apresentar-se, pedia licença ao público e afirmava que aparecia inspirado na ideia de "analisar o *modus vivendi* contemporâneo zombando dos ridículos", que eram muitos, "e lamentando as misérias", que não eram menos numerosas, "procurando, porém, quando possível, manter-se inofensivo e cortês, embora de cortesia serrana, obrigativa da carapuça", usada "perante o transeunte desconhecido", sem deixar "de manejar o varapau de varrer feiras" quando a isso fosse obrigado<sup>120</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>119</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 83.

 $<sup>^{\</sup>rm 120}$ O MAL AMANHADO. Lisboa, 1º set. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.





# PERIODICO TETRICO E RATAZANA

1. Anno Particolar anno en tele annotes 20 rele transporte la la particolar anno en relegionativo (il companio de particolar). Se describe de particolar de companio de particolar de companio de particolar de part

(LISBOA) Domingo, 1 de setembre de 1839 Additional per series of real 30 yills a labeling personness of non-ment control exists. Generally reported in labeling personnesses of non-rol, yields of Littimans particular, for one is falled from the late-pered, periodication graph. But an developen, person, or relating-ted white new long professional.

N.º 4

L'ABB 

| And | Analysis | Language | Langua

120

Na cidade de Bragança, capital do distrito homônimo, na região de Trásos-Montes, circulou, entre os anos de 1888 e 1910<sup>121</sup>, o periódico *O Nordeste*. Tal folha iniciou sua edição, sendo publicado duas vezes por semana, mas, posteriormente, passou a semanário. Ao longo de suas edições, várias vezes exultou com vitórias do Partido Progressista, criticou os regeneradores, ressaltou a divisa dos progressistas — liberdade e progresso dentro da monarquia constitucional — e denunciou perseguições promovidas pelos regeneradores.

<sup>121</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 120



Incinte Octavia Pirica

Incint

Mais um dos periódicos diários lusitanos que circulou em Lisboa foi *O Tempo*, editado de 2 de janeiro de 1889 a 17 de abril de 1904<sup>122</sup>. Na explanação sobre seu conteúdo programático, o jornal explicava que, para alcançar "a benevolência do público" contava "apenas com o esforço perseverante e diligente" que pretendia empregar. Sua pretensão era de ser "um jornal interessante, noticioso, bem informado, tendo de política o *quantum satis* mas só isso". Quanto à "boa literatura", dizia que traria "todos os reflexos consoladores", "compatíveis com a pobreza do meio literário e com as acanhadas proporções da folha". Quanto à política, declarava que militava "resolutamente nas fileiras do Partido Progressista", mas não distinguia "no partido individualidades nem *coteries*", dizendo o que pensava "francamente a amigos e a adversários"<sup>123</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>122</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 297.

<sup>&</sup>lt;sup>123</sup> O TEMPO. Lisboa, 2 jan. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.

# N.º 936 LISBOA - QUINTA-FEIRA 12 DE NOVEMBRO DE 1891 ANNO III JOAQUIM A. GONÇALVES ALBERTO BRAGA TEMP NAMES OF THE SERVICE S BEDACCIO ADMINISTRAÇÃO 13, Trenvers d'Agus de Pitr. 12 th, Transcoa d'Agua da Fite, 19

O Provinciano foi outro representante da imprensa regionalista, publicado na localidade de Cartaxo, no distrito de Santarém, e o seu próprio título já lembrava a questão regional. Foi editado de 20 de janeiro de 1889 a 9 de junho de 1895<sup>124</sup> e estampava em seu cabeçalho a expressão "semanário científico, literário, noticioso e agrícola". Em sua apresentação aos leitores, definia-se como um "humilde filho do povo", que em Cartaxo, recebera "as mais lisonjeiras provas de amizade e de consideração", ao compreender que aquela "povoação devia ter um órgão jornalístico que pugnasse por todas as necessidades locais", de modo que esse seria o fim pelo qual fora fundado aquele "humilde semanário". Declarava que não era "órgão deste ou daquele partido militante, desta ou daquela facção partidária", estando "indiferente às lutas políticas", haveria "de acompanhar sempre aqueles" que tivessem "do seu lado a justiça e o direito". Afirmava que teria a feição "de um periódico independente, dedicado única e exclusivamente a fazer ouvir a sua voz em prol dos interesses nacionais"<sup>125</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>124</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 209.

<sup>&</sup>lt;sup>125</sup> O PROVINCIANO. Cartaxo, 20 jan. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.

6.º Anno-CARTAXO, 20 de Maio de 1894 Numero 263 PUBLICAÇÃO SEMANAL Preco das assignaturas Preco des publicações Redactor e proprietario Annuncios, 40 vels a linha. Annuncios peru tes, ajuste partirclar. PRANCISCO PEREIRA Toda a correspondencia, dirigida so director do investo. Refacção e administração, ran Direita a.º 38 PAGAMENTO ADBANTADO A politica, leal, sincera, produ-A SEMANA Esta reunião que teria inevitavel-EXPEDIENTE

Para regularidade de nos-a escripturação pelimos todos os nossos assignan-es a finesa de mandarem attisfaçor a importancia los seus debitos. De outra orna ver-ans-hemos, obri-ados a superio-lines a re-uesas de Jorgal.

cto d'uma enraixada convicção, não pode ser motivo que se alle-

A totom on curvathetron a consideration of the cons

mente importancia decisiva nos des-tinos do paíz se fosse sincero o im-pulso de união liberal que apregoa-ram, não deu afinal mais do que nos

126

Na homônima capital do Distrito de Castelo Branco, na região da Beira, circulou um periódico que se denominava "publicação hebdomadária" e, já no título, lembrava seu caráter regional — *O Distrito de Castelo Branco* — que circulou de 31 de janeiro de 1889 a 17 de maio de 1906<sup>126</sup>. Em seu programa dizia que não faria "vãs promessas visto que não" pretendia "criar adeptos para esta ou aquela facção política", estando de todas desligado. Destacava que tinha um "intuito mais nobre" e uma "proveitosa tarefa", ou seja, "fora da órbita política", a sua missão era "principalmente", a defesa intemerata e justa dos mais caros interesses" do distrito<sup>127</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>126</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 264.

<sup>127</sup> O DISTRITO DE CASTELO BRANCO. Castelo Branco, 31 jan. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.

N.º 540-Anno 12.º- Quinta-feira, 5 de Maio de 1900

ADMINISTRAÇÃO-Largo da Se n.º 5

Jonquim Lucio Pelejño

Typographia de J. L. Peleião, Largo da SA n.º 5 - Castello Branco

# @ descobrimento do Brazil

O genio poderoso de D Heurique arremessara os portuguezes por esses mares alem, levando-os a destruir as barreiras que a ignorancia e a superstição oppunhum á sua nudacia e a mostrar a falsidade das lendas terroristas da edade media a respeito do Mar Tenebro-

Ao impulso vigorosa do grande iniciador dos scobrimentos, de D. Joko I a D. Affonso V, os obstaculos caíam des-feitos, as illias sorgiam dos mares como por en-canto, os segredos da costa d'Africa iam sendo des-

D load II venuidas as resistencias da fididguia orgulhosa, assente o poder real sobre as rumas do poderio dos grandes vassallos, fez, ir., mnito mais longe a conquista sobre os elementos.

Toda a costa occidental d'Africa passava co-mo em revista deante dos nossos navegadores, e Bartholomen Dias, zombando das furias do Adamastor, pela primeira vez transpunha o Jemeroso ca-62, dando assim o passo mais difficil paralo descobrimento do caminho da India, que havia de ser levado a effeito no tempo do seu feliz suc-

Mas um erro de D. Joño II, de que o grande monarcha cedo se arrepon-deu, deu aos hespanhoes a prioridade da chegada

a terras do Novo Mundo. Os dois povos da peninsula, irmãos de gloria como irmãos d'infortunio, illustravam-se assim parallelamente pelas arro-

jadas emprezas mariti-

Para evitar possivels contendas, os reis dos dois estados da peninsula fizeram o celebre tratado de Tordesillas, que esta-belecia a linha de divisão dos descobrimentos porturques e hespanhoes, o que levou Francisco I dixer: - Eu sempre desejava rer o artigo do testamento de Adão que institue par herdeiros de todo o mun-

do portuguezes e hesponhoes. Mas os mares até ahi só tinham aprendido a musica das barcarolas dos marinheiros portu-

Deixar o occidente só para os hespunhoes era mesmo que dizer às vagns d'esses mares que lia-viam de também cantar eternamente, e unicamente, a nuisica das canciles dos marinheiros castelhanos, como as dos mares orientoes cautavani a mitsica aprendida com os ousados nautas dos galebes que primeiro ousaram cortar as oudas do Mar-Tenebroso.

Era preciso ir tambempara aquelles lados, para o occidente, de que se diziam maravilhas, como se diziam das Indias.

Mas como, se a fé dos tratados prendia a audacia dos nossos navegado-

O patriotismo ardente sabe quebrar todas as peias que tolliem os mocimentos dos que acima de tudo anceiam por fazer derramar novas glorias sobre o sen paix.

Descoberto o caminho da India, Alvares Cabral parte para ali com uma esquadra.

O espirito aventuroso do tempo leva-o a afastar-se para o occidente, muito para o occidente, do caminho trillusto pe-las naus de Vasco da Ga-

O patriotismo ardente | leva-o a procurar novas terras para aquelles lados, cujos segredos ainda não tinham sido devassados.

Depois de muitos dias de viagem, a Deus e á ventura, deante dos seus olhos arrebatados surgem as terras de Santa Cruz, as terras que depois se chamaram do Bra-

Para evitar complicações, explicou-se o facto рево песиво...

Não foi grande o entliusiusmo que o desco-brimento das novas terras produzio em Portugal, porque todas as attenções se voltavam então para a India, onde havia campo de sobre pa-ra exercer a actividade de todos os guerreiros e satisfazer a ambição de todos os sonhadores de

plorias. Mas come o futuro vingou o glorioso nave-gador do mal disfareado desdem que o seu feito provocou no reino seduzido pela miragem do Oriente!:

A terra da promissão — viu-se depois — não era a India, era o Brazil.

Colonisado, d'aquelles campos immensos começaram a brotar torrentes caudacs de riquezas e mais tarde as minas deram a Portugal tanto ouro como nunca ousou so-nhar nenhum ambicioso conquistador de riquexas.

As terras de Santa Cruz transformaram-se num rico e florescentissimo imperio.

Chegou-lie a hora da етансіраção; верагои-ве da måe patria: viven a sua propria vida.

Mas a lingua de Camões licou lá a attestar a nossa capacidade colonisadora, e brazileiros e sangue, irmãos pela lin- capital do outro; mas a cines, são bem capazes

Ha quatro seculos que

o Brazil foi descoberto. Vae quasi nun seculo que o Brazil proclamou-a sua independencia, escolhendo para seu impe-rador um filho do rei de Portugal.

E hoje ninda os brazi-leiros são os irmãos dos portuguezes, a lingua e o angue fazem dia, grande republica sul-americana a uncão do mundos que mais estreitamente nos sentimos ligados!

Celebra o Brazil neste nomento o quarto centenario do seu descobri-

Officialmente Portugal toma parte nessa celebração e os brazileiros fuzem aos representantes do nosso paix o mais carinhoso e enthusiastico dos scolhimentos.

Tambem nos nos associamos ás festas e pedimos a Dens de ao Brazil o socego de que care re, a grandeza e prosperidades que merece.

Viva o Brazil!

# Chronicas da Parvonia XIX I. DE MAIO

A classe operaria d'esta cidade, os officisos e mestres d'artes e officios, comprehendidos na designação generica de artistas, não quizeram este anno deixar passar o dia 1.º de maio 'sem, por qualquer fórma, mostrarem que commungam no mesmo ideal com a immensa população operaria de todo o mundo, que n'este dia celebra a festa annual do trabalho.

E' complexa a questão operaria, é delicada a contenda em que andam tres 8, se ámanhā tive-emperhados ha muito o rem debaixo das suas orportuguezes ficaram sem- emperhados ha muito o pre irmãos, irmãos pelo trabalho d'um lado e o

gua, irmãos pelos senti- festa do 1.º de maio, especie de dia santo do tra-balho, symbolisa uma reelamação simples e no fundo sympathica: a reclamação dos tres 8-8 horas de trabalho, 8 horas de desenneo. S horas para a educação do espi-

> Perguntava-me luntem um honesto burgues:

-Conto explica você esta festa dos nossos operarios? Se o primeiro de maio representa, no fundo, a questão dos tres 8, como é que se entende que os artistas, que não têm patrões, porque são patrões de si mesmos, andem abi com com musica e foguetes a querer dar a cutender que luctam pelis mesmo ideal por que lucia la fora o operariado, explorado en regra por companhias podero-sas? Se elles querem as 8 horas de trabalho, têm o remedio na mão os nossos artistos, trabalham só as 8 horas e acabouse. Parece-me que ninguem lhes vae pedir contas d'isso. Operarios propriamente ditos, explorados pelo capital, ha shi tão pouco d'isso....

No fundo tinha razão o honesto burguez.

Mestres, proprietarios das proprins, officinas, a celebrar a festa da reclamação, dos tres 8, não fez

Mas a festa é puramente symbolica. Celebra-se o symbolo como meio de manifestar sympathia pela causa do operariado propriamente dito, e mais nada.

De resto, os niestres d'artes e officios, proprietarios das suas proprias officinas ou atdiers que andaram no 1.º de maio associados ás festas dos dens aprendizes on offiDe tendência satírica e humorística, circulou em Lisboa entre 21 de fevereiro de 1889 e 9 de outubro de 1890¹²²³, o semanário *O Cabrião*. Seu título repetia o de várias folhas do mesmo gênero espalhadas pelo mundo e fazia referência ao ato de importunar, molestar ou perseguir incessantemente, bem de acordo com suas práticas críticas, ferinas e chistosas. Na sua apresentação, dizia que já era "conhecido antigo" do público, tendo em vista a participação de seus mantenedores em outra folha do mesmo gênero, "o simpático *Pimpão*", como ele mesmo definia, mas, dali em diante, "sem se despedir dos seus amigos e colegas *pimponáceos*", viria "para a rua sozinho, procurando fazer uma boa colheita de moedas", a fim de contribuir para o aumento das receitas da nação" e esperando que os "nobres e generosos leitores" o recebessem "de bolsas e braços abertos", complementava jocosamente. Com ironia, destacava que pretendia matraquear por "meio mundo, com aplauso do outro meio, sem nunca ter metido o nariz na vida privada, nem escalavrado a dignidade" do mundo, ou ofendido os seus "castos ouvidos"¹²².

<sup>&</sup>lt;sup>128</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 134.

<sup>&</sup>lt;sup>129</sup> O CABRION. Lisboa, 21 fev. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.



Advion è ja conhecido anle de Aira.

Alba collambas de sympathico.

Domingos Fandango, o soube
partico de Vossas Excellencias.

Em Alba aria fallou com o laci, da segunda valendho a so ma da de st. Correia de Barra,

Nas collambas de sympathico.

Domingos Fandango, o soube peira, com uns fundilbos o umas ros, fica tambom ao seu dispir.

Tompos, tem elles matraquesto consisto a croo da venia, com as parentes consisto and consistente de consistente de

Atoje, sem se despodir das das em grandes capates; arransus amigos e collegas pimpocui das trevas nysterios mysprodraado fazer uma boa coleita do moclas de des réis,
sem de contribuir para o ausum de contribui 

Koz o não compra por anafados contos de reis.

### Porque serial

Janara dar ar ás pratas e ac meteora no tacco e tra de la gloria, o cu não hai de state que a traça entrasse mento á cidade do Porto, pe grande numero de exemplar que, por intervoção do do norma da mento á cidade do Porto, pe grande numero de exemplar que, por intervoção do do norma da mento facilita e por portar das Novado de la completa de la Porto, pe grande numero de exemplar que, por intervoção do do norma de prepincipios a dar por sia e por pedras, phanamedo de la Porto, pedra de D. Pedra, por la pedra de D. Pedra, por la pedra de D. Pedra, por este errabado descamba em recleme para o tio João, pedra este errabado descamba em recleme para o tio João, pedra este errabado descamba de la pedra, polando ao pedra este errabado descamba em recleme para o tio João, pedra este errabado descamba em recleme para o tio João, pedra este errabado descamba em recleme para o tio João, pedra este errabado de secunda de ma recleme para o tio João, pedra este errabado de secunda de ma recleme para o tio João, pedra este este contra as cinhallio esta de la pedra de la Porto, pedra de la Porto one due he estavam confindos, merca dois paes alvos?

Tara actiar que a traça estrasse
one elles. Esta medida sensata, Otasa 130 innocente e lio tas.

Ja tem uma figueira em Bem que nos indiquem alguns fact.

Typ. Lisbonesse—L de S. Roque, 7

egando. ptores, mascarados e embuça. Hoje, sem se desposir das dos em grandes capotes; arran-

L'impresa Franco-Luzi, sa e muito airosa, toda vestida dustria, introduzirum se pei de preti; com uma filha muito te co numerosos espectad Aqui o teidos, pois, é nobrea formosa e muito airosa, toda d'aquello acio degradante e . Senerosos leitores. Recebei o ventida de preto; scomponiados baram ao sr. Garcia Diniz u de Solasa ce braços abertos, e por um cavalheiro com cabello preciosa reliquia de Santa manda e su cara de poucos muito de su cara de poucos mito de su cara de poucos mitos de su cara de su cara de su cara de poucos mitos de su cara de

- Onde disse que disse, digo que pão disse.

Em seguida pegon na viola, Othescureiro menor da Secos que estava em cima da mesa, maya dar ar da pratas e sos metter a no sacco e quem

Foi ha dins exautorado

gos, todo vestido de preto.

O sr. Garcia deu parte a

No dia seguinto escrever o
dito reporter nua ditas Novida

Amont

Amen!

# Manteiga

nos de trabalhos insanos, a consultar os arcanos, bato me, todo lampeiro, com outro methodo para enemar a der e a escrever cegos, sem vista/ em nosbum dos olhos, e, quando principio a deitar foguetos pela invenção, vem, outra vez o sr. João de Dens, ou João do Diabo, e põese a berrar que este também é d'elle!

Já é ser ambicioso! Que mais quer o ar. João de Deus?

Elle já é João de Deus; elle já é auctor do methodo João de Deus; elle já é inspector do methodo Jožo de Deus; - que mais

O governo encarregou-o de assignar, todos os annos, doze recibós, o paga lhe por esse trabalho nove centos mil réis:-

que mais quer? Elle mette-me o nariz no curioso invento, com que en conto para me elevar aos carrapitos da gloria, e en não hei de

Misto de órgão doutrinário e combativo republicano e folha satírica, com predominância da primeira característica, o semanário *O Fura-Vidas* circulou em Lisboa entre 10 de março de 1889 e 2 de fevereiro de 1890¹³º. Definia a si mesmo como uma "folha de combate", direcionada essencialmente contra as estruturas monárquicas. Seu título, já demarcando seu enfoque crítico, lembrava os indivíduos que buscavam atingir seus fins sem importar-se com os meios empregados para tanto. Assim, afirmava que a sua "missão mais grata" seria "revelar ao mundo absorto" os "feitos gloriosos" dos tantos "fura-vidas" que atuavam no país¹³¹.

<sup>130</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 345.

<sup>&</sup>lt;sup>131</sup> O FURA-VIDAS. Lisboa, 10 mar. 1889. A. 1. N. 1. p. 1



Ao sul de Portugal, na região do Algarve, distrito do Faro, em Loulé, foi editado de 31 de março de 1889 a 19 de setembro de 1893132, O Algarvio. Tal semanário apresentava-se como uma "folha a conquistar seu espaço na história" e previa dificuldades no porvir. Colocando-se como um defensor da região do Algarve, visava proteger, mormente, o lavrador, as artes, a indústria e o comércio e destacava "a incúria e o desleixo" com que fora "tratada uma província, que melhor e heroicamente" selara "o seu sangue puríssimo às vitórias alcançadas no velho tempo" das "descobertas e conquistas e ainda modernamente, por ocasião das lutas pela liberdade". Declarava que seria "imparcial e intransigente", ou seja, "imparcial na apreciação de todas as opiniões políticas, na discussão de todos os problemas sociais, no exame das provas" que lhe fossem "afetas e no estudo das questões" a ele entregues; e "intransigente em todos os assuntos" que envolvessem "abusos inveterados", que significassem "o desleixo e o desprezo pela lei", ou que traduzissem "patronatos escandalosos", viessem de onde viessem e partissem de quem partisse<sup>133</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>132</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 44.

<sup>&</sup>lt;sup>133</sup> O ALGARVIO. Loulé, 31 mar. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.



Apresentando-se como "diário da manhã ilustrado", O Globo circulou diariamente em Lisboa entre 1º de abril de 1889 e 13 de julho de 1891<sup>134</sup>. Em seu número inicial, afirmava que pretendia ser um "periódico sadio, jovial e moderno" e dizia apresentar-se de uma forma "simples e clara", ou seja, definiase como um progressista e só buscava que lhe deixassem "trabalhar livremente pela honra e prosperidade do país". Afirmava, assim, que se dedicava a tal partido que, "desde o início do regime liberal", encarnara "algumas das aspirações mais generosas da alma popular", e tinha "padecido e lutado sem que o desalento nem a incerteza do futuro" lhe tivesse "tomado o braço, ou enfraquecido o ânimo nas horas de maior adversidade". Apesar da declarada filiação partidária, o jornal buscava demonstrar seus compromissos também com as regras gerais das práticas jornalísticas, explicando que não seria digno de portar a pena nem de contar com a consideração de seus leitores, bem como "de amigos e adversários", se não pudesse encontrar "nos recursos da lealdade a fórmula de conciliar os deveres da disciplina com as inspirações da própria consciência"135. Ao desaparecer, O Globo seria substituído pelo Correio da Tarde, igualmente diário e lisbonense e que se apresentava como "folha política, noticiosa e comercial", tendo sido publicado de 14 de julho de 1891 a 30 de julho de 1894<sup>136</sup>. Com base na luta pela "liberdade e o progresso dos povos", mantinha a filiação partidária, destacando que pretendia continuar a ser um "modesto, fiel e

-

<sup>&</sup>lt;sup>134</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 384.

<sup>&</sup>lt;sup>135</sup> O GLOBO. Lisboa, 1º abr. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>136</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 198.

intemerato campeador da ideia que indefesamente" advogava "e seguidor honrado das tradições do Partido Progressista" 137.



<sup>&</sup>lt;sup>137</sup> CORREIO DA TARDE. Lisboa, 2 jan. 1894. A. 6. N. 1.455. p. 1.



Na cidade portuguesa de Portalegre, capital do distrito de mesma denominação, na região do Alentejo, foi editado o *Comércio de Portalegre*, cuja edição perdurou pelo período de 7 de abril de 1889 a 26 de novembro de 1893<sup>138</sup>. Tal publicação se apresentava no cabeçalho como "semanário político, literário e noticioso" e suas manifestações eram em prol da forma de governo reinante no contexto luso, fazendo oposição ao ideário republicano. Com inspiração regional, a folha almejava defender os interesses citadinos e distritais.

 $<sup>^{\</sup>rm 138}$  RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 179.



Entre 22 de abril de 1889 e 14 de janeiro de 1905<sup>139</sup>, foi publicado em Lisboa o diário A Tarde. Em sua gênese, apresentava-se ao público, resumindo suas práticas na expressão latina res non verba, refletindo a intenção da supremacia dos fatos sobre as palavras, ou opiniões e informando que, a propósito "de todos os assuntos de interesse público", que deveriam ser veiculados na imprensa, daria "a sua opinião franca e desassombrada, guiando-se apenas pelas normas da justiça", sem se preocupar, levemente que fosse, com os partidos em que se dividia a política lusa. Declarava que não representaria partidos, e sim "jornalistas, na boa e elevada acepção da palavra", e procuraria, quanto lhe coubesse, "esclarecer a opinião pública, expondo-lhe suas ideias e conviçções como produtos de estudo e investigações imparciais e sinceras". Complementava a apresentação, afirmando que a sua "humilde pena" serviria "devotamente à causa da liberdade" e defenderia "os sagrados direitos" que dela emanavam "no indivíduo e na coletividade". Como uma atração editorial suplementar, prometia apresentar uma gravura em sua página inicial, contratando para isso profissional cuja reputação artística não careceria de reclame<sup>140</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>139</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 293.

<sup>&</sup>lt;sup>140</sup> A TARDE. Lisboa, 22 abr. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.



Em Alcobaça, ao centro de Portugal, no distrito de Leiria, circulou entre 5 de maio de 1889 e 5 de janeiro de 1890<sup>141</sup>, o *Correio de Alcobaça*, semanário pouco longevo voltado aos interesses locais e que, quando deixou de existir, foi substituído publicação semanal, cujo título era *Semana* por outra Alcobacense, tendo sido editada na mesma localidade entre 3 de maio de 1890 e 17 de junho de 1923<sup>142</sup>. Esse periódico se anunciava no frontispício como "folha noticiosa, literária e recreativa" e explicava que não era um periódico "de combate, nem um jornal de partido", não tendo vindo a público para "pleitear por nenhuma facção, nem arvorar nenhuma bandeira. Avisava que se limitaria a fazer a "notação sucinta e rápida dos acontecimentos públicos, e das ocorrências locais", acompanhados "de ligeiros comentários formulados com a mais alta isenção" e com "o máximo desprendimento de preocupações políticas". Pretendia empreender um "escrito sem pretensões e em linguagem corrente", nunca desconsiderando "a terra onde principiou a ver a luz" 143.

-

<sup>&</sup>lt;sup>141</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 201.

<sup>&</sup>lt;sup>142</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 274.

<sup>&</sup>lt;sup>143</sup> SEMANA ALCOBACENSE. Alcobaça, 3 maio 1890. A. 1. N. 1. p. 1.; e 12 maio 1895. A. 6. N. 261. p. 1.



Na região da Estremadura, em Setúbal, circularia outra folha significativamente crítica ao *status quo* luso. Era o semanário *A Opinião*, publicado de 9 de junho de 1889 a 31 de agosto de 1890<sup>144</sup> e que, ao expor seu programa, declarava que intentava falar "a sã e franca linguagem da sinceridade e da independência, com o desassombro" de quem não tinha "a atarlhe os pulsos uns certos preconceitos falsos de solidariedade ou de disciplina, nem a turvar-lhe a serena ação do entendimento a paixão do partidarismo". Considerava como "uma grande vantagem" de sua parte o fato de não se filiar "em partido algum" e garantia que "os interesses locais e as conveniências" daquela cidade, "tão esquecida e desprezada", mereceriam o seu "cuidado e trabalho mais vigilantes e mais vigorosos"<sup>145</sup>.

-

<sup>&</sup>lt;sup>144</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 141.

<sup>&</sup>lt;sup>145</sup> A OPINIÃO. Setúbal, 9 jun. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.



Na Ilha da Madeira, em Funchal, circulou um semanário bastante crítico e incisivo até em seu título – *O Látego*, que foi editado entre 12 de junho de 1889 e 8 de março de 1891<sup>146</sup>. Explicitava que era uma "folha política, noticiosa e literária", mas suas posições mais combativas aproximavam-no do ideário antimonárquico. Dizia que faria a política que fosse "reclamada pelos interesses da Madeira", bem como tomaria a seu cargo denunciar "todas as injustiças de que tivesse convencimento", defendendo "os inocentes" e atuando em nome "da justiça e da imparcialidade"<sup>147</sup>.

6.D.A.E.A.E.L. 0.04

<sup>&</sup>lt;sup>146</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>147</sup> O LÁTEGO. Funchal, 12 jun. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.



PREÇO DA ASSIGNATURA

BY MINTER STREET, MANAGEMENT

Numero 18 PRECO DOS ANNUNCIOS

Forchalt #8,8 \*\* 230 reis. Pelecurreio, pago adico QUARTA-FEIRA 20 DE NOVEMBRO DE 1889. The Tisks, 18 re: repetitives: 20 re: Qualquer reservantantiquiments, 180 reis. Numero annino 80 reis.

QUARTA-FEIRA 20 DE NOVEMBRO DE 1889.

#### **EDITOS**

1." Anno

No tribunal da opinião publica, correm editos de trinto dias, citando o governador civil do Funchal, o sr. D. João de Alarção O30. rio, para mandar publicar o telegramma que sua ex." expedio ao sr. inspector do circulo aduaneiro do Sul, ou so governo, ou a quem quer que foi, ácerca do desgraçado negocio das malas do passageiro Ouchkoff, unico meio de se saber se o mesmo sr. governador civil deve ou não ser considera- se chamam do como protector de contrabando

Tem s. ex. este unico meio de se justificar.

Se, findo este prazo, não for publicado o telegramma, tem o sr. governador civil de ser condemnado á revelia.

E' a segunda publica-

## A REPUBLICA BRAZILEIRA

Não era esperada 180 codo, mas fambem não causos grande estra-nheza nem sensação a radical mu-dança que analea de operar-se na constituição política dos noscos ir-mãos nelo sangue, pela história, Não era esperada tão cedo, mas pela lingua, pela litteratura, pelo ommercio e pelos estreitissimos lacos de sympathia e de amisade, os brigileiros que acabam de mostrar ao mundo civilisado que a patria é mais alguma cousa que um fendo de qualquer mignate; e que aos povos e a quem compete, esa lher mem es governe e dirija conscante os sous legitimos interesses e justas

E'um notes exemplo esse que povo brasileiro, povo historicaco diante do mundo tado. Exemplo nobre pelos principios philosophis di de una conquista mais do proceso principios philosophis di de una conquista mais do proceso de conserva, o pela maneira grasso; cada seredo que por sobre da camara municipal de Pandel que cayalacirosa o digna por que se ella roda è mais uma pagna dou-

actuzes povos monarchicos teem de abrir em occasiões adequadas as novas datas e os novos cyclos de

sun civilisação. A civilisação d'um povo, como elemento essencialmente activo, e factor intrinseco das grandes syn-theses do progresso, não estuciona nom morre: civilisação, progresso e movimento são, sociologicamente fallando, ideas que se correspon-dem, que so completam e se identificam, necessaria e fatalmente, na vida d'um povo como na do individuo os prodigiosos factores que se chamum Scatimento, Razão e Como o individuo gommunica

Como o radividos geomentes ao seu congenero, já convenisado-mente claborados e aperíniopados, todos os elementos de sida que her-dara ou adquirar mo: esforo, pro-pero, sesim os poros e as maçous ao communicam de gerindo em ge-ração, o producto da sea activida-do intellacenta e mesto, explaisade intellectual e moral, crystalisadas em syntheses prodigiosas, que vão continuar indefenidamente, em constante e continuo labor, a grandiosa apotheose da Hamanidade que caminha sempre na glorifica-ção da Divindade e de si mesma. abrindo novos horisontes à civilisação que lhe innocula a vida, e escao que me minocina a viga, é es-tilaçando sob os pés dos povos a-vidos de Liberdade e de Justica, as gargalheiras com que os trazia prezos á escravidão a tyrannia de-

gradante de ambiciosos. Por isso se não perilem as ide-as grandes e geocrosas que entra-ram um dia un circolição sociologi-ca dos povos, na economia intellectual, moral, politica e religiosa das nações. Morrem os povos mas ficamnos a civilisação e a liberdade que conquistarant; succedem-se as gerações, mas continuam-se, em ininterrupto movimento ascencional, as

fez a proclamução e consagração desses princípios!

E assim, nobremente, que os marcre: os pavos e as anches (com morre: os povos e as nações teem aspirações que hão de realisar-se como condição logica e fatal das affirmações da natureza, tambem fataes em determinadas phases do seu desenvolvimento asceucional.

Por isso n mação beazileira acaba de proclamar a Republica, como condição fatal para a realisação das suas justas nepurações; por isso todas as nações ivem de imitar n'um dia mais ou menos prosimo, o nobre exemplo que hoje lhes of-ferece o Brazil. As formas organicas das nacionalidades que não tem por base o elemento po firo da voutado popular, unica for-ca positiva da constituição regimentar das sociedades entradas no terceiro periodo do seu desenvol-vimento, trem de caducar latalmente um der porque são transitorias. Que fodas subám, porém, umi-tar o cavalheiriamo brasileiro!...

## A sympathia do sr. D. Jose d'Alarcae

O que se passon no Funchal por occasillo da eleição instincipal é tão significativo é tão frizante que o sr. governador civil devo realmente orgulhar-se, e nús regista-mos apenas, para satisfação do se. D João d'Alarcho Velasques Oso-rio, de gloriosa e nunca assaz chorada memoria n'esta terra.

O facto que archivamas è todo em favor d'aquella tão apreganda sympathia de que e sr. D. João le-va as suas melas chaias.

Gomo já dicessos não esmoro-cemos com a derrota da nuva lista comuraria da opposição, como 1125 não catasiamos com o vencimento

da camara recleita.

Nas lucias cheitornes que pacificamente se ferent na orni, não regislisarios do progresso que la hanentamos os vencidos tea glo-cada uma realisou no campo da rificamos os vencidos etas glo-maleria como na esphera das da vida constitucional dos povos-

B' por isso que com refermein à da camara municipal de Funchal que ha pouces dias teve logar, eleição que foi disputada aié a ultima trincheira, por vencedores e por ren-cidos, repetimos, não esmarocemos nom nos extastamos. Fornoce-nos nom nos extastamos. Fornoce-nos ella, todavia, uma excellente mar-gem para aquistarmos, ainda uma vez, a crampathia du se. Di João d'Alarrão.

De palacie de S. Lourenço e da secretaria do governo civil, subiam vozes que se multiplicavam e re-percution pelas praças e pelos cales, de que a camara municipal era a camara mais odiosa, do que havia memoria, de que a antipathia dos ses vereadores e especiali te a do seu presidente, era tal e de tal nedent, que os eleitores do coneclho iriani a urita em colonica Greada levar-life or stor main con-? diaes ag adecimentes, despedindo-a, repudiondo-a, annid-conado-a!

E o Soneto e a Scuba, que se recebia car S. Longongo Undo era contrar, era a fua de Saneta Ma-ria, era S. Gençalo, era Sun-cha Luxia. era S. Roque era

a Se... era Indo, —tudo, —tudo!... E assim se ordenava aos arau-tos, affectos, que tos, affectos, que apregoussem e assim apregoavam os arautos af-

Mas a urna veio dar um forusal Mas a uria: vent que non auman desmentido aos pregões, e veio ant-da mais uma vez, no concelho do-Funchal, na capital do districto, di-zer ao sr. D. João d'Abrrabe o que valia a sua sympathia, tão apregos-da nobe, monigas argulas por quem-la nobe, monigas argulas por quemda pelos mesmos armitos por quem s. ex.º mandava apregnar a anti-

pathia da Camara! E' tão notavel e tão significativo o resultado d'esta eleigho que não podemos furtar-nos no prazer

de o apreciamos. Tinha terminado a eleição de deputados na quel o sr. D. João quemára o seu ultimo carnello. e apesar de toda a sua sympothia, o se D. João pendeu a éteção na capital do districto.

A camara municipal do Fun-chal que era tão autigathica, e escada uma realisou no campo da maleria como na esphera da idea.

E a Humanidade caminha, camba subre dicer cootra estes actos que sepertamos, o mada temos a dicer cootra estes actos que sepertamos, o mada temos a dicer cootra estes actos que sepertamos de servisiones de sector do decimidade caminha seupre, porque não los de aniquillar-se, e no estacionamento no, sejam quem forem os vencedos, caminda de districto, por uma maiorima de contra estacionamento no, sejam quem forem os vencedos.

No extremo-meridional luso, região do Algarve, na capital homônima do distrito de Faro, circulou *O Progresso do Sul* que durou de 23 de junho de 1889 a 30 de junho de 1895<sup>148</sup>. Era um "semanário político, literário e noticioso", que, na linha do jornalismo regional, afirmava que buscava "pugnar, na medida de suas forças e dentro dos limites do sistema político vigente, pela defesa dos princípios liberais", assim como concentraria "o máximo de esforços no campo dos interesses especiais da região do país" onde se localizava, buscando contribuir "com persistente boa vontade, para a tarefa reprodutiva do seu progredir moral"<sup>149</sup>.

-

<sup>&</sup>lt;sup>148</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 205.

 $<sup>^{149}</sup>$  O PROGRESSO DO SUL. Faro, 24 jun. 1894. A. 6. N. 254. p. 1.



Em um dos departamentos insulares de Portugal, o de Funchal, na localidade homônima que lhe servia de sede, na Ilha da Madeira, circulou *O Imparcial*. Sua circulação se restringiu a um curto período entre julho e novembro de 1889<sup>150</sup>. Era uma edição bissemanal e, conforme seu título, intentava manter uma postura de imparcialidade, denotada através de uma prática predominantemente noticiosa. Como representante da imprensa regional, agia em nome dos assuntos citadinos e insulanos.

<sup>150</sup> RAFAEL & SANTOS. v. 1. p. 407.



Ale que finalmente depois d'um Singo o traholiloso parto, den aca-mara inamicipal de Funcial à luz, har dia 19 de corrente, o program-na da cerimonia da Quelora dos

Leformam-nes que, se não tiresse assistido a este parto, que razia todos em profundos sobrealtes e receios um distillato espe-lalista na materia; teriamos boje que lamentar mais uma morfe de-

Help podemos anandeias, com

The do perion Ainda bein.

Mas, despicitadamente, por tontro l'idio, estamos impossibilitados de natistro que a terre conura mirajectad d'era lox conura mirajectad d'era lox conura esta crenices, perque-o que gara illa ve-ness è un ser rechitico, du verdadeiro monstruzinto.

Por butius pilavras: a camara aunicipal da Punchal foi d'uma inteliculade pasmost its modo cond designou no sea citado programma. a ordem que devem betupar as diversas corporações, auctoridades e functionaries no prestito da Quelog the Esamles, confundinde e bara-Ang the Eschiss, communication and the hide . a capriche. For um estenderete monmental, que, diguese a vertade, infaguem esperado de homens intelligentes e nom arquiselhodos. É un programma a altura d'aquella celeberrina pro-clamação de que o Diario de N. ta-cios fex ha una a autopsia com verdadeira mestria.

emplo, que se desse às, repartições do gaverno civil, e repartição de fazoada do districto collocação inferior à que occupam corporações que sau por sua matureza dependentes on subordinadas d'aquellas; one so tirasse o secretario geral do logar que devia occupar e que tem occupado constantemento que lodas as festas e solemnidades publicas isto e do lado do governa-dor civil, para o deportar la para baixo, so bem que em anavel e distincia companhia; que se tirasse con corporações os seus chefes, para A se arrumar junteso a algures; que

es chrigar a marchereur sozunos, a Republica. no lade um do cetro; que se collo-casag o se, conde do Compaviol, no logan dos grandes do veino, com a denominação da ex-gavernador ci- le Benjumin Constant. vil'e se deixasse na . . . tima, perdão, no Esquecimento, o sr. viscondae, no estremane de de Calcada, governador crid partir 19, as 8 h c 15 m. O ministerio provisorio ficou assim substituto; não se comprehendo da manho - Esta confirmada a co- compunida presidente sem pasta, o comprehendo. que ...; mas bastam de exemplos. Os que ala deixámos indicados são mais do que sufficientes para evidenciar as incoherencias, os absurdes, os dislates, a ignorancia de

nessa camara municipal està chia es funccionalismo publico. Fizeram obra acceiada, não lephara davida.

> 1 - - --Seri talvez destreousario, acdizer que-enada; não contem solvidos a não comparecerem no rão ile Ludario.

que não é preniso ser bruxo para divinher funa cosas; e que e que e nobre presidente da camara no colo se comunicatos con nobre presidente da camara no colo se comunicatos con contra contra contra con contra contra con contra con contra con contra con contra cont nicipal vae achar-se so de martello | tão fechados. na mão a quebrar os escudes!

Permitta Deus que tal mão sus- sa sufficiar a insorreigão. -ceda:

Não so commedende, por ext fex plenamente todas as aossas alli-rel-ot do mua grave rivolta tanta houra.

#### NO BRAZIL

esta definitivamente proclamada a republica no Braxil, tendo adherida ao novo governo todas próvincias d'aquelle gran-le paiz.

d'aquelle grande pare.

Transcretemos em seguida lides os telegrammas que dicem respublica não estara amençada. peito a tão importante successo;

e Perpublica.

O executa appoia o maximento.

In Sesta furniado o giverno provicirco do parl'farsen parto. Fuesca .

Inigarse que no exceptioses apsorio do qual feresso poeto Funseca - Julga-se que os cevo e Benjamin Constant. - pellam para o plebascito. Faltam outros pormenores.

ticia da revolução so Rio de Janei-Visconde de Latario, ministro

da mariola, foi assassinada por 3 fudo quanto die respeito à lurrar- solda los reroltatos.

O ministro deu a sua demissão

PARIS, 16, as 11 to 20 m. da manta .- Un triegrimma do Rio de Lun-estrem-15 do 3-los 50, --da facde, para o «Commercio do eriscentar que semilhante program-ma desagradou a ensioria dos con-vidados. Por toda a parte oxymos desquela cultude se insurreccionara contia o governo do imperio assascomnocco para a festa». Estão re- smabdo o prinistro da mortulio, ha-

Os regiliores formarem um capresido.

Ta descontentamento e
Ta o grande e a uritação e taes são
as sensuras e os melindres feridos,
e tilo grande proposes de construir de la construir de A população conserva-se extra-

Os commercios e os basens os de fere o coração desse poe a-

· Suppde-sa que a governa pos-

LONDRES, 16, 3+ 2 h, + 50 Nos ch. a imprensa.—não te-m sa tande.— A "Western Blood in a Telegraph Compony a recebes mas logarquin son foi designado no prestin satis-sos loi designado no prestin satisnais queridas ambietes. Agrade-militar, em que fora gravemente fo-centos profundamentes penborados rida o ministro da mornilo, os esphelocomentes commerciaes estavam fecha los e ns ingenios sus-gensos; corria o locato de que osministrus estatam presos, e que la-Boje ja ningnem podedavidar que la proclamada a Republica, sendo o presidente provisorio o general Beadro da Pouseex; o novo gava-no garantia a segurança de imparader e da familia impersal, que estavam em Petropolis; a seguronça fetra proxima.

BIO DE JANEIRO, 16, m .general Deodoro da Fonsea; minister do interior, o ar. Anistides Luber dos negocios extrangeiros, o jornalista Borayuva; da fazendo, o deputado de Barbesa; da justica, o o sr. Campos Salles, sila guerra, o professor Benjamin Günstaut, da mariaha, aggostra-alastosto Van-denkolk, e da agrandura, o sr. Dametria II beiro.

As compress for any dissolvidas, a consellar d'Estado als bidos. A episido publica é l'assissel as nove governo, Ibian spergo,

#### JULIO GESAR MAGRADO

Este distincto escriptor ciolhetin da prinsoroso, está de lucia, pur-que las morres um filha.

O salimiento functore fui immen-

samente concorrido. Lomentando o golpe profundo masses neromes.

#### ROULANGER

Affirma-su apora que este sujeto, por cuna das dividas, lez um depecto de novento contos da 1-8 n um banco de fleigica.

E untirealmente ofperre-nes pergenture d'unde vierses, aquelles novembre contest de reis?

#### NOTICIAS E BOATOS

Forum decretados sees dias du feriados para talkas, as repartições publicas, como demonstração de regetijo jelo nasčimento do lufante D. Maroel, Gemețicia, na seguada

Está gravemente enfermo o disto a the importante successo:

PARIS, 16, as 14 h. da maPARIS, 16, as 51 m. da maPARIS, 16, as 51

Em Santa Comba Dão, no distrito de Viseu, região da Beira Alta foi publicado o semanário de título *O Dão*, que circulou entre 4 de agosto de 1889 e 19 de abril de 1896<sup>151</sup>. No cabeçalho, estampava uma inscrição abrangente – "folha política, agrícola, noticiosa, literária e bibliográfica" e colocava-se como um "inquebrantável propugnador dos direitos menosprezados da terra que o vira nascer", aquela "pitoresca Santa Comba, tão digna de boa sorte". Desse modo, se apresentava como ligado aos "interesses e progressos deste concelho". Declarava estar "longe das facções partidárias" e de suas paixões, adotando um caminho de independência<sup>152</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>151</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 233.

 $<sup>^{152}</sup>$  O DÃO. Santa Comba Dão, 7 ago. 1892. A. 4. N. 158. p. 1



Na homônima capital do distrito de Coimbra, houve a breve experiência de publicação de um semanário noticioso que circulou apenas entre 10 de agosto e 22 de novembro de 1889<sup>153</sup>. Era o *Notícias de Coimbra*, predominantemente voltado à informação e que se apresentava como "jornal de política imparcial, noticioso, comercial, científico, literário e artístico". Declarava que não era "filiado em partido algum, sem espírito político, nem fins secretos", pretendendo constituir um "órgão perfeitamente imparcial", propondo-se "a tratar de todos os assuntos de interesse público", bem como a abordar as atualidades nacionais e internacionais e temas ligados à ciência, ao comércio, à literatura e às artes<sup>154</sup>.

<sup>153</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 125-126.

<sup>&</sup>lt;sup>154</sup> NOTÍCIAS DE COIMBRA. Coimbra, 10 ago. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.



Na alentejana Évora circulou a *Revista Eborense*, uma "folha literária, noticiosa e charadística", de edição semanal e que circulou de 31 de agosto de 1889 a 2 de março de 1890<sup>155</sup>. No primeiro número, anunciava que a sua "vida jornalística" seria "de um labutar incessante", mas ninguém a faria desviar "o seu sentir da sua base". Afirmava ainda que, "como desinteressado", hastearia "sempre bem alto a sua bandeira", que tinha "gravadas, com caracteres indeléveis", apenas "três palavras – imparcialidade, instrução e recreio"<sup>156</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>155</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 249.

<sup>&</sup>lt;sup>156</sup> REVISTA EBORENSE. Évora, 31 ago. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.

# Revista Eborense

#### FOLHA LITTERARIA, NOTICIOSA E CHARADISTICA

Director, A. G. da Costa - Administrador, Domingos Pires



Sabbado 31 d'agosto 1889

Toda a correspondencia dave ser diri gida à direcção — Rua de Mendo Es tevens n.º 5. Não se devolvem originaes.

#### EXPEDIENTE

#### AOS LEITORES

Ao entrarmos no vasto campo do jornalismo, aonde se manteem as luctas d'austera perplexidade; mas o nosso es-pritio, animado e forte, ha de entrepar-se do prefeio do prefeio do prefeio do prefeio expunsation de tentre par le despression de protection de protection de protection de protection de protection de protection de prefeio d apaixonadamente ao trabalho, esse preparatorio imprescindivel a todos os que, nada valendo; abraçam empresas, como trabalho, rarissimas vezes bem compando, es o untro beneficio não auferirdes, fi-

A nossa vida jornamana sera vida labotar incessante; finguem fará desviar o nosso sentir da sua hase; e, como deso nosso sentir da sua case, e contro ser la epocia e de interessado, hastearemos sempre bar interessados, hastearemos sempre bar alta a nossa bandeira, que tem gravadas, and com caracteres in eleveis, tres palavras de la caracteres in eleveis de la caracteres de la c

Não podemos hombrear com os gran-Non, je ne puis souffrir..... des homens, com os talentos ingentes, Quel evantage a t-od qu'en homens vous caresse que brincam com a palavra escrinta ou fallada, que fazem d'ella a sua coróa de lossqu'an premier faquin il court en faire autant? louros, pela mesma rasão porque o menmonarcha

Apesar da nossa inepcia, suggeriu- vite. Felicito-vos, pois, pelo vosso em-

#### Duas palavras

Desde então tenho escripto em não jardim á beira mar plantado. set dufficeios de sustentar.

A nossa vida jornalistica será d'um

A nossa vida jornalistica será d'um

Corte para a lucta ingloria, porque é sem
Corte para a lucta ingloria, porque é sem-

Não é, porém. a occasião propria pre o dever de agradecer um amavel con- devemos dirigir o maior dos elogios.

nos a idea de fundar este hebedomada- prehendimento e faço ardentes votos pela Rogamos aquelles, dos cario: conseguimol-o; e agora, que vemos prosperidade do novo campeão cujo lemvalheiros a quem remette- realisados os nossos anhellos, resta-nos madeveser—pugnar pela liberdade, demos a nossa humilde folha, entregal-o à critica conscienciosa d'uns fender o fraco, e, não tomem à má parte que não quetram dar-nos a cas vaias de outros.

as minhas palavras, começar a obra de honra da sua assignatura, a primeira, sempre filha de bons demolição que fatalmente ha de procenorm da sun assignatura, a finesa de nol-a devolverem acompianhada da cinta, para agradecidos; á dos segundos nenhama elimportancia daremos: o nosso silencio segnificará o despreso que nos inerecem. A REDACÇÃO. que das instituições, que elles não teem pejo nem receio de desvirtuar, é preciso educar o povo, mostrar-lhe claramente quaes são os seus direitos, leval-o a com-São decorridos mais de treze annos prehender que a felicidade do estado degigantescas do bem commum, aonde as depois que fundei um jornal, o Tirocinio, pende da moralidade das classes diridepois que fundei um jornal, o Tirocinio, intelligencias se fazem ver gradualmente revista litteraria, como a sabiam fazer os como debil, debate-se nos paroxismos son du Terrail, litto nas longas noites de defundos, que os financeiros romovem nas praças estrangeiras; para orocteer a planta do syndicato, que tio

#### - Umonu O estudo e a instrucção

Brisa mensageira.de todos os conhecimentos; meiga pomba que ennobrece os espiritos; fóco principal da luz e da civilisação dos povos; sabia e verdadeira lei hoje mais seguida, e eis definido o estudo.

Alavanca poderosa que sustenta e susdigo não pode ostententar o luxo d'um para phrases amargas, quando me cum-tentará tão grandes nações, é a elle que

SCENAS DA PROVINCIA

ROMANGE ORIGINAL

ROMANGE ORIGINAL

I,

Chesada de desitetamento

Eram cimo boras d'uma tarde de agosto
d'uma d'essais tardes que, mas paragons aleccipitans, mas mais indespitas rogides tropiciess. O
calor deixara apense de muriyrisar a term com
da seia; porque o vastes rocios, ondese secipital de seia; porque o vastes rocios, ondese sesating paragons aleccom as mais indespitas rogides tropiciess. O
calor deixara apense de muriyrisar a term com
da seia; porque os vastes rocios, ondese sesating paragons aleccom as mais indespitas rogides tropiciess. O
calor deixara apense de muriyrisar a term com
da seia; porque os vastes rocios, ondese sesating paragons aleccom as mais indespitas rogides tropiciess. O
calor deixara apense de muriyrisar a term com
da seia; porque os vastes rocios, ondese sesating paragons alecde composition of the comp

Também em Évora, circulou um representante da imprensa vinculada aos trabalhadores, intitulado *O Operário*. Tal semanário foi editado por um breve período, entre 22 de setembro de 1889 e 2 de fevereiro de 1890<sup>157</sup>. Na edição que marcava seu lançamento, o periódico destacava que o seu intento era o de levantar "a sua débil voz em auxílio da laboriosa classe operária", uma vez que, "apesar do papel importante que o operário" desempenhava na sociedade, ela nem sempre vinha sendo "uma mãe carinhosa para ele", o qual estaria ainda "longe de ocupar o lugar e contar com a proteção" a que tinha direito, mormente no distrito de Évora. Dessa maneira, detalhava que "advogar os interesses justos do operário e procurar melhorar a sua situação", constituíam as suas metas. Segundo a folha, a palavra que lhe servia de título compreendia "uma grande ideia", já que operário queria dizer o artista, o homem que trabalhava, "um dos grandes fatores, enfim, de um produto maravilhoso", onde se consubstanciavam e se cristalizavam "todos os esforços de todas as coletividades ou individualidades", que faziam "alguma coisa de útil à grande causa universal – a civilização". Para o semanário, um jornal dos artistas equivalia a "uma esculca vigilantíssima a atalaiar os seus interesses e a propugnar pelos seus direitos", ou seja, era "a voz do operário a fazer-se ouvir no campo imenso das grandes lutas" e a elevar-se "a toda a altura de cidadão consciente" 158.

<sup>&</sup>lt;sup>157</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 140.

<sup>&</sup>lt;sup>158</sup> O OPERÁRIO. Évora, 22 set. 1889. A. 1. N. 1. p. 1-2.



#### Expediente

Ao encetarmos esta nova publicação, que, decerto, sera bem acolhida, quer por operarios, quer mesmo por industriaes, é nosso fim levantarmos a nossa debil vos em auxilio da laboriosa classe operaria.

Igualmente daremos algumas sacções recreativas e uteis, taes como: artigos litterarios chronicas theatraes, conse-lhos instructivos, e muitos outros artigos que serão sempre agradaveis aos nossos leitores.

Abandonando-se completamente a politica. promettemos seguir sempre a risca o nosso modesto programma.

A's pessoas a quem temos a honra de enviar o nosso jornal, rogamos a finesa da sua assignatura, o que, penhoradissimos, agradecemos; mas, caso não queiram agradecemos; assignar, igualmente pedimos para que o de-

## FOLHETIM

A RODA DA FORTUNA AUGUSTO ABBOULD

Em uma bella tarde, do mez deagosto de 1875 em que o sel como-gava a declinar, reflectindo nos aridas cumes dos montes de Beaujotals, sem correr viração alguma, nem levemente se agiar o altra-sador e pesado ar: as arvores amarelladas, meias despidus, crguiam para o ceo seus ramos immoveis, não se sentia mais que o melencolico cantico das cigarras, o xunido dos insectos, brincando no fim da tarde sobre a terra, e o manso mitimerió das seccas bervas, que se movisión para da passagem aos timidos ligartos, quando de repente foi interrempia o
socego d'esta solidão, pelo estreligeira, o que a sua pig-donomía
socego d'esta solidão, pelo estre-

afim de regularisar a nossa escripturação.

mostra reconhecida

A Redarin. -3+14(b-----

obstaculos das ribeiras e os estar, e á nossa vaidade. inconvenientes do accidentaque nos prende a attenção pu-la sua grandeza e belleza, no não nos podémos eximir de pensar na mão habil e intelligente, que tudo isto faz, executa....Essa mão é o operario.

O engenheiro plancia, o architecto dilincia, o industrial descobre processos e imagina este ou aquelle machinismo, porem tudo isto de nada on para cousa alguma serviria, sem o operario.

pilosa firo de uma arma de fuga, que, retumbando na cavidade das sensulamba, festa esperentir seu metostho echo una longidynos valles, o peles latidos de un cia, que parecia vigira aquelle descriu. Um mastim de fucicito errun-cado, cilto vigilande, e apurada

cado, olho vigiliante, e aparano faro, carece para e caminho, que eseguia por eatre precipicies à esquerda, e ama elevada cordificira de rochedos à direita. Passarios alguns seguiates, rotinio um forte assibio per detras de um moste de selvas, dando-lhe signat de rochedo. colher; obedecen o animal, semi-detxar contudo de se voltar muitas vezes, sufficando entre seus dentes surdos grunhidos; depnis restabeleceu-se inteiromente o so-

cere que antes all reinava.

Passado um quarto de hora,
ponco mais ou menos, appareceu um mancebo na extremidade in-terior do caminho, trazendo aos

volvam à redacção, no | O esgenheiro, o architecto | praso de cinco dias e e o industrial são a cabeça sar com as mesmas cintas, que pensa e a operario é a mão que executa, quando não tos e rascaveis do operario o é ao mesmo tempo cabeça procurar melhorar a sua si-Por tudo desde ja se como Jacquard, que realisa todas as maravillas que ad- mos. mirâmos, que constrúe a casa que nos abriga, as pontes que nos permittem atravessar ri-Evora 22 de Setembro | beiras, as machinas que se empregain nos transportes, na Quando olhamos attenta- l'abricação de tecidos; finalmente em volta de nós, quan | mente que produz todas as do nos transportâmos d'una cousas mais nocessarias à nospara ontra localidade, sem os sa existencia, ao nosso bem

do do terreno; quando um te que e operario tem desempouco reflectimos em tudo penhado e desempenha na sutista, o homem que trabalha,
ciedade, nem sempre ella tem
una dos grandes factores, emciedade, nem sempre ella tem sido mão carinhosa para elle. que nos dá abrigo, facilita commodidades e confortos, á evolução social, o operario é mais considerado, gosa de crystallisam todos os exforços alganas beneficios, está elle n'este districto, de occupar o que fazem alguma coisa d'u-lagar e ter a protecção a que til á grande causa universal topi direlto.

Se parte do que soffre o por não lhe dar todo o auxilio

e os seus membres, inculcussem vigor e robustez, não deixava de camiebar com difficuldade, e subiavagacesamente, a estrada cubérta de rolleas pedras, que assax o mathe roagus pectus, que assato differencia. Paron, e procuratido com mun das mãos evitar os raios do sal, volton as olhas em torno do se, como quem desejava orientar-se; olhevo ser ulli que mora. Thi-spe alisso etle, descobrindo ao lon-ce alectoras casas, e o clipa de uma ge algumus casas, e o sian de maa capella, cievada como ninto da aguia, no pinneulo de um monte; esis as primeiras labitações que describro desde que sai de Cubi-ze. » Dizendo isto, continuou com o estribilho de uma cantiga, que desde pela manha repella, ora em voz laixa ora com todas as saus furgas, a fim de variar de recroio.

Contentava-se então de gargan-tear, circunstancia que lhe servio para não ser immediatamente por-

e que ella lhe pode dispen-

PUBLICAÇÕES

Advocar os interesses instuação é o fim que nos propo-

Conseguiremos o nosa uma O futuro dirá. Emeganto tudo esperamos do autilização para quem o exporto proximo não são palavidas sem significação. Conseguiremos o nosse mui

## O OPERARIO 247

En creio que este titulo Apesar do papel importan- compendia nua grande ideia.

O operario quer dizer o arfim, d'esse producto maravilhoso, onde se consubstanciam e se conglobant a se ainda longe, principalmente de todas as individualidades, a civilisação.

Um jornal de artistas, é cooperario é devido a elle mes- mo se dissessemes una esculmo, é fora de duvida que a ca vigilantissima a atalayar os sociedade tambem é culpada, sous interesses, e a propugnar pelos seus direitos; é a e coadjuvação de que carece voz do operario a fazer-se conditheira das audiedas, basinos ponco a pouco descoberta, e offe-recia aos especiadores, que o contemplassem, o quadro mais en-contador que sobre a terra pode

existir. Neubum d'esses espiritos prima-Acadam d'esses espíriles prime-rosos, quer poctas, quer piatores, que sabem ercer, de pois de Bons, e que têm o privilegio de dispen-sar o renome e a gloris, ainda se não tembron de le procursa insol-rações divinas sobre as montanhas lacentas de la procursa de la contra de la lacenta de la procursa de la contra de la lacenta de la contra de la contra de la contra de la lacenta de la contra de la contra de la contra de la lacenta de la contra del la contra de la contra del la contra del la contra de la contra de la contra de la contra de la contra del la contra de la contra del la contra de la contra de la contra del la c de Hengialis! O genio de indestria o de especulação, fendo começado a passoir-se d'estas idelãs, formaa pussoir-se d'exista sidelfa, formar-ra aqui largaz estraitas, apilanarà es declives, daisterà es dessos losques, e trobaverà em tuda a parte as suas entraubas, pura d'el-las extraitiv thesouros de minera-logia, que ha secubas afili se amon-toum. Mos denerrà de filiativar pe-la, por la companio de vista, es-cantillacios pentos de vista, es-can nitracesora sonecios, que a na-central de la companio de companio de com-panio de companio de comses pittorescos aspectos, que a natureza, com prodiga mão, nili pro-duzio!

(Continue).

No distrito de Portalegre, em Elvas, foi editado duas vezes por semana, durante significativo período, entre 10 de outubro de 1889 e 2 de agosto de 1951<sup>159</sup>, o *Correio Elvense*. Na edição inaugural, apresentava a sua "divisa", explicando que teria "como primeiro dever, pugnar pelo desenvolvimento moral e material" citadino, bem como combater com honra e "sem desfalecimentos, mas também sem exageros servis", em favor do Partido Progressista", por estar "convencido de que este pelo seu programa político" era o que mais poderia "satisfazer a todas as aspirações do futuro, sem romper abruptamente com a irradiações do passado e pelos seus atos de administração"<sup>160</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>159</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 212-213.

<sup>&</sup>lt;sup>160</sup> CORREIO ELVENSE. Elvas, 10 out. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.



Outro periódico destinado a ser a voz de uma dissidência regeneradora, circulou em Mangualde, no distrito de Viseu, região da Beira Alta, pelo período de 10 de outubro de 1889 a 15 de novembro de 1890¹6¹. Era o semanário *O Novo Tempo*, que se apresentava como "jornal da Esquerda Dinástica". Buscava colocar-se numa posição intermediária entre "as formas políticas e sociais do Velho Mundo" que se "desfizeram e desapareceram sob a crítica" das revoluções; e "as afirmações jacobinas, abstratas, inconscientes, vibrantes, incapazes de uma organização social", porém, apenas "boas para as proclamações épicas e para as alocuções febris". Propunha um "liberalismo avançado e compreensivo", como "a forma superior das novas teorias políticas e sociais das sociedades"¹6².

<sup>161</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 132-133.

<sup>&</sup>lt;sup>162</sup> O NOVO TEMPO. Mangualde, 10 out. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.

# NOVO TEMPO

Alberta Osorio de Castro REDACTOR

JORNAL DA ESQUERDA DYNASTICA

SEMANAL

ASSIGNATURAS

Anno 48200 .... Semestre 600 rais-

1.º anno

Mangualde, 12 de dezembro de 1889

Numero 9

#### Expediente

Percenimo os nososs susginantes de que depois d'este numero vamos proceder á cobrana des susginatures som que divaram a bondade de nos penhorar. Os cavalhetors a quem fit est madela entregar o importe do jornal sus Administraçãos, muito favor nos podens fazer não se servindo do correio, por nos evinatemes os gantes da culturaça pour nos evinatemes quara um pequendo porta de protection.

Esgotosa-se inteiramente a edição do 1,º número do Novo Tempo. Os nos-sos estimaveis assignantes que o possuirem ainda, poderão facer-nos um favorer relevante mandando-o vender á Administração d'este jornal.

E uma ultima desculpa, Vezes sem conta temos prometrido uma photo-gravara das ruisas instano-contanas de Manazualde.

fangualde. A só difficuldade e grande embaraço A só difficuldade e grande embaraço na realisação dos nossos descivo e da nosas promesas provém da falta d'um cición etiodo a perfeitio. As chapes aci-hoje mandadas no sr. Sarroris, habil-photographo de Colimbae e ghono-gra-vador excellente, sim sido todas imper-rias. Mas para breve esperamas brin-dar os nosaos leitores com a gravama tio amunicada, porque nos está pro-menida pelo ex. \*\* sr. José de Så e Mello, distinistation medico veteriasmentida peio ex. 44 ar. José de Sé e Mello, distinctissimo medico veterina-rio dosblé d'um primocoso artista-ama-dor, uma photographia nitida e com-pleta.

#### OS REIS NO EXILIO

Saudemos respeitosamente o velho Imperador do Brazil, sandemol-o pros-cripto d'essa patria que tanto amou, no caminho hongo e doloroso do seu es-

ramino impo e dutoristo do sen es-trauleo esilia.

Nunca, como hoje, esta bella figura de Marco Aurelio humanitario e laico d'um fin de decadencia borqueza avultou tio firmemente aos possos olhos, nunca nos pareceu tão alta, tão respeitavel, (fo veneranda esta sympa-thica personalidade do Imperador D. Pedro, vencido e irreconciliavel com a nova ordem, vindo procurar o esque-cimento e a morte n'esta velha e dolo-

rosa terra europea. Que não tomem as nossas palavras Que não senem as nossas paisvras de acelhida pelo incenso das aluliações palacianas. Véem-nos da nossa sinceridade, da nossa cença maguada e desanimada deante d'esta proseriação inutil, d'este angusto utopista desilhadido e melancoltro ao fim da sas refluire deante d'esta escribio; sna velhice, deante d'este escaboiar ultimo da onda de mediocridade da democracia victoriosa. Sim. vão-se os Reis! Caliban triumphs em todo o mundo, Caliban que é o symbolo dos baixos instinctes da humanidade, das ideias simples e falsas do Egualitarismo impossivel, do predominio depres-sivo das maiorias cegas e naturalmente inimigas de tudo o que é elevado e teo-sagrado, de tudo o que é notre, uo grande sentido da palavra, de tudo que tem uma delicadeza ou uma dis-

E com as acclamações a Caliban. E com as acclamações a Caliban, hão de ouvir-se mais tarde de mistura os gritos de exterminio dos priminios de todas as nossas sociedades demo-cratisadas, dos homens das gehennas das fronteirus da historia, dos barbaros instinctivos e sanguinarios do se-culo novo, destruidores e anarchicos, acciamadores do primeiro Cesar de-magogico e brilhante, perorando sobre as rusoas de todas as Tulberias ou nas berricadas de todos os fauburgos pe-

Nunea os liberass ingessos da rovalação de 1848, com o retorior Rovar-Colleda d'acute, poderimo suppér o aleance prophetos da odebre pursas irenzas en tratas de un de obres. Recombecida a ogualdade dos direitos civis para todos es cidados acescamo uma sampeira aparame das clasasse modias, e os direitos políticos como uma simple garantia dos direitos políticos como uma simple garantia dos direitos estás para de la cual su disease de començante aparamento de començante dos desenvos estas electronas de començantes consequencias desastrosas para a au-ctoridade monarchica e para o equilibrio das liberdades nacionaes que haviam de vir d'essas primeiras irrupções re-conhecidas e toleradas do espirito egualitario. Mas a democracia tornon-sfacto geral e imperioso e o suffragio universal o evangelho do fapatismo novo, que ora ameaça despedaçar todos os thronos e levar todos os povos na mesmo correria aventureira e tragica.

E, seria já tempo de instaurar o processo da democracia, emquanto ella vae fazendo a sua volta do mundo e quando as experiencias já são bas-tantes para se julgar com verdade. Que ninguem confunde desde já o

Que ninguem contonde desde ja a liberalismo e a Bemecracia. Emquan-lo a demagogia proclama a ingerescia de Toda a Gonte, e por conseguinte o predominio da maioria numerica, im-comprehensiva, brutal, medicore, gro-seira e ignirante no mechanismo delicado e superior do Estado, no exerci-cio da vota publica lão difficil, para o qual ó necessaria mesmo uma compe-tencia tão dominadora, iamos a dizer uma disposição tradicional como nas grandes familias Inglezas constituidas sobre os latifundos e a alta riqueza inalteravel e heroditaria, emquanto o inaliterarei e hereditaria, enquanto o qualitariamo apregua o princepo nim-plista e dissolvente: ea cada um se-pundo as suas necessidades, e tem-no seu programma a rasoira violenta, e absurda das fortunas e das condi-ples, o Liberalismo, assentando sobre-principio indispensarel da authorida-de, suppise a designalitada aereductivel

de todos os hometa, por isso mesmo que que a liberdade consiste precisa-mente n'essa facaldado de deixar a todas as forças naturase o pleno desa-brachamento sem peias de todas as suas energias.

Emquanto a democracia hade lancar sobre todo e mundo o communis-mo e a anarchia sangrenta e fuzor re-trogradar por este afloramento de ve-lhos estados sociaes nevolução progressiva da humanidade, a solução liberal impede, pelo sea respecto das desegual-dades, pela sua integração constante da revolução na ordem representada pelo Peder Real, esse antagonismo for-midavel do capital e do probletariado, que se chursa à questão social.

E' em nome d'essa mesma questão social, que é a preocompação mais se-ria das civilisações adiantadas, que todos os homeas verdadeiramente li-beraes se devem reunir e dar as mãos,

ao baque de um sceptro. Monarchias ou sociedades democraticas, simples formas politicas, é cos-

E não é verdade. Como todas as E não e vercame. Como momo acideas simples e abstraetas, como todos os logares communs, a democracia é uma idéa facilmento assimilavel pelas meias ignorancias que constituem o ge-ral d'este fim de seculo mediocre. E essas meias ignorancias da generalidade, perigosas porque se dão em cere-bros rudimentares, e em espiritos real-mente soffrentes deante da lei de bronmenso sourcestes deante da ter de bron-ze da vida modersa, esas mesas igno-rancias orientadas no sentido da de-morranta, são a negação da codem, da austoridade, da familia, da prprieda-de, do merceamento individual, de tudo o que constâtue o patrimonio sagrado austrate da altra sinificação. e superior das altas civilisações arya-

O jacobinismo, eis o inimiro.

E é por isso que saudamos n'esse aegusto velho que passa para o exiño, em nome da nossa fé vebemente nas fórmas monarchiera, se praticas fitse-rass e o poder equiponderador dos n.-;.

#### 0 hospital de Mangualde

Trans-tron tonso celimare la cilega Ga-pata de Masgandáe no sue ultimo zo-meno a gastio-imo motirio de que a ca-mara municipal deliberare ultimamento a motirio motirio de que a ca-mara municipal deliberare ultimamento con famo de amparira docariros gara a faz-tiva de amparira docariros gara a faz-cion forma deliberar del como del como deliberar del como deliberario del Chimosomo visione del sympathic por esta nobre conolição sin interramen-to imparciase e desprevenidas, bom se-sabe.

abe. Nunca a diversidade de campos po-Nunca u diversidade de campos po-líticos nos fará callar nem os erros, nem, principalmente, as nobres e ale-vantadas acofes de adversarios. E d por isto que nos regatesamos os mais calornosos e francos parabens ao parti-

do progressista de Mangoalde e & di-gna comare consicipal, pela sua ideia generosa, que é, ao mosmo tempo ama allirmação de vitalidade e de progressi-

sistemos, que é, aó mesmo tempo esta infirmação de visalidade de progressivo similaros.

In discoperação de cer resultardos. El descoperações de la descoperaçõe de l

O Conselho de Estado reunido quin-ta feira ultima resolveu que será un dia 28 a acclumoção de Sua Magnetado, sendo convocada para este acto a ma tiga camara dos senhores depatados.

#### Morte de un homen hoccado

Barle de un human hierado

Fallecou no dis 3 n'esa villa o r.

Fallecou no disconsideration de description de consideration de considera

#### D. Luiz

Dizem de Vizeu que devem reali-sar-se n'equella cidade com todo o ap-parato as exequins pur alma do falle-cido monarcha.

Na região central lusa, em Marinha Grande, no distrito de Leiria, circulou, desde 13 de outubro de 1889 até 1º de dezembro de 1895163, o semanário Autonomia. Em sua apresentação, expressava uma proposta editorial apolítica e regionalista, afirmando que se dispunha "a não deixar de emitir francamente sua opinião sobre qualquer assunto de interesse público", mas "sem compromissos partidários" ou "paixão política e facciosismos de seita ou escola", buscando "apenas apurar a verdade e esclarecer a razão das coisas" quando a soubesse e pelo modo que estivesse ao seu alcance. Destacava também que o seu objetivo estava ligado à ideia do "engrandecimento da sua terra, o desejo de vê-la prosperar e desenvolver-se", como lhe poderiam permitir "as condições verdadeiramente excepcionais" que a favoreciam, "o que ninguém de boa fé" poderia levar a mal. Afirmava ainda que, sendo uma folha "nascida longe dos centros políticos, longe também das grandes aglomerações intelectuais", ficava "claro que o seu maior interesse" seria "quase exclusivamente para os filhos e conhecidos da povoação", estando fundada "na afeição da família, nos interesses ligados" ao local e "principalmente num sentimento que ainda por alguns séculos" vibraria nos corações dos conterrâneos<sup>164</sup>.

<sup>163</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 90.

<sup>&</sup>lt;sup>164</sup> AUTONOMIA. Marinha Grande, 13 out. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.



Bem próximo à Lisboa, em Almada, foi editado *O Puritano*, bissemanal que se apresentou como "jornal político, noticioso, jurídico, comercial, científico, literário e artístico" e circulou de 17 de outubro de 1889 a 11 de agosto de 1907<sup>165</sup>. Voltado às questões regionais, dizia que trataria "com muito mais desenvolvimento dos negócios locais, procurando por todos os meios" ao seu "alcance demonstrar o que fosse de maior conveniência" para o concelho, "já nos melhoramentos reais, e já nos desenvolvimentos materiais". Nesse sentido, afiançava que buscaria advogar "calorosamente os interesses do município, e portanto os do povo do concelho, à disposição" do qual ficariam "as suas colunas, para tratar de quaisquer direitos ofendidos"<sup>166</sup>.

-

<sup>&</sup>lt;sup>165</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 211.

<sup>&</sup>lt;sup>166</sup> O PURITANO. Almada, 17 out. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.



Na linha satírico-humorística, foi publicado em Lisboa, o *Correio do Inferno*, que, já no cabeçalho, deixava transparecer o tom jocoso, afirmando ser um "jornalzinho semanal humorístico e órgão da classe dos corticeiros", em uma certa referência ao cerceamento à liberdade de expressão, normalmente associado à figura de uma rolha e que tanto afetava esse tipo de publicação. De acordo com tal perspectiva, ele circulou por breve período, de 4 de dezembro de 1889 a 6 de janeiro de 1890<sup>167</sup>. Seu título fazia referência às suas pretensões infernais. No primeiro número, publicava uma apresentação prenhe em gracejos e incisiva quanto a seus alvos, explicando que pactuara com um diabo que prometera "fornecer o cadastro de muitos sujeitos" que andavam "por este mundo mascarados de cidadãos honestos, filantropos, benfeitores da humanidade e, vistos por dentro", não passavam "de refinados patifes". Dizia que suas censuras se dirigiriam a ministros, deputados, banqueiros e outros indivíduos que, apesar "da reputação honesta", eram "velhacos e tratantes" 168.

<sup>&</sup>lt;sup>167</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 209-210.

<sup>&</sup>lt;sup>168</sup> CORREIO DO INFERNO. Lisboa, 4 dez. 1889 A. 1. N. 1. p. 1.

Jornalsinho semanal humoristico, e orgão da classe dos corticeiros

Editado pela Sociedade Anonyma de Publicidade Almadense

Venda avoiso em Lisbon

Tiragen 5:000 exemplares

Anno I

Quarta-feira, 4 de dezembro de 1889

N. 1

adeantada, e custa cada

# Apresentando-nos

mundo, tantas são as partimundo, tantas são as partidas e falcatrius que nos temidas de falcatrius que nos temidades de correspondidado, um diabo cortez e boa classe dos corticeiros, por por que algumas pessoas que esta numerosa e tão propor que algumas pessoas que esta numerosa e tão propor que algumas pessoas que demidade polimica formal.

As "pladas" de interesse o cadastro de muitos sujeitos que am diligentes e activos, muca de editem bastante conhecedoras de teve uma folha que he de teve uma folha que de teve uma folha que he de teve uma folha que de teve uma folha

EXPEDIENTE

o conrecto do inservado de publicarse con a mentos que sejam necessarios, relativos aos necesias de redacção e administração do jornal.

A assignatura é paga description e crusta cada a necessarios e se a contrator de contrator serie de 13 numeros
on prazo de 3 mezes,
170 reis, não se recebendo por mais acu
por menos d'este tem
po.

Nos dias seguintes aos

A II CSCHI dHUV-HO.

E uma obrigação da arte
sendo mil vezes mais velhado apparece um jornal novo,
dos que povoam os paços do
onde Andeiro.

Tudo isto nos prometteu o
Lis pois o duplo fim a que

quer das secções, são rados de cidadãos honestos, dedicases a pugnar pelo seu gratis. As de interesse phylantropos, beméitores da progresso e deseavolviment vodor honorario d'osta santa casanta casa

vem folgadamente a sombra coes; e contamos encontrar

do apparece um jórnal novo, dizer a que vem e porque condizer a que vem e porque vem de apresentar um Corda de Informo não é das couvertos do Informo não é das couvertos de Informo não é das couvertos de Informa para levarmos á exceptivo de a porte de Informa para levarmos a exceptiva da publicação cada numero do CORREFO DO Diabo, recem-chegado e al compunidados e an en munelos, contracto par tieular, seade muite mais barato para os sers, assignantes.

Annunclam-se publicada a solta por este municos de deve ser alfrigida a punarte soaquilar Viera do dos sos suchristas do concer da deve ser dirigida a punarte soaquilar Viera dos consensas de francisco Ignacio, a de Francisco Ignacio, a de Francisco Ignacio, so de porque verdade, o redados e reinjutorio provisorio.

E não seriam mal cabidas redictos de que o anigo informa para levarmos a executado e cada ou care minudos, reprodusados, reprodusados, reprodusados, reprodusados, e a demanda dos as mais faceis, não havemos de dizer ao leitor: eis-aqui or a elligie de todos esseas de usta das classes tra que evam vida foi as custa das classes tra de usta das classes tra que evam vida foi as custa das classes tra de usta das classes tra que evam vida foi as custa das classes tra de usta das classes tra que evam vida foi as custa das classes tra de usta das classes tra que evam vida foi as custa das classes tra que evam vida foi as custa das classes tra de usta das classes tra das classes

modos que denotam muito pou-

No Porto, por breve tempo, entre 5 de dezembro de 1889 e 13 de fevereiro de 1890<sup>169</sup>, circulou uma revista semanal sob a denominação de *Intermezzo*, que, de acordo com o seu próprio título, pretendia constituir um interlúdio cultural no seio do jornalismo. Tinha por meta ser uma gazeta predominantemente literária, a qual se "permitiu o luxo de evitar certas frases de estilo vadio" e que não se preocupava com as novidades oriundas das agências noticiosas. Contava com colaboradores que publicassem "produções, inéditas e substanciosas", intentando ser "coerente, sensato e limpo" na sua forma de proceder<sup>170</sup>.

<sup>169</sup> RAFAEL & SANTOS. v. 1. p. 425-426.

<sup>&</sup>lt;sup>170</sup> O INTEMEZZO. Porto, 5 dez. 1889. A. 1. N. 1. p. 4.

Nº 1

Quinta-feira, 5 de Dezembro de 1889

1.º Anno

# O INTERMEZZO

SEMANARIO

#### POLITICA INTERNA

Vão decorridos cincoenta annos desde que, sob este eéo portuguez, divinamente saul e limpido, foi arvorado
o trophéo, então gloriosissimo, do constitucionalismo. Tem-se dito mil vezes
que o povo portuguez, deixando crystalisar, n'este nosso pedaço caquecido
do Occidente, os grandes raios, claros
e intensos, do luminosissimo incendió
que à Revolução franceza infiammára
na Earopa, comprehenden dignamente,
neste momento da sna historia, a nocessidade de se adaptar à corrente de
ideias novas que já la fora se agitavan tumultuosamente, ao expirarem,
lentas e sónorosas, as ultimas horas de
scenlo passas.

Minguem poderà contestar que o novo movimento inaugurou e impulsionou ums romodelação rádical e absoluta no nosso organismo social, inceninado-lice, até ecerto ponto, man vitalidade immanenté e sufficiente à sua conservação e energia bastante pura poder progredir. Vão passados cincoenta amos, dissemos nos, o hoje, sem duvida, se alguem quieze traçar o perül politico do nosso paiz, reconhecerá fatalmente que a semente do regimen constitucional, que tantas e tão radiosas esperanças abrira largamente no espirito e no coração dos seus primeiros defensores, perden-se muito depressa e,

o que mais é, quasi infructiforamento. Estas nossas palávras não signifi-cam de forma alguma, como superfi-cialmente pode talvez parecer, uma profissão systematica, mais ou menos arrojada, de principios e convicções que, dada a altura actual da nossa evolução política, nos pretendamos inscrever na ala turbulenta dos republicanos portuguezes on na legião fatios. da e quasi morta dos rebeldes partidarios do velho systema governativo. Não; queremos collocar-nos muito longe da arena em que esses principios se pódem discatir; o nosso fim é unicamente traçar, nas phases mais impressivas para o nosso espirito, um esboço rapido que defina o momento psychologico social que vamos atraessando, momento que, por ser complexo e obscuro, impõe um estudo sem duvida alguma interessante.

Portugal, nas suas condições de vigor relativo comparadas com as das outras nações europêas, mas ao mesmo tempo tablado em que se anima um povo caracterisado constantemente, em todas as epochas da sua velha historia, pela explosão de impressões sempre promptas a aquecerem-se e profundas a arreigarem-se no pensamento nacional, Portugal receben com enthusiasmo o ideal que, sob a invocação da Liberdade, tanta e tanta luz promettia ao despontarem as suas primeiras auroras. Esse ideal, podemos di-zel-o nos hojo desassombradamente, vaemuito perto de cabir despedaçado nas trevas do mais completo desengano; sob a sua orientação, em um seculo orgulhoso e activo de progresso, elle, que proclamava diffusamente a derrocada das desegualdades no direito e na justica humana, que promettia santificar o amor e a paz das consciencias pela propaganda d'uma ideia nova, elle não, senhores, não soccorreu um unico-desgraçado, não amparou um unico opprimido e, à sua sombra, gritam ninda hoje, com a mesma angustia, as velhas revoluções da miseria e da fome. Mas o que mais dolorosamente impressiona é que, introduzida no nos-so paiz a anciedade por esse dogma com a proclamação do systema monarchico constitucional, iniciou-se assim um periodo que, parecendo ser de actividade excessiva para o progresso, foi realmente de acceleração para uma agonia, declarada na actualidade com toda a evidencia por um grão extraordinario de dissolução moral. Gastaramse vertiginosamente, em tão pónco tempo, todas as formulas do novo regimen; a decadencia da epocha tocon fundamente já a alma do povo portu-guez e o ambiente d'este fim de seculo, alastrado de monumentos demolidos. de esperanças despedaçadas, de illusões quasi mortas mil vezes revolvidas, trouxe-nos tambem até nos o nervosismo das duvidas com que o pess mismo contorce os corações e as fadigas obscurecem os cerebros.

Serà isto un fin, senhores... affigura-se-nos aŭtes um transiĝão, o pfincipio de qualquer coŝsa nova... Uma ou duas gerações passadas, e nos eromos que o espirito, portuguez fixará a norma d'uma nova orientação, libertando-se de tamultuar de pensamentos gastos e tão contrarios, que até faz parecer á gente que por completo se baniu lá dentro a existencia de todo e qualquer pensamento.

A. C.

#### Carteira dos idealistas

(EXCESPIO)

Meu caro senhor Eu! -- na mesma casa que habitaes não vive tambem o meu coração? Que faz elle? Dorme? Passa o tempo a jogar na loteria? Offerece entrevistas ás Sombras? Quem são os convidados para o seu five oclock tea? Existe ainda, ou não existiu nunca? Será elle apenas uma pequena caixa de rapé inexgotavel que todos os dedos abram para tirar uma pitada, on é com effeito um pa-lacio de oiro é de ether apainelado de illusões, com grandes bosques de myrto? Lembra me que uma occasião eu tive de me desenleiar dos braços amantissimos da familia e lembra-me também que, um dia, alguem não me quiz dizer a palavra amo-te!, que para nim valla mais que os seis mil annos do mundo com toda a sua immensa explosão de luz e de rosas... Era tarde, à hora em que as Inliettas molham o carmim dos labios nos lagrimas da Noite, recolhidas pelas sylphides na corolla dos Jyrios . . . . Nunca se encontrou la dentro com um leão? Suicidou-se, quem sabe? Oh! mas não, vive ainda, que eu sinto dentro em mim, como os passos de um pliantesma, um não sei qué, que, tornando-me radiante ou tenebroso, me estremece e me agita... È elle que dorme e o seu somno agitado faz vibrar os proprios labios das estrellas! Quantas vezes - pobre do triste! - não ouvirá elle o ruge-ruge de um vestido e não sentirá um olhar, quasi phisicamente, como se lhe atirassem um punhado de nuroras, atravez das paredes do cala-bolço em que vive!... É ella, esse alguem, que não é a estatua invisivel amassada na argila da minha phantasia, mas sim o quer que seja como um mysterio encarnado de luz, como uma sensitiva com estremecimentos divinos -, estonteante creança, de olhos tão escuros como as minhas negras maguas, que passa iunto a mim calcada de chimeras, terna e branda como as balladas do Oriente,

Um projeto de publicação em Lisboa, que não passou da edição de 8 de dezembro de 1889<sup>171</sup>, foi *O País*, que almejava ser uma "folha bissemanal de política, artes, letras, notícias e anúncios". Tinha uma proposta essencialmente político-partidária, alistando-se "nas fileiras do Partido Regenerador, como um soldado novo". Afirmava que tal agremiação não se dividira como diziam os adversários e considerava que seu partido era "o mais forte do país", tendo "vida, alma, vigor" e "indiscutível autoridade" 172.

<sup>171</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 149.

<sup>&</sup>lt;sup>172</sup> O PAÍS. Lisboa, 8 dez. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.



Também na capital lusa circulou outro representante do jornalismo crítico, satírico e humorístico, era o semanário *Noventa Diabos*, publicado de 28 de dezembro de 1889 a 24 de abril de 1890<sup>173</sup>. Ele empregou um discurso de repulsa para com a forma de governo dominante em Portugal, pregando abertamente a revolução republicana. Tinha o intento de "preencher um vácuo" que existia "no modo de dizer e na forma de ataque", prometendo ser um "inimigo intransigente dos homens nascidos dos privilégios" e "um soldado valente na liça contra a monarquia"<sup>174</sup>.

-

<sup>&</sup>lt;sup>173</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 129.

<sup>&</sup>lt;sup>174</sup> NOVENTA DIABOS. Lisboa, 28 dez. 1889. A. 1. N. 1. p. 1.



Nunca.
Proisge elle a liberdiade?
Não.
Serve para a mascara?
Serve para a mascarar?
Serve para a mascarar.
Serve para a mascarar.
Serve para

sempere de catálo. O Zo Aparyst
liciotato va seguentar a haudat, e
demois, moito moi por o presentar a la catala, e
demois, moito moi por o cesto,
de demois, moito de catala, e
demois, moito de catala, e
demois, moito de catala, e
demois, moito de catala demois de la catala de
demois de catala de catala de la catala del moi porta del catala de la catala del moi porta del catala del catala del moi porta del catala del c

Ainda em Lisboa, mais uma proposta de publicação diária foi *O Eco*, que teria duração extremamente limitada, restringindo-se ao período entre 1º e 21 de janeiro de 1890<sup>175</sup>. No cabeçalho aparecia a inscrição "diário da tarde — político, noticioso e literário". Destacava que sua divisa concentrava-se "em seis palavras: pelo povo, pela pátria, pelo bem" e buscaria manter tal legenda. Dizia que seguiria o partido daqueles que colocassem "os seus interesses pessoais muito abaixo dos seus deveres de cidadão", e que não se servissem "simplesmente do favor dos crentes para mais depressa alcançarem as culminâncias do poder"<sup>176</sup>.

-

<sup>&</sup>lt;sup>175</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 272.

<sup>&</sup>lt;sup>176</sup> O ECO. Lisboa, 1º jan. 1890. A. 1. N. 1. p. 1.



Voltada a um jornalismo especializado, também foi editada em Lisboa, mensalmente, entre 12 de janeiro de 1890 e 17 de junho de 1894<sup>177</sup>, *A Sapataria Portuguesa*, que se dizia um "jornal profissional interessando a indústria do calçado, e as outras relativas", que fora "fundado por iniciativa da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado". Tinha por meta oferecer "instrução profissional" aos operários, pois a sociedade que o fundara, tivera "fins altamente civilizadores e progressistas", entendendo que o progresso da corporação caminhava velozmente quando apoiado na imprensa<sup>178</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>177</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 269.

<sup>&</sup>lt;sup>178</sup> A SAPATARIA PORTUGUESA. Lisboa, 12 jan. 1890. A. 1. N. 1. p. 1.

NTIM. 1 Lisboa, 12 de Janeiro de 1890 ANKO I Jornal profissional interessando Pundado por iniciativa da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado Redactor principal - Manoci Gomes da Silva Annuncios Assignaturas REDRECKO E ADMINISTRAÇÃO Cada linha. Por series de 6 on 12 numeros em Quando acomponhado de desenhos, gravu-ras, modelos con modes, será angreentado o preço da assignatura do jornal. 30 reis Travessa d'Assumpção, 69, 1.º tos a desprezam, outros que annuem a pertencer-lhe, EXPEDIENTE não mostram o indispensavel interesse em acompanhar os trabalhos dos mais dedicados. Tiragem 1:000 exemplares, dos quaes 600 destinados N'estas poucas palavras descobrimos o estado actual da instrucção e da educação da majoria do nosso povo. para Liaboa, 200 para as provincias e 200 para o Estrangeiro, Colonias e Brazil. Para isto muito têem concorrido os altos dirigentes das Os artigos não assignados são da responsabilidade do cousas publicas, os quaes influenciados pela indolencia nacional hão adiado constantemente para amanhã o que redactor principal. se devia fazer já hoje. A Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, que AUX MAISONS ÉTRANGÉRES À messieurs les representants des fabriques et mai-

## cteur en chef de la Sapataria Portugueza, M. Gomes da Silva, 89, 1.", Travessa da Assumpção — LISBONNE. ORIGEM DO JORNAL

sons industriclies et commerciales, à qui nous remettons ce numero nous leurs prions de nous favoriser avec leurs abou-

nements et annonces, en s'addressant sans delai au reda-

shoovesso segue seu caminho com mais ou menos actividade: onde mesmo elle encontra maiores difficuldades, shi com o correr do tempo se descobre a sua acção:

Quarenta e um annos depois que a sapataria parisiense acolheu com favor o seu jornal profissional Le Moniteur de la Cordonnerie, se tenta em Portugal a publicação do jornal profissional para a sapataria portugueza.

N'esta differença de 40 annos se distinguem as duas raças, a franceza e a portugueza; e se reconhece que nos ou temos sido mais indecisos para caminhar ávante ou a instrucção com muito custo tem progredido no

Não faltam agoureiros para nos affirmarem ser ainda cedo para a tentativa. Não queremos acreditar.

Se nossos antecessores não sabiam nem lêr, muitos dos que representam actualmente a corporação têem a vantagem de o saber bem ou soffrivelmente, e se a in strucção é ainda deficiente, é certo que mais desenvolvida se manifestara em nossos filhos e netos, porque a sua utilidade e necessidade cada vez se reconhecem

A instrucção profissional começa agora a ser offere-cida e procurada. Os nossos operarios actualmente nas officinas não tiveram a sorte de a encontrarem no periodo da sua apprendizagem.

A marcha lenta do progresso em Portugal não é so devida « ignorancia da grande maioria do nosso povo, tumbém a indolencia não tem permittido caminhar mais rapido na gloriosa tarefa.

tambem nasceu tarde, ainda veiu encontrar nos seus primeiros passos a falta de anxilio dos que não possuem

Os fundadores da nova Associação que escreveram nos seus estatutos fins altamente civilisadores e progressistas, que no seu projecto de uma cooperativa mostrant disposição para trabalho muito proveitoso á corporação, entenderam acertadamente que o progresso caminha mais velozmente quando, a par da Associação, vae a imprensa.

A imprensa envia nos que ficam em casa ou estão longe às ideias e as noticias des ectos dos que assumem a direcção das cousas sociaes. Lendo ou ouvindo lêr, se acceitam as doutrinas dos apostolos do progresso, e assim se recrutam mais facilmente auxiliares para o seu desenvolvimento.

Deve-se a existencia da Associação Industrial dos Logistas de Calcado a apparição d'este jornal, este serviço já é bastante para ella merecer o apoio, não só dos membros da corporação, como de todos os amantes do progresso da nossa terra.

Crêmos que não nos illudimos quando suppozemos que 40 annos atraz da França, já a corporação dos sapateiros portuguezes poderá apreciar e sustentar o seu ornal profissional.

Assim o esperamos.

#### Estatutos da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

A falta de espaço que nos obrigou a retirar alguns artigos da redacção, tambem nos impede de publicar na integra os Estatutos da nossa Associação, como era nosso preposito; limitar-nos hemos hoje ao seu primeiro capitulo.

#### CAPITULO J

TITULO, FINS E REPRESENTAÇÃO

Art. r.º A Associação Industrial dos Lojistas de Calcado, fundada em 17 de outubro de 1889, tem por fins A Associação, que é um grande eleme to civil dor, 1.º Defender e promover os interesses da classe dos não mestra ainda todo o poder de que « apaz. Se mui- lojistas fabricantes de calçado, sustentando deprío do

Na povoação de Cais do Pico, na Ilha do Pico, nos Açores, circulou o jornal de título O Popular, no período de 2 de março de 1890 a 10 de março de 1893179. A folha estampava no frontispício o dístico "semanário regenerador", seguindo, portanto, uma proposta partidária. Dessa forma, o periódico dizia que tinha por função ser um "soldado fiel", que marchava "à sombra da bandeira do Partido Regenerador", assim como advogava "desinteressadamente a causa do povo", por considerá-la "a mais sagrada de todas as causas" 180.

<sup>179</sup> RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 180.

<sup>&</sup>lt;sup>180</sup> O POPULAR. Cais do Pico. 31 maio 1891. A. 2. N. 1. p. 1.



Na região do Minho, em Barcelos, no distrito de Braga, circulou *O Comércio de Barcelos*. Apresentava-se como "semanário político, literário e noticioso" e foi editado de 9 de março de 1890 a 2 de abril de 1910<sup>181</sup>. Em seu programa, prometia "lutar em prol da pátria, advogar os interesses" da sua terra, "procurar fomentar o desenvolvimento da indústria e das artes" e "pugnar pelo melhoramento das classes comercial e agrícola". Dizia ainda ter uma "linha de conduta esboçada no Partido Progressista", mas não como "fanático partidário" arrastado pela "paixão política" e sim baseado na sua consciência<sup>182</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>181</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 176.

<sup>&</sup>lt;sup>182</sup> O COMÉRCIO DE BARCELOS. Barcelos, 9 mar. 1890. A. 1. N. 1. p. 1.



Na Aldeia Galega do Ribatejo (Aldegallega, mais tarde Montijo), localidade portuguesa, próxima à Lisboa, na Estremadura, foi editado o *Clamor da Pátria*, um "semanário político, noticioso e literário" que existiu de 13 de abril de 1890 a 15 de maio de 1892<sup>183</sup>. Atuou em prol do regime monárquico, afirmando que pretendia "defender os interesses da pátria, de preferência aos interesses de qualquer ordem". Afirmava que a "missão da imprensa" era "manter inabaláveis as leis do progresso, e educar moralmente o espírito social", atendendo apenas à justiça e à moralidade<sup>184</sup>.

<sup>183</sup> RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 163.

<sup>&</sup>lt;sup>184</sup> O CLAMOR DA PÁTRIA. Aldeia Galega do Ribatejo, 13 abr. 1890. A. 1. N. 1. p. 1.



#### ALDEGALLEGA

0 sr. Joaquim Augusto Guerreiro da Fonse-ca sollicitador n'esta co marca, encarrega-se ob-sequiosamente de accel-tar, até às 5 horas da tarde de todas as 5.º feitarde de todas as 5. lei-ras, quaesquer annuo-elos para o Clamor da Patrias ou trabalhos ty pographicos que tenham deser executados na nos sa officina.

# 24 DE JULHO

Nada ha mais tristemente re-velador da decadencia moral de um povo do que o indifferentis-mo pelas suas datas gloriosas. As commemorações civicas dão a expressão do comprehendimento, e a affirmativa da gratidan social dedicada à memoria de social dedicada à memoria dos manyres da civilisação, e dos beritos propugnadores do cre-

Esquecel-os, desprezal-os, é um grave delicto nacional, e um per-nicioso exemplo a futuras gera

Em Portugal manifesta-se este miserrimo phenomeno; tudo quanto recorda os fastos mais ellos da nossa existencia bistarica. vai pouco a pouco sendo renegado ou esquecido pelos bomens de hoje. A fibra do civis-mo atrochion-se completamente. mo atruthun-se completamente, e a indiferença casquina, por vezes, umas rimidas lorpas, quando se adha em face de qualquer entusiasta sincero, a quem as semorias do passado mereçam o culto da religião patriviteza.

Tudo o tempo leva! Ha annesinda tinhamos em o nosso kulendario notamo um das assiguasales faces da familia portu-

lados, festas da familia portu gueza, que nos davam momentos

e expansão, e incultam momentos de expansão, e incultam mestodos. Entre esses das contrava-se o \$\$ de juito. Hava salvas no castello de \$\$1.5 per, revista de atricas, illuminações publicas, em im festejas, que eram cono que que mo culto nacional à memoria dopara o tendo nacional à memoria dopara con porto de Mindello, cratisamente na hora das detorias de publicas, em praco de manda de presa de superior de la medica de proprias para de coração da Patria.

Os veilas unbam lagrimas de sultade, so a nova sectiam par plinções de embusiamo, e todies mais ou memos se compansa para de ellar a crise herrivel a que some despensa de estada para de la complexa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a que some despensa de ellar a crise herrivel a

mais ou menos se compoviam que poderemos receber a pé fir-quando, de madrugada, as ban-das regimentaes semeavam pelo decrubar-vos.

|| espaço as notas vibrantes, ani ||

ria estava ligada âquella espor-ia
escripta con generosa sangulissitano, e sancificada pela didicação de tantes martyres.

E parezis-nos que n'aquelle
da, ao son d'aquelle liymno,
com se espritu provado de segradas visões, seriamos capares
siteriamos em dar o nosso sinque, a cossa visã, pela trindadsublima — Patria, Progresso e
Liberdade! Liberdade t

A rajada passou este anno so-A rajaria passou este anno so-hre as memoras que o dia avi-ventava, mas os factos que se releiobravam em regosio publico-esses teem sido pouco a poirco arrancados da consciencia nacio-nal, onde a destruiçõo laujou a jorros o narcotico do indifferen tempo.

Demais sabemos nós todos que os acontecimentos liberaes nãos aconecimentos tiberaes na-podem ser a terradeira expres-são do progresso político de qualquer nacionalidade; porém a grande transformação que o li-heralismo trouxe à sociodade cuheralismo trouxe à sociedade cu-ropea, o pertamento generoso des reus fartores, e o muito que o nivel da diguidade popular au-tiu com a implantação d'esta for-mula governativa, não pode, não deve ser esqueçado pelos espiri-tos cultos e pelos caracteres re-

uo intuito da salvação publica.

O pensamento dos martyres da O penasmento dos marryres da libertade foi desviado do seu no bre film. No cubanto é dever dos democratas hodienos fazar intuiriz justiça a esses arrojados democratas de lonetem, nos fibes imputudo responsabilidades que não teem. Se os valentes que rodearam o valente D. Pedro IV houvessem podido suspeitar quan-Tudo o tempo leva! O dia 24 us abusos, quantas luncuras, traz-nos 4 ideia uma bella arvore da las à sombra da arvore da Li-

> nura e o nosso reconhecimento.
>
> 8' por isso mesmo que nos devenos suir no pensamento hieroico
>
> "Deparâmos no Parz de 20 de mos unir no pensam-nto beroico de completar a obra por elles iniciada, essa bella obra da Li-berdada, sobre a qual choveran um dia os loiros do Progresso.

que são as binçãos de Deus.

A ingratidas é o mais exacrando dos delictos. Se aos que adulteraram o creito liberal mordem
ex remorsos a ponto de não poderem entoar os tedeuas do ci visino em frente do altar da pa-tria, arrastem-se pela terra, cu-bram a fronte de cinzas, e mur-marem afflictos os misereres do arrepondimento.

arrepondimento.
Mas os justos, os leaes, os fortes e impolitates não devem deitar morrer as glorias da nossa
historia. Sejam quaes forem as
"munues políticas da grande escola liberal, salbamos todos vene rar o nome dos que nos aplana ram difficuldades e rasgaram os intérminos horisontes da liberda ndermines turisontes da liberda
de do pensamento, e vomos cada anno respectoarmente espahar sobre as suas sepulturas as
flores da nossa gratidan. Sejamos
justos para que oniros o sejam
comosco, e relembremos sempre que ningieni tem o direito
de esperar dos que hão de vir o que negou aos que ja passa-

ram. Heroes da Liberdade, nos vos squalamos I Pequenos embera, sa-lesenos amar e comprehender « cosas satilime conugens e inter-pretrar, as rossas democraticas uma chuses de regulos e pre-

Verdade como è que se espe-[] aspirações ! Polluiram a 305-3 espaço as notas vibrantes, ani mealissimas e soneras do lytrantes un mealissimas e soneras do lytrantes mortina que su mante composito de la c de e cilterio para propelernos sem precipitação nen tibiezas, no intuito da salvação publica. Teste em nossos corações, e vos-sos nomes serás promunicados com respetto e affecto pelos se-bios rosados de nossos tunicam tes filios.

Angelina Vidal.

# BRAZILEIRA

Não podemos deixar de transcrever do mosso college o Uni-creal, a carta que o sr. Cesar Zama dirigiu ao general republia-cano portuguez o sr. Latine Coe-lho. Por ella os massos leitores ajustarão dos homens e das colcarregado de fructos. Vem um gaia to roba um se tatos, o que en aire plantaga por elles plantada no de portuguez, recuarána notamba que em ponco tempo este para o mortimente feridos nas desadoranda. Por fim chesa um atomo despesa das folias e um a pajada hibernica parte-lhe os desenvolves de por escales a nosas termos desenvolves de por escales a nosas termos de se como esta de c

março com o artigo de vossa in-vra, que ao lado transcrevemos. Não vos temos somente por eximio jornalista, escriptor pri-moroso e erudito; mas auda por homem homestissimo e republicano às direitas.

un as direitas.

Um homem de vossa ordem não deve continuar illudido pelas informações interesseiras, que de rå the transmittem. É indispensavel que um jorna

lista obscuro, que é também de-putado n'esta infeliz terra, mas que se preza de ser sempre ver ladeiro, vos arranque a vanda, que tindes sobre os ellos d'alma. Estaes longe de faz-r a mais

ligeira ideia do que é o Brazil actualmente, e do que é Repu-buca, que a 15 de novembro foi prociamada, despertando tão vi-vas esperanças no seio da nossa

D'aquella data em diante passámos de cathegoria de povo ci-vilisado, em que eramos tidos no velho mundo para o estado bar-

Nos não temos aqui republica Nos não temos aqui republita alguma; temos uma desgraçada autocracia, é à sua frente o mais ignorante, o mais iecapas dos solidados bregeiros, que podertes imaginar.

Juntae a isto ministros incapa-

Esse conjunto de jornais apresentavam formatos variados, predominado dentre eles aqueles de maior tamanho dentre os representantes da imprensa diária e mesmo alguns semanários, ao passo que determinados integrantes da pequena imprensa, notadamente certos satírico-humorísticos, tinham a forma de pequenos folhetos. Já no que se refere aos custos, eles também foram variáveis, mas mantendo um certo equilíbrio no que tange à periodicidade das publicações, ao passo que, normalmente, as folhas mais caras eram aquelas que dependiam de maior refinamento tipográfico, notadamente as publicações ilustradas. Em relação às tiragens, as informações expressas nos próprios jornais era escassa, mas, alguns deles traziam tal dado, variando entre a cifra de três mil a vinte e seis mil exemplares. No que tange ao impacto da imprensa, ainda que o analfabetismo fosse predominante em Portugal, houve um decréscimo em suas taxas no decênio final do século XIX185, além disso, a população também tinha uma tendência de crescimento no mesmo período<sup>186</sup> e o próprio periodismo passava por uma fase de evolução. Mas a relevância e o alcance da imprensa iam além da própria questão da leitura direta, uma vez que "cada exemplar" passava "de mão em mão", ou era "lido em voz alta em grupos não muito pequenos"187. Somava-se a isso, uma prática de várias empresas,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>185</sup> ALVES, Luís Alberto Marques. O ensino. In: SERRÃO, Joel. & OLIVEIRA MARQUES, A. H. de. (dir.). *Nova História de Portugal – Portugal e a Regeneração (1851-1900).* Lisboa: Editorial Presença, 2004. v. 10. p. 312.

<sup>&</sup>lt;sup>186</sup> VEIGA, Teresa Rodrigues. As realidades demográficas. In: SERRÃO, Joel. & OLIVEIRA MARQUES, A. H. de. (dir.). *Nova História de Portugal – Portugal e a Regeneração (1851-1900)*. Lisboa: Editorial Presença, 2004. v. 10. p. 22.

<sup>&</sup>lt;sup>187</sup> TENGARRINHA, 1989. p. 150.

grandes e pequenas, de afixarem exemplares em murais nas suas oficinas e/ou escritórios e, finalmente, a repercussão que a opinião expressa por um periódico tinha em termos de difusão através da oralidade, cristalizando-se expressões como "saiu no jornal tal" e os consequentes comentários que daí advinham. Esta breve amostragem permite uma ideia acerca da conjuntura jornalística lusa na década final dos Oitocentos.

# A CRÍTICA POLÍTICA NA IMPRENSA ILUSTRADA E SATÍRICO-HUMORÍSTICA PORTUGUESA: BREVE ESTUDO SOBRE *A CORJA*

No seio da imprensa periódica lusitana um dos gêneros que encontrou ampla popularidade foi o vinculado ao periodismo ilustrado de natureza satírico-humorística, mormente aquele ligado à difusão da arte caricatural<sup>188</sup>. Tais publicações tinham uma proposta joco-séria, uma vez que o humor pode ser simultaneamente divertido e sério, ainda mais por refletir uma qualidade vital da condição humana. Nesse quadro, o enfoque calcado no humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas, ao oferecer um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura<sup>189</sup>. A arte caricatural expressa por meio do jornalismo traz um olhar sobre o mundo pelo prisma cômico, visando a que o leitor tivesse interesse pelas circunstâncias que lhe cercavam, levando à reflexão acerca dos acontecimentos. Tal comicidade e o uso de uma linguagem mais próxima do pública ampliavam o poder de influência sobre a opinião pública e, por meio da imagem, produzia o impacto junto dos consumidores desse tipo de jornalismo. No contexto luso, o espírito crítico desses periódicos servia como arma de

-

<sup>&</sup>lt;sup>188</sup> A respeito desse gênero jornalístico, ver: RODRIGUES, Paulo Madeira. *Tesouro da caricatura portuguesa (1856-1926).* Lisboa: Círculo dos Leitores, 1979.; e SOUSA, Osvaldo Macedo de. História da arte da caricatura de imprensa em Portugal (na monarquia, 1847/1910). Lisboa: Edição Humorgrafe/SECS, [s.d.].

<sup>&</sup>lt;sup>189</sup> DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 251.

combate ao sistema degradado que marcava o Estado Nacional português ao final do século XIX<sup>190</sup>.

Dentre os representantes desse jornalismo, foi publicada em Lisboa A *Corja*, que circulou entre junho e outubro de 1898<sup>191</sup>. Revelando sua periodicidade, anunciava em seu frontispício que se tratava de um "semanário de caricaturas" - embora ao longo de sua existência tenha buscado uma circulação bissemanal - contando suas edições com quatro páginas dedicadas em grande parte a lançar um olhar crítico sobre a estrutura política portuguesa, mais especificamente contra a forma de governo, o monarca e os homens de Estado. Em sua apresentação, demarcava que pretendia ter uma atuação "ríspida, vibrante" e carregada na sátira, sendo voltada às "multidões", revelando com jocosidade tal explicação seria estéril, já que "a maioria dos cidadãos lusitanos isto importaria no mesmo que ensinar o padre nosso ao vigário". Nessa linha, declarava que a publicação trazia em si o sentido de uma "multidão inumerável de homens decentes, limpos, honestos, filantropos e morais", que vários pensadores chamavam de "tunantes, meliantes, rapinantes, safardanas, bigorrilhas e melcatrefes"192. Com base em tal proposta, o hebdomadário utilizouse largamente de suas representações caricaturais para realizar a crítica de natureza política, escopo deste estudo.

-

<sup>&</sup>lt;sup>190</sup> ALVES, José Augusto dos Santos. *O poder da comunicação*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005. p. 123 e-125 e 127-128.

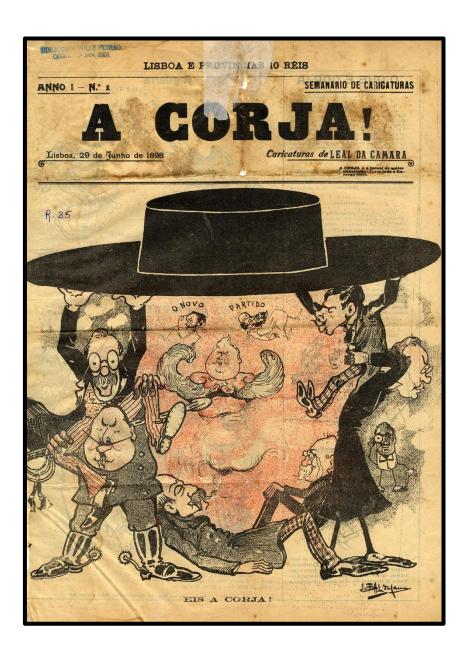
<sup>&</sup>lt;sup>191</sup> RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 191.

<sup>&</sup>lt;sup>192</sup> A CORJA. Lisboa, 29 jun. 1898, p. 2.

Já na capa da primeira edição o periódico mostrava a que vinha, trazendo a figura do rei D. Carlos, cuja face era apresentada como resultado de uma composição de caricaturas de algumas das personalidades de maior visibilidade e peso político, ou seja, José Luciano de Castro, Francisco Maria da Cunha, Mariano de Carvalho, Hintze Ribeiro, João Franco, José Dias Ferreira, Augusto José da Cunha, Augusto Maria Fuschini e José Alpoim. O desenho tinha por legenda a sucinta frase "Eis a corja!" carregando desse modo na natureza provocadora e mordaz do semanário, ao mesmo tempo em que esclarecia os leitores sobre aquele que seria o principal centro de interesse da publicação: as instituições monárquicas, sobretudo o soberano, assim como o governo, os deputados, os conselheiros, os detentores de cargos públicos, e, em uma palavra, os políticos e os que viviam na sua sombra<sup>194</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>193</sup> A CORJA. Lisboa, 29 jun. 1898, p. 1.

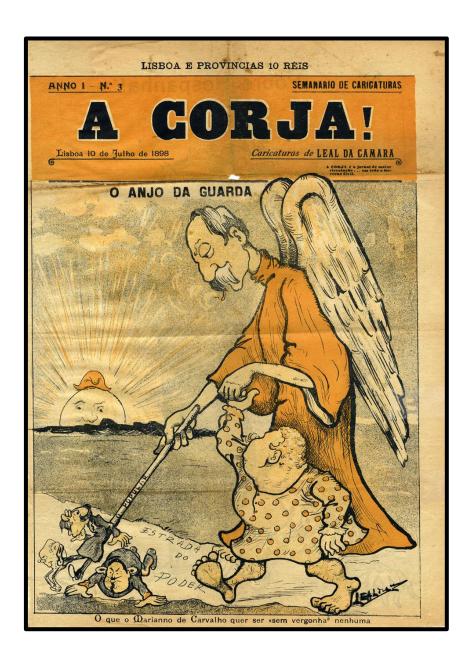
<sup>&</sup>lt;sup>194</sup> CORREIA, Rita. *A Corja*. Lisboa: Hemeroteca Municipal de Lisboa, 2010. p. 1.

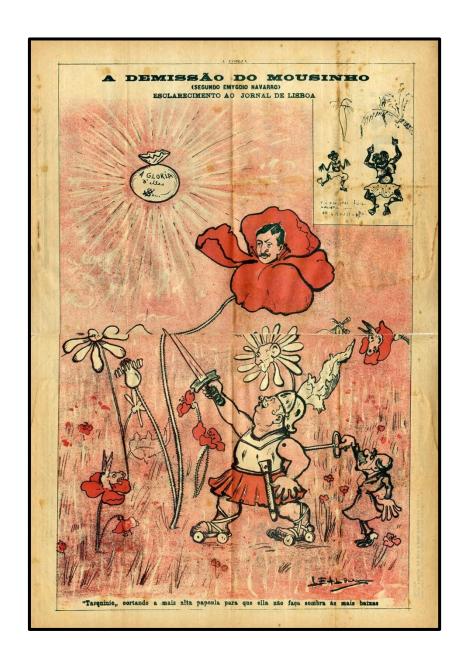


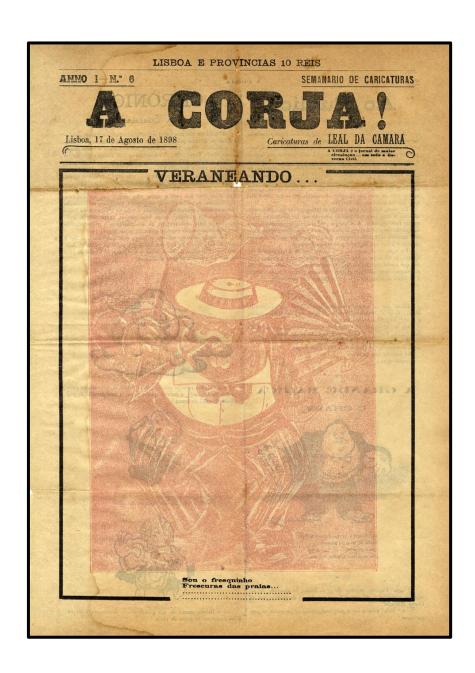
Em outra representação caricatural, a figura do rei era depreciada, ao representá-lo como uma criança desprotegida e de pijama, sendo conduzido pela mão por uma personalidade mais velha que fazia o papel de anjo da guarda, tirando os políticos do caminho, em alusão à perspectiva de que o soberano não teria condições próprias para administrar o país. No desenho, ainda aparecia no horizonte um sol nascente que portava o barrete frígio – símbolo do republicanismo – em sinal da expectativa do periódico por mudanças institucionais em Portugal<sup>195</sup>. O monarca era mais uma vez apresentado como um governante manipulável, ou seja, vestido à romana, mas de patins, transformava-se em um boneco de corda, comandado pelo seu ministro, ao adotar uma medida considerada desastrosa na política governamental voltada à administração do território colonial africano<sup>196</sup>. O soberano era ainda mostrado como completamente despreocupado com os assuntos de Estado, preferindo veranear e se divertir intensamente.

<sup>&</sup>lt;sup>195</sup> A CORJA. Lisboa, 10 jul. 1898, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>196</sup> A CORJA. Lisboa, 17 jul. 1898, p. 2.







A política repressiva governamental foi demonstrada pelo hebdomadário mais uma vez com a figura do monarca, que se juntava à força policial para promover a coerção da imprensa<sup>197</sup>. D. Carlos aparecia ainda sendo derrubado, pelo político que lhe engraxava as botas, buscando o periódico mais uma vez demarcar suas incapacidades e o pouco critério na escolha de seus auxiliares, como ficava bem expresso no termo pelo qual ele era chamado, ou seja, de bacoco, que, em linguagem informal, corresponde a um indivíduo que demonstra ingenuidade ou falta de perspicácia, equivalendo a um pacóvio ou tolo<sup>198</sup>. Os desacertos administrativos nos territórios africanos foram mais uma vez alvo da crítica do periódico, ao mostrar o ministro dormindo em uma cadeira, enquanto um britânico levava uma negra africana pelo braço, em clara referência aos interesses imperialistas ingleses nas colônias lusas na África<sup>199</sup>. A tradicional figura do Zé Povinho, representação do povo português muito difundida no meio caricatural foi apresentada pelo semanário conduzido por um chicote pelo administrador público e sendo cavalgado pelo próprio rei, em alusão a um suposto desprezo da monarquia para com a população<sup>200</sup>. Aquele mesmo homem público era mostrado como um ladrão, que roubava o dinheiro de um agrilhoado Zé Povinho<sup>201</sup>.

\_

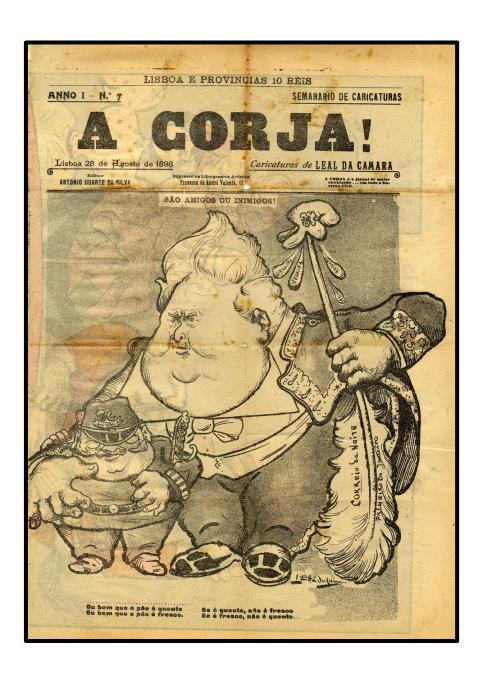
<sup>&</sup>lt;sup>197</sup> A CORJA. Lisboa, 28. 1898, p. 1.

<sup>&</sup>lt;sup>198</sup> A CORJA. Lisboa, 11 set. 1898, p. 1.

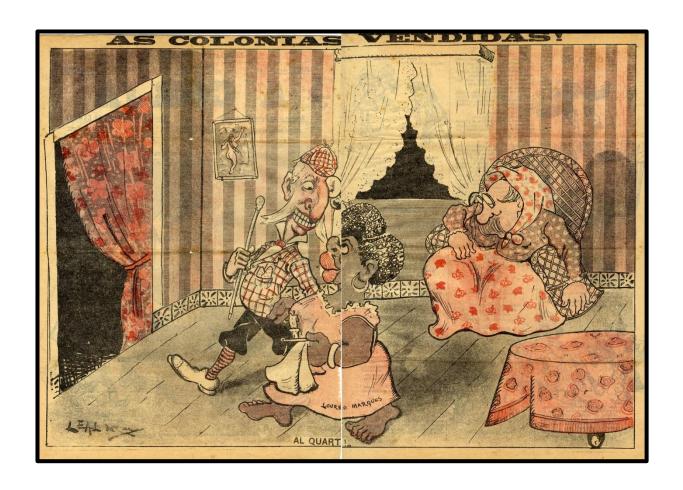
<sup>&</sup>lt;sup>199</sup> A CORJA. Lisboa, 15 set. 1898, p. 2.

<sup>&</sup>lt;sup>200</sup> A CORJA. Lisboa, 18 set. 1898, p. 1.

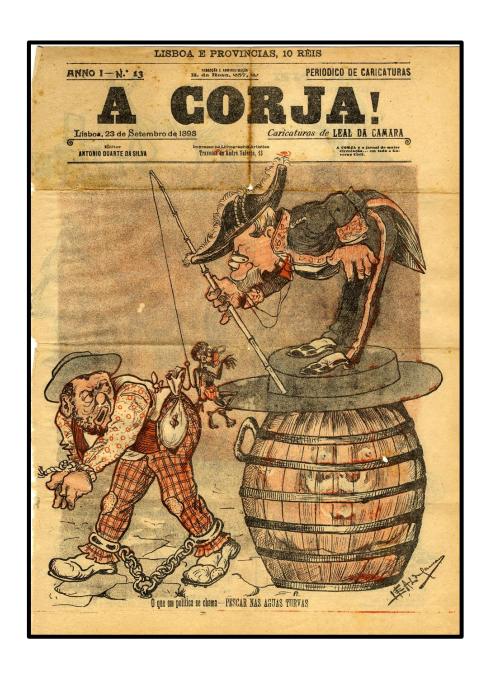
<sup>&</sup>lt;sup>201</sup> A CORJA. Lisboa, 23 set. 1898, p. 1.











As poucas edições da publicação ilustrada satírico-humorística lisbonense punham a nu a sua obsessão contra a figura do monarca, impiedosamente criticado, menorizado e ridicularizado. A redação/litografia do periódico chegava a considerar-se mesmo "carleaturista", levando em conta que o rei era a instituição que definia o regime. Dessa maneira, seria mais rigoroso proclamar-se "monarquicaturista", pois o fim último da luta que lhe inspirava era a implantação da republica. A folha não chegou a assumir politicamente, mas alinhava os seus comentários jocosos e as suas críticas mais violentas pela bitola da imprensa republicana<sup>202</sup>. O conjunto de caricaturas apresentado compreende uma amostragem da indignação pela qual *A Corja* observava a estrutura estatal portuguesa, seu aparelho administrativo e, representando toda a sua insatisfação, o rei D. Carlos.

<sup>202</sup> CORREIA, 2010. p. 2.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.









edicoesbibliotecariograndense.com



IBSN: 978-65-5306-062-3